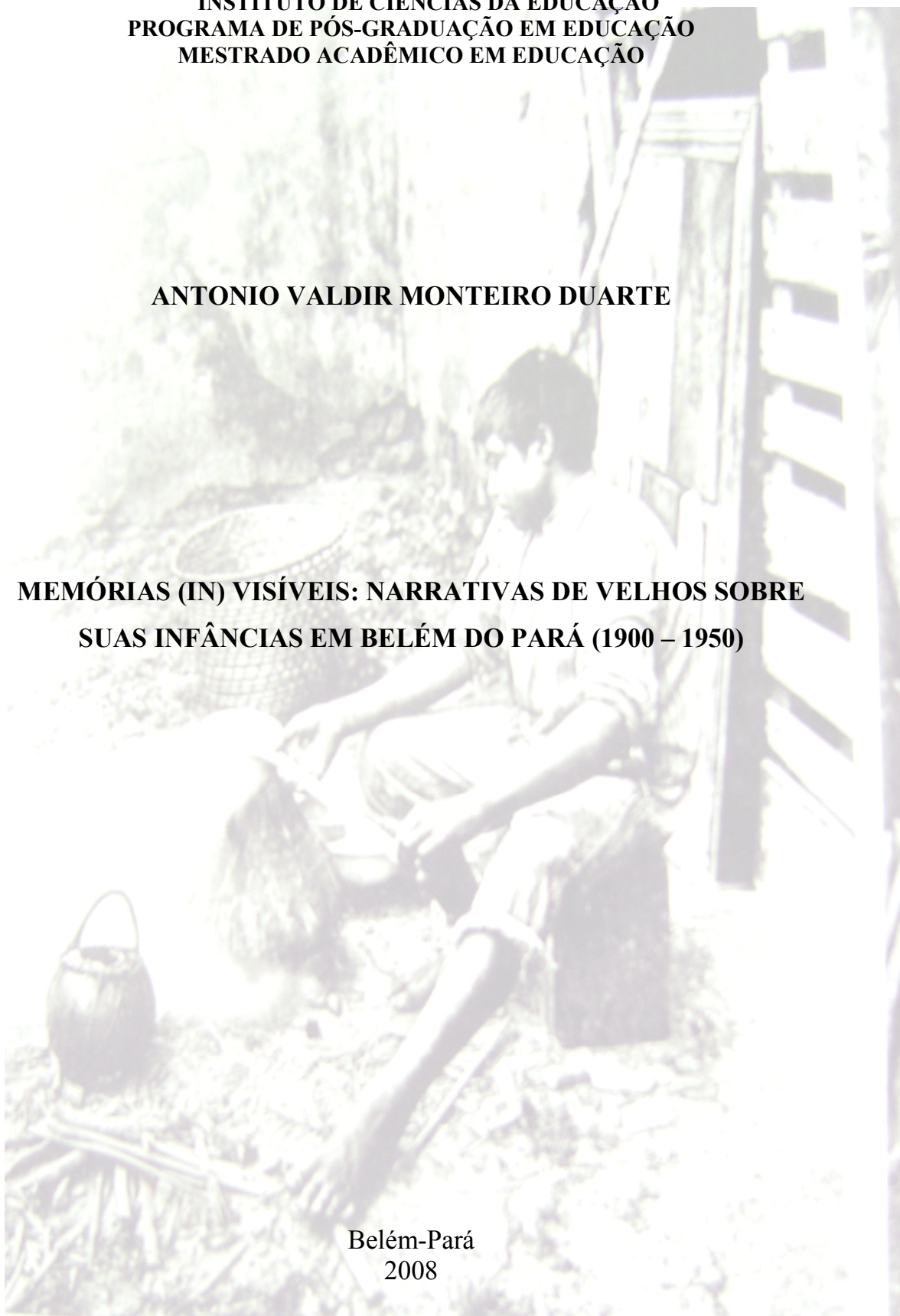


**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO**

ANTONIO VALDIR MONTEIRO DUARTE

**MEMÓRIAS (IN) VISÍVEIS: NARRATIVAS DE VELHOS SOBRE
SUAS INFÂNCIAS EM BELÉM DO PARÁ (1900 – 1950)**

Belém-Pará
2008



ANTONIO VALDIR MONTEIRO DUARTE

**MEMÓRIAS (IN) VISÍVEIS: NARRATIVAS DE VELHOS SOBRE
SUAS INFÂNCIAS EM BELÉM DO PARÁ (1900 - 1950)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, vinculado ao Instituto de Ciências da Educação da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação, sob a orientação da Professora Doutora Laura Maria Silva Araújo Alves.

Belém-Pará
2008

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP) –

Biblioteca Profa. Elcy Rodrigues Lacerda/Instituto de Ciências da Educação/UFPA, Belém-PA

Duarte, Antonio Valdir Monteiro.

Memórias (in)visíveis: narrativas de velhos sobre suas infâncias em Belém do Pará (1900 - 1950); orientadora, Profa. Dra. Laura Maria Silva Araújo Alves. _ 2008.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Belém, 2008.

1. Crianças – Aspectos sociais – Belém (PA). 2. Belém (PA) – Infância – 1900 - 1950. 3. Currículos – Belém (PA). 4. História oral. I. Título.

CDD - 21. ed.: 305.23083098115

ANTONIO VALDIR MONTEIRO DUARTE

**MEMÓRIAS (IN) VISÍVEIS: NARRATIVAS DE VELHOS SOBRE
SUAS INFÂNCIAS EM BELÉM DO PARÁ (1900 - 1950)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação, vinculado ao Instituto de Ciências da Educação da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação, sob a orientação da Professora Doutora Laura Maria Silva Araújo Alves.

Banca examinadora

Prof^ª. Dr^ª. Laura Maria Silva Araújo Alves – ICED/UFPA
Orientadora

Prof. Dr. Salomão Antonio Mufarrej Hage – ICED/UFPA
Examinador

Prof^ª. Dr^ª. Nazaré Cristina Carvalho - UEPA
Examinadora

Prof. Dr. Celso Antonio Coelho Vaz – ICESA/UFPA

Avaliado em: ____/____/____

Conceito: _____

*À memória de minha avó, Maria do Carmo, falecida no ano
passado, logo após completar seus 100 anos de vida. Dona de
tão grande sabedoria e sensibilidade, que por tantas vezes
surpreendeu a todos nós com suas histórias.*

AGRADECIMENTOS

Esta pesquisa celebra a história da infância de muitas crianças que viveram e ficaram perdidas por esse país afora. Crianças que como o menino Osvaldo e as meninas Corila, Glória e Rosa sobreviveram a um tempo marcado por muitas indefinições e incertezas. Em primeiro lugar, são a eles que quero externar os meus mais sinceros agradecimentos, pela disponibilidade e sensibilidade que demonstraram ao lembrar suas infâncias.

Agradeço imensamente também à Professora Laura Alves, pela sensibilidade que demonstrou em suas orientações, nos momentos exatos em que o processo de pesquisa exigia.

Não poderia deixar de mencionar o nome de uma pessoa que me acolheu e me acompanhou cotidianamente, me dando carinho, coragem e desejo para realizar este estudo. Minha amiga e irmã Lina Gláucia.

Quero registrar também a importância de minha companheira de temática Tatiana Charone, grande amiga que conquistei nessa trajetória e que me presenteou com tantas dicas fundamentais para o processo.

À Mariza Muradas e a Maria das Naves que me ajudaram lá no início desta caminhada e que não deixaram de torcer por mim, para que eu pudesse cumprir essa missão.

Manifesto meus sinceros agradecimentos a todos os Professores e Professoras do ICED que estiveram ao meu lado e que foram acendendo as luzes para que eu fosse capaz de enxergar e trilhar a estrada do conhecimento.

Aos funcionários dos arquivos e das bibliotecas, guardiões de memórias, que se prontificaram em encontrar documentos, toda vez que eu precisava de alguma fonte. Minha sincera gratidão.

À Conceição e sua equipe que me atenderam e me aturaram todas as vezes que liguei para o ICED, muito obrigado.

Não seria possível essa pesquisa sem as valiosas trocas de conhecimentos dos meus colegas da turma 2006, a eles devo muitos favores.

À Professora Josenilda Maués, quero agradecer pelos rápidos momentos que conversamos e pela inspiração proporcionada pelas suas narrativas.

Agradeço imensamente a todos os funcionários do Lar da Providência – assistentes sociais, coordenadora, terapeuta ocupacional - pelo acolhimento e indicação dos narradores desta pesquisa.

Agradeço, também, a todos os meus colegas de diversão que estiveram comigo - Marcos, Alex, Saint Clair, Jefferson, Jefferson Felgueiras, José Pedro (Lino), acompanhando meus passos e que foram fundamentais nos momentos de lazer e de fuga. Sempre a volta aos estudos, realimentado, aumentava meu desejo.

Quero citar também os nomes de Simara, Suzilene, Vando, Sueli, Valdemir, Valmir e Ademar, irmãos e amigos que, mesmo estando longe, representam minha história, minha memória, enfim, fazem parte da minha existência.

À Joselene Mota que acompanhou e torceu pelo meu sucesso nessa empreitada. Tenho certeza de que logo, logo, ela estará embarcando nessa viagem, também!

Que satisfação tive em conhecer Ana Paula, da turma do mestrado de 2007, pessoa de tão grande coração, que tanto me ajudou.

A todas as professoras da Escola Fátima II, em Icoaraci que, pacientemente, entenderam as minhas ausências e me deram a chance de continuar a caminhada.

Finalmente, quero celebrar esse momento agradecendo aos meus pais Olivarina e Aracati, pelo zelo e dedicação com que cuidaram de mim. Lembro dos momentos em que fui conduzido pelas mãos de minha mãe para rabiscar as primeiras letras, no interior da cidade de Inhangapi, em um tempo tão bom de minha infância e que trago guardado em minha memória.

Muito obrigado a todos!

*Como se fora brincadeira de roda, memória
Jogo do trabalho na dança das mãos, macias
O suor dos corpos na canção da vida, história
O suor da vida no calor de irmãos, magia
Como um animal que sabe da floresta, perigosa
Redescobrir o sal que está na própria pele, macia
Redescobrir o doce no lamber das línguas, macias
Redescobrir o gosto e o sabor da festa, magia
Vai o bicho homem fruto da semente, memória
Renascer da própria força, própria luz e fé, memória
Entender que tudo é nosso, sempre esteve em nós, história
Somos a semente, ato, mente e voz, magia
Não tenha medo, meu menino bobo, memória
Tudo principia na própria pessoa, beleza
Vai como a criança que não teme o tempo, mistério
Amor se fazer é tão prazer que é como se fosse dor, magia
Como se fora brincadeira de roda, memória
Jogo do trabalho na dança das mãos, macias
O suor dos corpos na canção da vida, história
O suor da vida no calor de irmãos, magia.*

(Gonzaguinha)

RESUMO

Esta pesquisa investiga a infância na cidade de Belém do Pará, na primeira metade do século passado (1900 – 1950). A intenção é entender a realidade de crianças que viveram em uma época marcada por grandes transformações em nível econômico, político, social e cultural. A cidade de Belém vive, à época, um dos momentos mais prósperos de sua história, devido à grande produção da borracha que representava, até o final do século XIX, um dos maiores produtos de comercialização e exportação do país. Desta forma, o estudo procurou entender o contexto histórico, especialmente, na primeira metade do século XX. O apogeu da borracha levou a cidade a um surpreendente desenvolvimento, chegando a ser comparada às grandes cidades da Europa. Porém, todo o projeto modernizador executado na cidade traz consequências e contradições, que agravados pelo declínio da economia da borracha favoreceu, consideravelmente, as diferenças entre a elite emergente, que usufrui de todas as regalias oferecidas na cidade, e a classe menos favorecida que é colocada à margem de todo o processo. Dentro de todo esse cenário, encontra-se a criança que começa a ser vista como sujeito de direitos, no entanto, pouco se faz para que seus direitos sejam garantidos. Para entender a infância nesse período foram utilizadas narrativas de velhos que foram selecionados de acordo com os seguintes critérios: ter idade a partir de 80 anos; ter vivido a infância na cidade de Belém; ter condições físicas e psicológicas para lembrar e narrar sua infância. As narrativas foram determinantes para entender, por exemplo, aspectos da composição familiar que, naquele momento, eram marcados pelo respeito, pela obediência e, sobretudo, pela imposição; a relação da criança com o espaço público; a chegada da criança à escola para estudar, mesmo com todas as dificuldades impostas por um sistema que se encontrava em formação; as alternativas de lazer encontradas pelas crianças; as políticas de assistência à criança desamparada; entre outros. Além de autores que discutem e realizam pesquisa no âmbito da história oral como: Thompson, Alberti, Bosi, Vidal, dialogamos com outros da área da infância como: Kramer, Tozoni-Reis, Demartini, Rizzini, Ariès, e, também na área da historiografia e história da Amazônia como: Sarges, Figueiredo, Salles, Mendes, entre outros. Finalmente, a pesquisa privilegiou as narrativas que, em constante diálogo com os referenciais teóricos, foram o fio condutor da construção da história da infância na cidade de Belém.

Palavras-chave: Infância. Memória. História Oral. Narrativa.

ABSTRACT

This research looks into the infancy in the city of Belém of Pará state, in the first half of the last century (1900 – 1950). The intention is to understand the reality of the children who lived in an epoch full of great transformations in the economic, political, social and cultural levels. The city of Belém lived, at that time, one of the most prosperous moments of its history, due to the large rubber production, which posed, until the end of the XIX century, as one of the most commercialized and exported products of the country. This way, the study aimed at understanding the historical context, especially, in the first half of the XX century. The rubber apogee led the city to a surprising development, being even compared to the big European cities. However, all the modernizing project carried out in the city brought consequences and contradictions, which were made worse by the decreasing of the rubber economy, contributing considerably to the differences between the emerging elite, which made use of all the services offered in the city, and the less favored class, that was kept aside of all the process. In this scenario, we meet the child who started to be seen as a subject of rights. Nevertheless, little was done to guarantee that those rights would be respected. In order to understand the infancy in this period, narratives were taken from the elderly ones who were selected accordingly to the following criteria: They should be aged from 80 yrs. Old, have lived their childhood in the city of Belém, have both physical and psychological conditions to remember and narrate their infancies. The narratives were decisive to understand, for example, aspects of the familiar composition that, at the time, were characterized by respect, obedience and, above all, by the imposition; the relationship of the child with the public space; the arrival of the child to the school to study, despite the difficulties imposed by a under – formation system; the alternatives – of leisure found by the child, the politics of assistance to the abandoned child; among others. Besides authors who discuss and carry out research upon the oral history such as Thompson, Alberti, Bosi, Vidal, we dialog with others from the area of the infancy such as Kramer, Tozoni-Reis, Demartini, Rizzini, Arriés, and, also in the area of historiography and Amazon history such as Sarges, Figueiredo, Salles, Mendes, among others. Finally, the research preferred narratives which, in constant dialog with the theoretical references, were the lead thread of the construction of the history of the infancy in the city of Belém.

Key- words: Infance. Memory. Oral History. Narrative.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01: Bondes de Belém.

Figura 02: Bondes de Belém.

Figura 03: Bondes de Belém – Visão interna.

Figura 04: Fachada do Asilo de Mendicidade e Estrada de Bragança.

Figura 05: Passagem para o refeitório do Asilo de Mendicidade.

Figura 06: Instituto do Prata: corpo de dirigentes e alunos/ banda de música/uma aula da seção masculina/aula elementar.

Figura 07: Instituto Orfanológico do Outeiro.

Figura 08: Teatro da Paz/entrada do teatro/sala de espetáculos (platéia)/foyer do teatro.

Figura 09: Vista parcial de Praça da República e Teatro da Paz.

Figura 10: Visão parcial da Praça da República e do Teatro da Paz.

Figura 11: Lago na Praça Batista Campos.

Figura 12: Avenida da República – vista do poente.

Figura 13: Imagem de um reboque.

Figura 14: Avenida Tito Franco – vista do Marco da Légua

Figura 15: Avenida da Independência (tomada em frente do Mercado da V. Tetê)

Figura 16: Procissão do Círio de Nossa Senhora de Nazaré pelas ruas da cidade.

Figura 17: Posto médico junto ao Asilo de Mendicidade.

Figura 18: Entrada do Museu Goeldi.

Figura 19: Fachada do Instituto Lauro Sodré.

Figura 20: Instituto Lauro Sodré: Dormitório dos menores/refeitório/ofícios/enfermaria

Figura 21: Instituto Gentil Bittencourt: Horta e pomar/ Parque ao fundo/ Lavanderia/ um dos recreios.

Figura 22: Instituto Gentil Bittencourt: dormitório/refeitório/farmácia/enfermaria.

Figura 23: Religiosas e alunas do Instituto Gentil Bittencourt.

Figura 24: Uma aula do Instituto Gentil Bittencourt.

Figura 25: Asilo de Mendicidade.

Figura 26: Menino trabalhando na defumação do látex.

Figura 27: Belém – Rua Conselheiro João Alfredo.

Figura 28: Parte da Praça da Trindade.

Figura 29: Corredor e parte anterior do refeitório do Asilo de Mendicidade.

Figura 30: Procissão do Círio de Nossa Senhora de Nazaré.

Figura 31: Praça da República

Figura 32: Uma imagem do ônibus Zeppelin.

SUMÁRIO

REVELANDO MINHAS MEMÓRIAS: Como tudo começou...	14
INFÂNCIA E MEMÓRIA: Definindo a temática, a problematização e os objetivos da pesquisa	17
MEMÓRIA E NARRATIVA: Encaminhamento teórico – metodológico	22
ENCONTRO COM A INFÂNCIA NAS MEMÓRIAS DE VELHOS: A escolha dos sujeitos da pesquisa	28
NARRANDO A INFÂNCIA: Procedimentos de análises e tratamento do corpus	33
I. MEMÓRIAS (IN) VISÍVEIS: NARRATIVAS DE VELHOS SOBRE SUAS INFÂNCIAS EM BELÉM DO PARÁ (1900 – 1950)	38
I.1. Infância e a Cidade de Belém	38
I.2. Infância e o Espaço Público	53
I.3. Infância e as Manifestações Culturais	60
I.4. Infância, Educação e as Práticas Pedagógicas	67
I.5. Infância e a Vida Privada	87
I.6. Infância e o Trabalho Infantil	94
I.7. Infância e o Lazer	104
(RE)LEMBRANDO AS INFÂNCIAS: DIÁLOGOS (IN)CONCLUSOS	121
REFERÊNCIAS	128
Entrevistas concedidas	133
Jornais consultados	133
Álbuns consultados	133
Revistas consultadas	133
APÊNDICE A	135
APÊNDICE B	137

REVELANDO MINHAS MEMÓRIAS: COMO TUDO COMEÇOU...

Desde antes da graduação, por volta dos anos 1980, tive o privilégio de trabalhar com vários segmentos da sociedade, inicialmente tive experiências com adolescentes oriundos de famílias carentes em um órgão de assistência social¹, logo em seguida, pude vivenciar, por quatro anos, outra valiosa experiência em um abrigo para velhos mantido pelo poder público².

Nessas duas experiências, atuei na área de educação física, desenvolvendo trabalhos voltados para os aspectos recreativos e de lazer, sem, no entanto, ter concluído a graduação na área. Porém, mais tarde, após minha graduação, ingressei como professor, através de concurso público, na Secretaria Municipal de Educação do Município de Belém - SEMEC, onde atuo.

Durante três anos, após participar como Assessor Pedagógico, em uma equipe multidisciplinar do mesmo órgão e, de ter cursado a Pós-graduação “Latu-Sensu” em Currículo e Avaliação da Educação Básica, pela Universidade do Estado do Pará - UEPA, finalmente adentrei os muros da escola para atuar como professor graduado em turmas de educação infantil³. Os conhecimentos teóricos e práticos acumulados na Coordenadoria de Educação – SEMEC e no Programa de Especialização da UEPA foram decisivos para minhas primeiras formulações acerca do currículo da escola e, principalmente, o lugar da infância neste currículo.

Foram três anos lecionando para crianças pequenas envolvido por um clima de paixão e observação, tentando compreender o mundo infantil no contexto escolar: seus gostos; como brincavam; como se comportavam com a professora de “sala”; como se relacionavam entre si; como vivenciavam sua corporeidade; enfim, como viam o mundo que os cerca.

¹Trata-se de um espaço administrado pelo Governo do Estado que atendia menores carentes com diversas atividades, inclusive esportivas e de lazer e que, hoje, encontra-se extinto.

²Chamada de Casa do Ancião Dom Macedo Costa, era um espaço onde viviam homens e mulheres idosos que foram abandonados por suas famílias ou que estavam ali por opção. Também atualmente foi desativado e o prédio construído no início do século XX, deu lugar a outra instituição do Estado.

³Durante três anos ministrava aulas de Educação Física para oito turmas de Educação Infantil, no Centro de Referência em Educação Ambiental Prof. Eidorfe Moreira, situado na Ilha de Caratateua – Distrito de Belém do Pará.

Aos poucos fui percebendo que o mundo infantil é extremamente negado dentro do currículo formal da escola, os programas são sempre direcionados para a apreensão dos códigos formais da língua. Diante disso, Santomé observa que:

As crianças desconhecem que são crianças, qual é o significado dessa fase de desenvolvimento, que direitos e deveres têm. Todo seu mundo de relações, predileções, interesses, jogos e brinquedos, é objeto de atenção, de reflexão e crítica apenas no quadro das instituições acadêmicas. Apesar de se dizer às vezes insistentemente, que o jogo é a principal atividade infantil, como atividade escolar poucas vezes se oferece possibilidades de refletir e analisar as razões de cada um dos jogos infantis, das peculiaridades e significados dos brinquedos, etc. (1995, p.163).

Ficava cada vez mais evidente para mim, que havia uma lacuna muito grande dentro das práticas escolares e a cada dia ia percebendo que conceber a criança como alguém que tem uma história e que, independente de sua idade, influencia e é influenciada pelo meio social, configura-se como um grande desafio não só para professores e professoras que lidam com esse segmento, mas para toda sociedade.

A história revela que no final do século XIX, momento em que o Brasil se torna uma república, a infância é vista por uma outra perspectiva e no que se refere à escolarização, esta fase passou a ser entendida como um momento preparatório para a entrada na escola, a partir daí, esta herança é muito presente nas práticas educativas. Para ilustrar essa idéia Kramer faz a seguinte observação:

A idéia de infância não existiu sempre da mesma maneira. Ao contrário, ela aparece com a sociedade capitalista, urbano-industrial, na medida em que mudam a inserção e o papel social da criança na comunidade. Se na sociedade feudal, a criança exercia um papel produtivo direto (“de adulto”) assim que ultrapassava o período de alta mortalidade, na sociedade burguesa, ela passa a ser alguém que precisa ser cuidada, escolarizada e preparada para uma atuação futura. Este conceito de infância é, pois, determinado historicamente pela modificação nas formas de organização da sociedade. (1982, p.18).

No Brasil, a gênese do pensamento pedagógico voltado à infância está situada, exatamente, no início do período republicano, pois se pensava em construir o homem novo para uma nova nação, pautado nos preceitos do liberalismo. De acordo com Nagle (1976), era a idéia de formar uma sociedade para o consumo.

As novas relações de produção foram determinantes para a construção do pensamento educacional brasileiro, assim, a dinamização do modo capitalista de produção do início do século XX, consolidou esta tendência.

De acordo com Demartini, com a Proclamação da República (1889) e as grandes transformações dela decorrentes, dois fatores foram importantes neste período:

- 1 – A abolição da escravidão em 1888, que coloca grandes desafios para a população negra, que existia em grande número; e,
- 2 – Início do regime republicano, após quase quatro séculos do país como colônia (1500 – 1822) e como monarquia (1822 – 1889), provocando a chegada de milhares de imigrantes, vindos da Europa e da Ásia, para trabalhar na agricultura e na indústria, que começava a se expandir. (2001, p. 123-124).

Fatores que foram determinantes para os legisladores repensarem as políticas públicas para a infância e, pela primeira vez na história, a educação para a infância será debatida e considerada importante para o processo de construção do Brasil moderno, democrático, liberal e, acima de tudo, alinhado às nações mais desenvolvidas da época.

Assim, a educação passa a ter um papel de destaque, pois se acreditava que seria através da escolarização do povo que o país alcançaria um lugar importante no cenário mundial. Segundo Nagle, o debate educacional ganha forte impulso e ele revela que:

À época, dois fatores foram marcantes neste processo: o entusiasmo pela educação e o otimismo pedagógico. De um lado, existia a crença de que, pela multiplicação das instituições escolares, da disseminação da educação escolar, seria possível incorporar grandes camadas da população na senda do progresso nacional, e colocar o Brasil no caminho das grandes nações do mundo; de outro, existia a crença de que determinadas formulações doutrinárias sobre a escolarização, indicariam o caminho para a verdadeira formação do novo homem brasileiro (escolanovismo). (1976, pp. 90-100).

A infância brasileira passa a ser discutida e assume um lugar de destaque nesse período, pois não se poderia deixar de pensar em um país moderno sem se preocupar com a educação dos futuros cidadãos. O chamado Movimento de Renovação Pedagógica, que foi fortemente influenciado pelas teorias e concepções de autores europeus e norte-americanos, irá trazer para o cenário das mudanças novas possibilidades para discutir e implementar uma nova visão de escolarização para a infância, tendo como um dos principais enfoques a preparação da criança para ser um provável consumidor.

De acordo com Stearns (2006), a concepção de infância moderna opera uma mudança essencial, ao entender que a criança ao invés de trabalhar deveria frequentar a escola. Nesse contexto, o universo infantil começa a ser visto com mais atenção pelo

poder público e são pensadas políticas efetivas na área da assistência e da educação para a criança brasileira. Nesse sentido, Demartini salienta que:

No campo educacional foram muitas as propostas que visavam transformar a precária situação existente no final do século XIX e início do XX. Vários estudos apontam para a preocupação dos republicanos em promover a educação popular, visto que a maior parte das crianças não era atendida pela insuficiente rede escolar. (2001, p. 124).

Assim, podemos perceber que é nesse período que é estabelecida uma maior relação entre criança e a escola e, também, surgem os projetos de educação para este segmento. No entanto, não só nesse aspecto haverá mudanças, a criança do século XX testemunhara uma sensível mudança de paradigma, capaz de transformar aspectos e atitudes, considerados banais, em normas e regras definidas pelo poder público.

INFÂNCIA E MEMÓRIA: Definindo a temática, problematização e os objetivos da pesquisa

Os encontros para orientação que aconteceram para as definições do projeto de pesquisa foram decisivos para se chegar a uma versão final daquilo que iria ser investigado. Não restavam dúvidas de que a infância seria a temática abordada, porém outras perspectivas dessa temática foram consideradas e, a cada debate, novas idéias surgiam, possibilitando olhares que seriam interessantes em uma pesquisa em nível de mestrado. Ao final, concordamos que o estudo deveria ser historiográfico, focalizando a infância em um determinado contexto histórico.

Decidimos que o estudo deveria investigar a infância da criança amazônica, incursionando pelos seus vários aspectos, ou seja, sua relação com a escola, com a família, com o trabalho, com o espaço público, com o lazer entre outros. Tudo isso contextualizado no ambiente histórico, econômico, político, social e cultural da cidade de Belém do Pará, na primeira metade do século passado. Para tal, entendemos que através das memórias orais de velhos que viveram sua infância naquela época, teríamos possibilidades de responder às questões levantadas no projeto de pesquisa. Minhas leituras iniciais acerca da história da infância logo me levaram a acreditar que só através de narrativas poderia acumular material suficiente para construir o *corpus* da pesquisa, levando-se em consideração pelo menos duas questões já mencionadas neste

documento: a negação da infância pela sociedade nas diversas conjunturas históricas; e, a visão hegemônica da criança em consequência da negação das diversas culturas regionais.

A sociedade belenense do início do século XX, cenário histórico da pesquisa, não estava dissociada do contexto nacional e vivia as grandes transformações nos campos político, econômico e cultural, tendo como peculiaridade a grande produção de borracha extraída da mata amazônica, ainda no século XIX. Um dos fatores que deve ser considerado foi o processo migratório que se intensificou, provocando um forte crescimento na população da cidade de Belém naquele momento.

Gente “estranha”, mas ao mesmo tempo muito familiar, pois já fazia parte da cidade dos seus costumes, vieram de longe para ganhar a vida na Amazônia, num tempo em que a exploração da borracha era uma grande promessa de riquezas. (FIGUEIREDO 2001, p. 324).

Esse fenômeno triplicou a população da cidade de Belém, eram pessoas vindas de muitas partes do Brasil e do exterior. Juntamente com os novos habitantes, vinham crianças e adolescentes que obrigaram o poder público a tomar medidas para acolher esses pequenos moradores.

Percebi que investigar a história da infância fora do eixo sul-sudeste do país, não seria tarefa das mais simples, porém acreditava ser de fundamental importância romper cada vez mais o elo que prende essa região, também em nível epistemológico, aos grandes centros urbanos do país. A diversidade cultural existente no Brasil merece ser mais investigada, para que possamos responder a inúmeras questões que ainda estão sem respostas nas diversas culturas que compõem esta nação.

Logo percebemos que a história oral seria uma estratégia para investigar a infância, uma vez que, pouco se tem registros escritos sobre esse segmento nessa região e naquele momento histórico. De acordo com Corrêa (1996), a história oral deve servir principalmente e quase que exclusivamente para trabalhar com as comunidades dominadas, esquecidas, aquelas que não tiveram a oportunidade de terem suas histórias registradas. Assim sendo, a história oral deve servir também para registrar os fatos peculiares das culturas regionais.

A Amazônia do final do século XIX e início do século XX foi alvo de grandes transformações, principalmente no que diz respeito à sua economia, pois foi um momento singular, o auge da produção da borracha, um de seus principais produtos de exportação que transformou algumas capitais da região norte, em particular Belém, em um dos maiores cenários de riqueza e luxo. Segundo Monteiro [et. al.] (1997), nas grandes cidades da região, a elite, formada pelos barões da borracha, impõe um novo modelo de vida, baseada nas idéias trazidas das cidades da Europa. Vive-se a *Belle Époque*⁴.

Inserida nesse processo de transformação, a sociedade belenense sofreu os altos e baixos provocados pelas crises econômicas da borracha, afinal as riquezas produzidas aqui, não eram revestidas para o povo nativo da região. A cultura européia cultivada nas cidades da região servia para atender aos caprichos da elite, portanto, poucos eram beneficiados pelas riquezas produzidas pela extração e exportação da borracha.

Esse cenário ainda pouco explorado pelos pesquisadores despertou muitas inquietações, tendo em vista a riqueza cultural que este momento histórico produziu, pois as grandes mudanças que aconteceram em nível nacional, somadas àquelas ocorridas no setor econômico, na região amazônica, transformaram a sociedade belenense, especialmente a do início do século XX.

Poucos registros revelam a vida cotidiana das famílias que aqui viviam e de outras que aqui chegavam em busca de trabalho. Estas famílias, segundo decretos governamentais da época que regularizavam o processo migratório, vinham, em sua grande maioria, da Região Nordeste do país. Questões relacionadas à educação do povo de Belém do início do século XX, particularmente das crianças que acompanhavam essas famílias, os lugares que elas freqüentavam; como viviam no espaço público; como eram tratadas dentro de casa; a entrada na escola; o trabalho infantil; todos esses aspectos merecem maior aprofundamento por parte de pesquisadores desta região.

A infância é sempre olhada de uma forma homogênea, por um mesmo prisma, segundo Kramer (1996), ocorre que a idéia de infância, a partir do final do século XIX,

⁴Termo francês que significa “Bela Época” e que se refere a um período marcado por construções urbanas de grande beleza (palacetes, igrejas, praças, e parques públicos, teatros, bosques, etc).

foi universalizada pelas classes hegemônicas com base no seu padrão de criança. Dessa forma, essa mesma autora afirma ainda que,

A mudança de concepção de infância foi compreendida como sendo eco da própria mudança nas formas de organização da sociedade, das relações de trabalho, das atividades realizadas e dos tipos de inserção que nessa sociedade têm as crianças. (Kramer, 1996, p.19).

A investigação do processo de educação e escolarização, a relação familiar, as brincadeiras e o trabalho são questões inerentes ao mundo infantil, que assumem caráter especial nesta proposta de estudo. É a busca de uma infância vivida em Belém do início do século XX que vem à tona nas falas de pessoas que se recordam daquela dinâmica cotidiana, plena de novas experiências e alvo de tantas expectativas.

Não menos importante foi perceber a relação estabelecida entre a criança e a família naquele contexto, tendo em vista que a concepção de família na sociedade moderna que também será alterada, principalmente quanto à diminuição do número de filhos. Segundo Stearns (2006), a decisão de limitar o tamanho da família seria uma outra vertente importante no modelo moderno de sociedade, pois desta forma haveria possibilidades de maior atenção aos futuros cidadãos.

Os aspectos relacionados ao mundo infantil aos poucos foram anunciados, de forma natural, nas narrativas colhidas com os sujeitos da pesquisa. Certamente, o resultado do estudo poderá estimular outras pesquisas acerca da história da criança na Amazônia.

Uma vez definida a temática da pesquisa partimos para a definição dos sujeitos que seriam os informantes, em princípio, mesmo que pairasse alguma dúvida, não procuramos estabelecer como critério predefinido o nível social dos informantes. Percebemos que a condição social em que se encontra cada informante não influenciaria nos depoimentos colhidos. Mais adiante, no desenrolar das entrevistas, se houvesse necessidade, lançaríamos mão deste dado.

Já foi observado, anteriormente, que a sociedade belenense do início do século XX viveu um momento de mudanças estruturais, pois, de um lado estava a elite, formada pelos barões da borracha, grandes comerciantes e altos funcionários públicos e, de outro, a camada popular. Este fato revelava as contradições da população da época e

esta realidade suscitou algumas incertezas quanto à escolha dos sujeitos. No entanto, avaliamos que as condições sócio-econômicas dos entrevistados, não comprometeriam a qualidade das informações. Fossem eles de qualquer grupo social. A relevância foi dada aos que viveram aqueles tempos.

A criança foi um dos segmentos que mais sofreram os impactos de tais transformações. Desta forma, procurei enfatizar, nesta pesquisa, a história da criança tomando como ponto de partida alguns aspectos de sua vida privada, contextualizada na cidade de Belém do Pará na primeira metade do século XX, utilizando para tal, além das narrativas orais de velhos, documentos oficiais e não-oficiais que forneceram pistas importantes para uma melhor leitura do ambiente histórico vivido naquele momento por ela.

Finalmente, para entender a infância e as relações que eram estabelecidas na sociedade naquele período, elaborei a seguinte questão-problema: Como estava inserida a criança no contexto sócio-histórico, político e cultural da cidade de Belém do Pará, na primeira metade do século XX?

Partindo deste problema, surgiram algumas questões que serviram para nortear a pesquisa, tais como: Como era caracterizada a infância no contexto histórico da cidade de Belém do Pará na primeira metade do século XX? Qual a relação que a criança estabelecia com a família, com a escola, com o trabalho, com o espaço público, com o lazer? Que aspectos importantes da vida privada da criança não eram revelados?

Com a intenção de responder a essas questões, objetivo maior da pesquisa foi investigar e caracterizar a infância da criança que habitou e viveu em Belém do Pará na primeira metade do século XX. Para tal, buscou-se também: analisar a relação estabelecida pela criança com a família, a educação e a escola, o trabalho, o espaço público e o lazer.

Acredito que diante dessas questões e desses objetivos poderemos conhecer um pouco mais da história das crianças que viveram na cidade de Belém do Pará, durante a primeira metade do século XX.

MEMÓRIA E NARRATIVA: Encaminhamento teórico-metodológico

Entre as idas e vindas para discutir a nova proposta da pesquisa sobre a infância, uma vez que a idéia inicial em que pretendia discutir o currículo da educação infantil, em uma determinada escola da Rede Municipal de Belém, já havia sido, naquela ocasião, descartada. Restava agora amadurecer a idéia acerca da metodologia que iria ser utilizada para responder às questões levantadas pelo novo desafio.

Fui aos poucos procurando entender o processo de investigação e de construção de uma pesquisa organizada a partir da história oral. De antemão, percebi que por esse caminho seria possível, porém não o mais simples, chegar a um resultado satisfatório para aquilo que iria investigar. Certamente, que um dos fatores positivos dessa nova empreitada era o fato de ter tido total apoio de minha orientadora para a realização do projeto. Tínhamos certeza de que seria possível, mesmo sem ter experiência nesse tipo de abordagem teórico-metodológica, cumpri essa missão de forma coerente e satisfatória.

Fiz leituras tanto das questões metodológicas, quanto do acervo que versava sobre a história da infância em nossa cidade, no contexto histórico da primeira metade do século XX. De antemão, como já era previsto, enfrentei muitas dificuldades para encontrar material que viessem a fornecer pistas acerca da história da criança na cidade de Belém. Mesmo assim, os encontros subseqüentes serviram para consolidar o meu interesse pela temática e revelar um outro desafio, que a meu ver, aumentava minha responsabilidade enquanto “pesquisador de primeira viagem”, que seria o de encontrar pessoas que pudessem servir de testemunhos históricos e que, através de suas memórias, fossem capazes de revelar momentos de suas infâncias, vividas há tantos anos atrás.

Tudo isso despertou um enorme interesse e, pouco a pouco, fui entendendo como a investigação poderia acontecer, e, como marco inicial, conheci e li a obra “A Voz do Passado”, de Paul Thompson (1992), que iluminou alguns caminhos obscuros que se colocavam diante do desafio que teria pela frente.

A cada encontro de orientação surgiam muitas interrogações acerca do objeto de estudo que estava colocado, porém o desejo de desvendá-lo era cada vez maior e outra referência importante surgia em minhas mãos que foi o livro de Ecléa Bossi, “Memória

e Sociedade: Lembranças de Velhos”⁵. Nesse momento já não restavam dúvidas do meu interesse pela temática e metodologia de pesquisa.

Uma questão que sempre me inquietava durante as leituras acerca da história oral era quanto a sua aceitação e validade como método científico dentro da academia e, principalmente na área da educação. Porém, percebi que a história oral representa, hoje, para a sociedade uma possibilidade de entender os “outros lados da história”, ou seja, histórias alternativas, com novas possibilidades de sínteses, vistas por outros ângulos.

Ao falar da história oral enquanto metodologia científica em ascensão François tece alguns argumentos:

A história oral seria inovadora primeiramente por seus objetos, pois dá atenção especial aos “dominados”, aos silenciados e aos excluídos da história (mulheres, proletários, marginais, etc.), à história do cotidiano e da vida privada (numa ótica que é o oposto da tradição francesa da história da vida cotidiana), à história local e enraizada. Em segundo lugar, seria inovadora por suas abordagens, que dão preferência a uma “história vista de baixo”, atenta às maneiras de ver e de sentir, e que às estruturas “objetivas” e às determinações coletivas prefere as visões subjetivas e os percursos individuais, numa perspectiva decididamente “micro-histórica”. (1998, p. 04).

Certamente que este estudo se torna ousado por tentar remontar um contexto histórico que tenta alcançar um período, um tanto quanto, remoto, exigindo dos informantes uma capacidade maior de recordação, ou seja, ao trabalhar com dois extremos, infância e senilidade, a possibilidade de esquecimento dos fatos nessa relação só aumentaria. Neste caso, as fontes documentais foram importantes para contextualizar e contribuir na montagem do ambiente vivido na cidade de Belém do Pará, durante o período investigado. Elas não só serviram para montar o arcabouço teórico da pesquisa como também para enriquecer todo o registro das narrativas colhidas juntos aos informantes.

Nesta pesquisa, as narrativas colhidas nas memórias não serviram de acessório para embasar o documento escrito, mas sim, como eixo norteador de todo o processo de construção da história da infância na cidade de Belém, na primeira metade do século XX. De acordo com Albertini (2005), a partir do século XIX, com o predomínio da

⁵ O livro *Memória e Sociedade, lembranças de velhos*, de Ecléa Bosi, originou-se, em 1973, de sua tese de livre-docência em Psicologia Social. A autora afirma que não se trata de uma obra sobre a velhice e nem sobre a memória, declarando: “Fiquei na intersecção das duas realidades”.

história positivista e a quase sacralização do documento escrito, a prática de colher depoimentos esteve relegada a segundo plano. Desta forma, encaramos os procedimentos adotados não como uma mera técnica empregada para trazer à tona questões não esclarecidas pelos textos escritos, e sim, como uma metodologia que ordena procedimentos de trabalho, capaz de suscitar questões negadas em um tempo histórico e que no entender de Corrêa:

Na verdade, o documento gerado através da história oral é que vai ser utilizado pelo pesquisador não é a fita de gravação, mas sim sua transcrição, pelas facilidades de manuseio que oferece. Isto significa que de oral, a história oral só tem a fala gravada do informante entrevistado, pois o instrumento que vai ser utilizado será o escrito, se bem que transcrito literalmente para não descaracterizá-lo psicologicamente e não desvincular a linguagem falada da escrita. (1996, p. 66).

Uma pergunta que me fiz durante todo o período de leitura para fundamentar esta pesquisa foi a seguinte: os entrevistados teriam condições de lembrar satisfatoriamente momentos de suas infâncias naquele período?

A resposta a essa pergunta só foi possível no momento em que fui a campo e pude realizar as primeiras entrevistas, que serviram de amadurecimento para as próximas que ainda iriam acontecer. Nesses contatos pude avaliar que em se tratando de pesquisa temática, há necessidade de ouvir o máximo o narrador, mesmo que haja fuga do eixo predefinido. As possíveis lacunas deixadas por algum informante, certamente, é preenchida por outro e, é nesse momento, que se pode distinguir as pesquisas com história oral, que têm como objetivo a história de vida; e a pesquisa temática. Ao falar de pesquisas que adotam a história oral como metodologia, autoras como Alberti (2005), classificam essas pesquisas em entrevistas temáticas e entrevistas de história de vida, as primeiras versam necessariamente sobre a participação do entrevistado no tema escolhido, enquanto que a segunda tem como centro de interesse o próprio indivíduo na história.

No caso desta pesquisa, optamos em realizar entrevistas temáticas, onde os sujeitos entrevistados contaram suas histórias focalizando especificamente sua infância, exigindo destes, grande poder de síntese e objetividade.

Apesar da diferença, ambos os tipos de entrevistas de história oral pressupõem a relação com o método biográfico: seja concentrando-se sobre um tema, seja debruçando-se sobre um indivíduo e os cortes temáticos

efetuados em sua trajetória, a entrevista terá como eixo a biografia do entrevistado, sua vivência e sua experiência. (ALBERTI, 2005, p.38).

Muito embora esta pesquisa tenha como objeto a infância na memória de velhos situada na primeira metade do século passado, autores como Ferreira e Amado (1998), alertam para a necessidade de permitir uma maior abrangência da narrativa, sem fazer, em princípio, interrupções que possam comprometer a qualidade das informações.

Ao coligir as narrativas, é fundamental que seja estabelecido um ambiente propício para que o entrevistado se sinta seguro e confiante para revelar suas experiências de vida ao entrevistador. Ambos devem cultivar um clima favorável para as possíveis revelações que hão de surgir durante a entrevista. A esse respeito Voldman observa que:

Quando realiza entrevistas, certamente o historiador deve trabalhar segundo suas técnicas próprias, mas também de ter em mente dois outros procedimentos, tomados de empréstimo e disciplinas vizinhas: por um lado, servir-se das contribuições da sociologia na condução e na formulação das pesquisas; por outro, não negligenciar elementos da psicologia, psicossociologia e psicanálise. Para ele, não se trata de propor interpretações da mensagem que lhe é comunicada, mas de saber que o não-dito, a hesitação, o silêncio, a repetição desnecessária, o lapso, a divagação e a associação são elementos integrantes e até estruturantes do discurso e do relato. Não cabe com mentiras mais ou menos fáceis de desmascarar nem com o que pode ser tomado como contra – verdades da palavra fonte. (1998, p. 38).

As pesquisas qualitativas que têm como enfoque a história oral exigem do entrevistador grande capacidade de subjetivação, para que este possa perceber as nuances que as memórias possam revelar acerca da problemática de pesquisa. Segundo Bosi (1994), na memória de velhos é possível verificar uma história social bem desenvolvida e articulada, “des-velando” um mundo social que possui uma riqueza e uma diversidade que não conhecemos e que é possível alcançar através de reminiscências.

O cerne da pesquisa está em investigar a cultura infantil compreendida por um outro ângulo, ou seja, as memórias de pessoas que viveram em uma determinada época e que, através de suas reminiscências, poderão contribuir para re-escrever a história deste segmento social. A memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiar a esse indivíduo (BOSI, 1994, p.55).

Assim, considero pertinente a idéia de Halbwachs⁶, (apud) Bosi (1994), quando nos faz refletir acerca da memória oral ao dizer que esta amarra a memória da pessoa à memória do grupo e esta última à esfera maior da tradição, que é a memória coletiva de cada indivíduo.

Ao discorrer sobre o processo de memorização, Chauí afirma que,

A memória é uma atualização do passado ou a presentificação do passado, e é também o registro do presente para que permaneça como lembrança. Alguns estudiosos julgaram que a memória seria um fato puramente biológico, isto é, um modo de funcionamento das células do cérebro que registram e gravam percepções e idéias, gestos e palavras. [...]. Essa teoria não se sustenta. Em primeiro lugar, se a memória fosse mero registro cerebral dos fatos e coisas passados, não se poderia explicar o fenômeno da lembrança, isto é, que selecionamos e que a lembrança tem como a percepção, aspectos afetivos, sentimentais, valorativos (há lembranças alegres e tristes, há saudade, há arrependimento e remorso). Em segundo lugar, também não se poderia explicar o esquecimento, pois se tudo está espontânea e automaticamente registrado e gravado em nosso cérebro, não poderíamos esquecer coisa alguma, nem poderíamos ter dificuldade para lembrar certas coisas e ter facilidade para recordar outras tantas [...], entram componentes subjetivos para formar as lembranças. [...] São componentes subjetivos: a importância do fato e das coisas para nós; o modo como alguma coisa nos impressionou e ficou gravado em nós; a necessidade para nossa vida prática ou para o desenvolvimento de nossos conhecimentos; o prazer ou dor que um fato ou alguma coisa produziu em nós, etc. (1994, p. 128).

A história oral representa uma fonte documental a mais para o trabalho de pesquisadores das diversas áreas do conhecimento. De acordo com Lozano (1998, p. 18), “[...] sua proposta metodológica adquiriu validade e competência; entretanto, o que ela pretende atualmente é mostrar sua potência, sua riqueza, suas dúvidas, seus problemas, seus desafios e seus resultados”.

Durante alguns anos, a história oral foi utilizada somente por pesquisadores considerados de esquerda, pois viam nesses procedimentos uma possibilidade de dar voz aos chamados grupos excluídos. No Brasil, alguns profissionais do campo da história, principalmente os do sul do país, olhavam-na com certo cuidado e descrédito, pois acreditavam que seus procedimentos não deveriam ser utilizados em seus trabalhos científicos. Isto se dá pelo fato de vivermos em uma sociedade que se diz alfabetizada e que, inconscientemente, menospreza a palavra escrita.

⁶A concepção da memória como produto de uma atividade meramente subjetiva foi superada nos estudos de Maurice Halbwachs (1956), para quem as lembranças são frutos de uma atividade de reconstrução e, quanto mais envolvida em um contexto coletivo, mais vigorosa será.

Ainda sobre a importância da história oral Thompson nos diz que:

A história oral não é necessariamente um instrumento de mudança: isso depende do espírito com que seja utilizada. Não obstante a história oral pode ser um meio de transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história. Pode ser utilizada para alterar o enfoque da própria história e revelar campos de investigação; pode derrubar barreiras que existam entre professores e alunos, entre gerações, entre instituições educacionais e o mundo exterior; e na produção de história – seja em livros, museus, rádio ou cinema – pode devolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras. (1998, p.22).

O fato narrado, nesse sentido, teve uma importância fundamental nessa pesquisa sem ele certamente não ouviria tantas histórias comoventes que guardam em si, tantas singularidades, mas também muitas histórias contadas com uma contextualidade histórico-social.

Para realizar as entrevistas, ou seja, fazer a recolha das narrativas orais foi inicialmente construído um pequeno roteiro com questões abertas e organizadas por eixos que, *a priori*, foram direcionadas à infância dos sujeitos entrevistados, mesmo entendendo que teria dificuldades para realizar minhas intervenções naquele momento. O roteiro foi organizado em eixos que conduziram os entrevistados a narrarem suas infâncias relacionando com a família, a escola, o trabalho, o espaço público, o lazer e as brincadeiras⁷.

Sabia de antemão que, naquela ocasião, o mais importante seria deixar o entrevistado a vontade para narrar sua história, ainda que, o recorte temporal estabelecido na pesquisa fosse importante, porém, durante as entrevistas, esse aspecto não seria de vital importância. Para Alberti (2005, p. 24), “o trabalho com história oral exige do pesquisador um elevado respeito pelo outro, por suas opiniões, atitudes e posições, por sua visão de mundo enfim”.

Diante de tudo isso foi desenvolvida, junto aos sujeitos selecionados, a técnica da entrevista da livre – narrativa⁸, por se tratar de uma pesquisa que tem como objeto a infância na cidade de Belém advinda das memórias orais de velhos, na primeira metade do século XX. Neste caso, procurei estabelecer um clima de confiança com os narradores, para facilitar os registros das memórias que me foram reveladas.

⁷O roteiro das entrevistas encontra-se no apêndice A, desta pesquisa (p. 133).

⁸ Segundo Pádua (2000), esta técnica também pode ser denominada de não-diretiva, pois o sujeito é solicitado a falar livremente, ou sem muitas interrupções, a respeito do tema pesquisado.

Tão importante quanto os sujeitos envolvidos no processo de entrevista-entrevistador e entrevistado- o aparelho de gravação é condição fundamental para sua realização. É ele quem vai garantir o sucesso de uma pesquisa de história oral. Com o avanço da tecnologia, ficou mais simples gravar as entrevistas, em geral os aparelhos que servem para este fim, conseguem gravar muitas horas de fala, sem correr o risco de haver problemas técnicos que possam comprometer a qualidade da gravação. Felizmente, o equipamento funcionou a contento, permitindo uma boa qualidade nas gravações.

Simultaneamente a esta fase, como já comentei anteriormente, foi feito um levantamento de documentos históricos⁹ para entender o contexto da cidade de Belém do final do século XIX e a primeira metade do século XX. Esse trabalho me possibilitou uma primeira aproximação acerca daquele momento histórico, assim como perceber a criança nele envolvida. Para tal, tive a oportunidade de visitar, em princípio, dois espaços públicos que, a meu ver, foram fundamentais para o acúmulo de informações. Primeiramente, fui ao Arquivo Público do Estado e, em seguida, à Biblioteca Arthur Viana, nos setores de obras raras, microfilmagem e literatura paraense. Neste último, após várias visitas, obtive um acervo muito interessante, inclusive de imagens, que estão devidamente divulgadas em várias partes deste estudo.

ENCONTRO COM A INFÂNCIA NAS MEMÓRIAS DE VELHOS: A escolha dos sujeitos da pesquisa

Este momento representou um passo importante para a construção do *corpus* da pesquisa, pois em se tratando de pesquisas qualitativas com enfoque na história oral, é fundamental que a seleção dos sujeitos seja feita com o máximo de critério e tranquilidade. É condição precípua que essa escolha dos sujeitos esteja de acordo com os objetivos da pesquisa para não incorrer no erro de eleger sujeitos em potencial para falar sobre determinados temas, sem deixar claro aonde se quer chegar com tal procedimento.

⁹ Portarias governamentais, pareceres técnicos, jornais, revistas, álbuns com imagens da cidade de Belém, entre outros.

De acordo com a idéia inicial proposta no projeto de pesquisa, foram selecionados quatro sujeitos, sendo um do sexo masculino e três do sexo feminino, para poder extrair uma diversidade de leituras da época em estudo, não tendo com isto a pretensão de realizar estudo da questão de gênero, mas também entendendo que as relações históricas estão impregnadas pelas diferenças que os sexos vêm impondo nas relações humanas, considerando também que os espaços ocupados e vivenciados podem refletir singularidades que venham ser relevantes para o contexto da pesquisa. Assim, a seleção dos sujeitos foi motivada por alguns critérios básicos, porém indispensáveis para a realização das entrevistas. O primeiro critério definido era que esses sujeitos tivessem mais de 80 anos. Terem vivido pelo menos toda a infância em Belém foi a segunda condição e, finalmente, fui ao encontro dos informantes interessados e que estivessem em condições físicas e psicológicas para lembrar e narrar, com certa desenvoltura e lucidez, suas histórias.

Essa etapa exigiu muita paciência e cuidado, o que me levou a observar e conversar com alguns possíveis informantes pelas ruas, em barracas de comidas típicas, em espaços de lazer, enfim, onde havia certa concentração de idosos, lá estava eu tentando descobrir algum informante que apresentasse algumas características de um bom narrador.

Nesse movimento de ir e vir percebi que os critérios de definição dos entrevistados se dão em um processo constante de amadurecimento do projeto de pesquisa, ou seja, é no contexto de formulação das questões norteadoras e, conseqüentemente, dos objetivos previstos que serão definidos os possíveis entrevistados. Segundo Alberti:

A escolha dos entrevistados não deve ser predominantemente orientada por critérios quantitativos, por uma preocupação com amostragens, e sim a partir da posição do entrevistado no grupo, do significado de sua experiência. Assim, em primeiro lugar, convém selecionar os entrevistados entre aqueles que participaram, viveram, presenciaram ou se inteiraram de ocorrências ou situações ligadas ao tema e que possam fornecer depoimentos significativos. (2005, p. 30).

No caso desta pesquisa, esta questão se revela ainda mais delicada, por se tratar de informantes que têm mais 80 anos de idade, o que irá exigir do entrevistador um respeito ao aspecto psicológico dos entrevistados e, também, está disposto a tomar

pacientemente a conversa, suscitando a recordação através de um questionamento discreto.

Pesquisar a infância na primeira metade do século XX, através de memórias, nos levou a estabelecer um limite máximo entre a idade dos sujeitos e a época pesquisada. A intenção era a de aproximar o período áureo da cidade de Belém, conhecido como o ciclo da borracha, época em que a sociedade passou por grandes transformações, às narrativas que foram colhidas em entrevistas com velhos. Apesar disso, entendemos que a memória tem significações consistentes, ancoradas no tempo passado e que possui contextualidade, sendo possível ser atualizada historicamente.

Após ficar observando os velhos pelas ruas da cidade, parti para um mapeamento dos espaços que os abrigavam na cidade para, então, realizar visitas nesses ambientes. Já na primeira visita tive a oportunidade de conversar com a Equipe Técnica que dirige o espaço “Lar da Providência”¹⁰, que se localiza às proximidades da Avenida João Paulo II, logo atrás do antigo Asilo de Idosos Dom Macedo Costa. Ao conversar com uma das assistentes sociais daquela instituição, tive a impressão de que estava no lugar certo, e que ali poderia encontrar os informantes para a pesquisa.

Na primeira conversa com a assistente social, ela já indicava quais velhos poderiam contribuir com a investigação. Neste primeiro contato, fiz uma breve explanação acerca do projeto de pesquisa que estava desenvolvendo, felizmente, a funcionária se mostrou sensibilizada com a proposta de estudo. Segundo Thompson (1992), a melhor maneira de se tentar iniciar entrevistas na perspectiva da história oral é mapeando o campo e colhendo idéias e informações. Do mesmo modo que a entrevista piloto de um grande levantamento, uma entrevista de coleta de informações genéricas no início de um projeto pode ser muito útil.

No segundo dia de visita, já com a documentação necessária¹¹, que solicitava a autorização das entrevistas, o nome de um possível informante foi unânime entre as funcionárias que haviam me atendido. Assim, fui apresentado àquele que seria o meu

¹⁰ Espaço de acolhimento de idosos assistidos pelo Estado que perderam a relação com a família e outros que vivem ali há algum tempo por opção. Existem naquele espaço equipes montadas que atendem os idosos.

¹¹ Carta de apresentação concedida pela Universidade Federal do Pará explicitando o título da pesquisa, identificação do mestrando, os possíveis sujeitos que serão entrevistados.

informante em potencial e, já no primeiro contato, concordei com a equipe técnica, porém, ele não se enquadrava no primeiro critério definido no projeto de pesquisa, o fato de não ter vivido toda a sua infância na cidade de Belém.

As primeiras conversas que tive com Seu Osvaldo, de 80 anos, foram suficientes para eu perceber que apesar do idoso ter vivido apenas parte de sua infância na cidade, este dado não seria um empecilho, para a realização da primeira entrevista, tendo em vista a grande capacidade de oratória apresentada pelo mesmo. Nesse sentido, resolvi assumir o risco de aceitá-lo como sujeito da pesquisa e, imediatamente, combinamos o encontro para o dia seguinte darmos início à entrevista, pois, acreditava que aquele sujeito seria capaz de revelar muitas histórias interessantes de sua infância no contexto da cidade de Belém do Pará das primeiras décadas do século passado.

Percebi que aquela primeira experiência poderia funcionar como uma espécie de entrevista exploratória, para que eu pudesse exercitar minha postura enquanto pesquisador e entrevistador, diante de tão delicada técnica de entrevista na qual estão em jogo muitos sentimentos e lembranças de outrora. A esse respeito, Corrêa afirma que:

Com o objetivo de ampliar a quantidade de informações concedidas pelo entrevistado, adotamos a técnica de não nos limitarmos ao assunto estrito da pesquisa, mas explorar todos os aspectos da vida do entrevistado, onde o assunto em pauta estará necessariamente inserido. (1996, p. 68).

Essa conduta se faz necessária nas entrevistas que tratam de uma temática e de um momento específico da vida dos entrevistados, pois as relações, as comparações, as lacunas, enfim são fatores que só enriquecem a análise que, posteriormente, será feita com base nas narrativas colhidas.

Os investigadores qualitativos estabelecem estratégias e procedimentos que lhes permitem tomar em consideração as experiências do ponto de vista do informador. O processo de condução de investigação qualitativa reflete uma espécie de diálogo entre os investigadores e os respectivos sujeitos, dado estes não abordados por aqueles de uma forma neutra. (BOGDAN e BIKLEN, 1994, p. 51).

Passados dois dias da primeira experiência, conheci minha segunda entrevistada, desta vez, já com mais tranquilidade, pude construir um ambiente mais acolhedor, mesmo porque as condições físicas e psicológicas de Dona Glória, de 96 anos, estavam bem mais comprometidas. Sua voz já bastante baixa e cansada, resultante dos muitos

anos em que estive em sala de aula, como professora, exigia de minha parte uma atenção redobrada, para captar todos os sons que eram emitidos.

Felizmente, com apenas uma seção, apesar de algumas interferências de pessoas que entravam em seu aposento no momento das gravações, pude ouvir e registrar muitas lembranças daquela senhora de noventa e seis anos que gentilmente me recebeu e enriqueceu o meu trabalho com suas narrativas orais. Autores como Bonazzi consideram pertinentes não tornar cansativa a entrevista e sugerem que:

É preciso levar em conta o cansaço da testemunha, limitar o tempo das entrevistas e evitar perguntas excessivamente meticulosas do ponto de vista cronológico. Pode acontecer que, decepcionada por não poder responder, a testemunha se perturbe e interrompa ou abrevie a entrevista. (1998, p. 233).

Após três semanas analisando a transcrição das duas primeiras entrevistas, ou seja, a de Seu Osvaldo e a de Dona Glória, observando cuidadosamente as possíveis lacunas, o direcionamento das temáticas, enfim, avaliando todo o processo inicial, voltei ao espaço de acolhimento para conhecer e conversar com aquelas que seriam as minhas próximas entrevistadas.

Fui apresentado à Dona Corila, de 93 anos, em seus aposentos em uma quarta-feira pela manhã, ali conversamos um pouco e, no dia seguinte, iniciamos a entrevista. No começo, houve muitas fugas ao tema e aos seus momentos de infância, porém, aos poucos conseguimos realizar uma conversa interessante e seus depoimentos foram tomando os rumos delineados no roteiro de entrevista.

A última entrevista realizada aconteceu logo na semana posterior a de Dona Corila, o ritual foi parecido. Fui apresentado na quarta-feira e logo em seguida, na quinta-feira, foi realizada a entrevista. Fiquei muito impressionado com a narrativa oral de Dona Rosa, de 80 anos. Seus relatos foram primordiais para o entendimento de uma fase da história de crianças em Belém do Pará que, desde muito cedo, foram vítimas do abandono e que tiveram que viver sob a tutela de entidades assistencialistas.

O texto ficou, a meu ver, muito mais rico de informações a partir dessa última narrativa oral. Certamente ela, por si só, já consolidaria uma outra pesquisa de mestrado. O desprendimento e a sinceridade de Dona Rosa deixaram-me convictos da

necessidade de exercitarmos, cada vez mais, nossa capacidade de ouvir as lembranças dos velhos. Finalmente, para colher as narrativas orais, contei com os seguintes sujeitos:

1. Osvaldo Sá Vieitas.

Nascido no dia 07 de abril de 1927, na Cidade de Breves no Pará.

2. Maria da Glória Melo da Silva.

Nascida no dia 21 de setembro de 1913, no Distrito de Outeiro/Belém do Pará.

3. Corila Ferreira Barros.

Nascida no dia 03 de abril de 1914, na Cidade de Belém do Pará.

4. Rosa Ferreira do Carmo.

Nascida no dia 30 de agosto de 1928, na cidade de Belém do Pará.

NARRANDO A INFÂNCIA: Procedimentos de análises e tratamento do corpus

De porte de todo o material devidamente gravado, concluído com as duas últimas duas entrevistas e com as anotações feitas discretamente em um caderno a parte, parti para a leitura e análise das transcrições, reavaliando, cuidadosamente, o que estava escrito e corrigindo algumas expressões não compreendidas inicialmente. Tive o cuidado de organizar todas as entrevistas dividindo-as pelos eixos temáticos, que foram definidos no projeto inicial e, também, no roteiro de entrevista. Como já era de se imaginar, cada entrevista teve suas peculiaridades, elas não formaram um todo homogêneo, porém se completavam em várias passagens, ora concordando em muitos aspectos, ora divergindo em outros. Porém, acreditava que havia muita coerência e verdade em todo aquele material coletado.

Àquela altura eu já estava munido de alguns documentos oficiais e não-oficiais da época que contribuíram significativamente com a contextualização histórica da cidade de Belém e que revelaram pistas interessantes acerca da infância no município, no início do século XX, como: relatórios governamentais, material iconográfico, mapas geográficos, jornais e revistas que tratam da infância em seus vários aspectos, entre outros. Procuraremos ainda alguns referenciais bibliográficos de autores que já vêm

discutindo temáticas que apresentam aproximações com esta, na região amazônica, principalmente, no que se refere aos aspectos historiográficos, como: Figueiredo (2001); Lacerda (2002); Sarges (2002a, 2002b); Salles (1994); De Campos Ribeiro (2005); entre outros.

Outros autores foram pesquisados uma vez que a infância fora relacionada a alguns eixos que no decorrer do processo de escrita alguns deles tornaram-se categorias de análise assim como, outras categorias surgidas possibilitaram novas argumentações. Entre esses autores posso destacar: Ariès (1978); Nagle (1976); Nascimento (1997); Tozoni-Reis (2002); Vidal (2000); Thompson (1992); Alberti (2002); Bossi (1994); Kramer (1992 e 1996); Kuhlmann Jr. (2000); Passetti (2007); Rizzini (2007); Marcílio (2003); Mendes (1998); Foucault (1987); entre outros.

A opção em levantar documentos oficiais ou não-oficiais (cartas, telegramas, reportagens em jornal, revistas e outros) da época tem como principal objetivo, indicar caminhos para embasar a temática de pesquisa, assim como as categorias de análise e, também, facilitar o direcionamento das entrevistas junto aos informantes. De acordo com Thompson:

Não há dúvida que existe o perigo de as fontes orais utilizadas isoladamente, estimularem a ilusão de um passado cotidiano em que fiquem esquecidos tanto os entrecosques da narrativa política da época, quanto as pressões invisíveis de mudanças econômica e estrutural, exatamente porque elas raramente influem nas lembranças dos homens e das mulheres comuns. Porém, as fontes orais podem auxiliar-nos a compreender como se constitui aquele contexto. Além disso, acenam com a promessa de avançar nessa compreensão de modo fundamental. (1992, p. 329)

Diante da problemática em estudo assim como dos objetivos traçados, foram organizados, a priori, alguns eixos que são inerentes ao mundo infantil como: a educação e a escola, a relação com a família e trabalho, as brincadeiras, e outros que poderão surgir mediante as narrativas. Nesta fase, será dado o tratamento aos materiais coletados – documentos e entrevistas - com o intuito de fazer as inferências analíticas, fundamentadas no procedimento da análise das narrativas. Autores como Flick consideram que:

Um aspecto comum a todos os procedimentos para análise de dados narrativos é o fato de que, na interpretação dos enunciados deve-se partir da Gestalt da narrativa e, assim, examinam os enunciados no contexto da narrativa. Além disso, incluem-se uma análise formal do material: que

trechos do texto são narrativos, que outros tipos de texto podem ser identificados? Os procedimentos diferem em relação à visão que se apresenta sobre o papel da narrativa na análise das relações estudadas. (2004, p. 215).

Após ter organizado todo o material da pesquisa, iniciei a fase da escritura da dissertação, procurando estabelecer os nexos existentes entre os enunciados das narrativas e os fatos descritos nos referenciais bibliográficos juntados durante a investigação. Esta fase, sem dúvida nenhuma, foi a mais trabalhosa e difícil, que exige de todo pesquisador um senso de responsabilidade, disciplina e rigor teórico para dar conta, principalmente, de narrativas de pessoas que estão carregadas de subjetividades e que, segundo Bruner (apud) Brockmeier e Harré (2003), essas histórias de vidas são verdadeiras construções sociais que guardam em si um modo específico de construção e constituição da realidade.

O caminho foi sendo descoberto aos poucos e o seu percurso teve como norte as narrativas, a cada parte de depoimento fui percorrendo cada ladeira que subia, cada curva que passava. Foi uma longa viagem, cheia de paradas e reflexões, algumas curtas, outras mais demoradas que havia necessidade de maior aprofundamento. Talvez tenha chegado ao destino, não sei se o ideal foi alcançado, mas tenho convicção de que tudo o que vivenciei no percurso está aqui, pleno, com a certeza de ter feito uma boa viagem e conhecido muitas histórias da infância de crianças que viveram na cidade de Belém do Pará na primeira metade do século XX.

O texto final, além de contar com um valioso material iconográfico que traz informações interessantes do período em destaque e, que contribui e enriquece o documento, está composto de uma grande seção que se subdivide em sete partes definidas por eixos temáticos que versam e se entrelaçam, configurando-se na história da criança e da infância na cidade de Belém, na primeira metade do século passado.

Na primeira subseção é feito um panorama geral acerca do contexto histórico da cidade de Belém, sendo conduzido pelas reminiscências dos narradores da pesquisa. Procuro nesse momento chegar a cada espaço da cidade anunciado pelas narrativas. A intenção é de tornar aquele ambiente histórico o mais interessante possível ao imaginário do leitor. É utilizado, para tal, referenciais bibliográficos e documentais (Livros, teses, romances, contos, jornais, revistas) de autores, sobretudo regionais, que são responsáveis por algumas pesquisas dessa natureza em nossa região.

A segunda e a terceira subseção da dissertação tratam da relação que as crianças tinham com os espaços públicos e como elas os utilizavam. Revelando, também, aspectos interessantes das manifestações culturais que aconteciam constantemente na cidade. São utilizadas muitas imagens que aliadas às narrativas recriam alguns daqueles espaços e facilitam a compreensão do ambiente histórico.

A quarta subseção conta a história da criança e sua relação com a educação e as práticas pedagógicas. Em algumas passagens, faço inferências não só à educação formal, mas também, àquela em que as crianças recebiam em casa, nos espaços públicos e em outros ambientes em que se relacionavam. As primeiras idéias para a organização do ensino por parte do Estado são, também, reveladas pelas narrativas.

Em seguida, na quinta subseção, tento dialogar com as narrativas extraíndo, desse diálogo, aspectos da vida privada da criança. Nesse momento, a intenção é revelar singularidades que fazem parte do mundo infantil e que, certamente, estão evidenciados, também, em outras partes da dissertação.

Na sexta subseção, trago à tona o debate acerca da criança e sua relação com o trabalho, especialmente o doméstico. Muitas histórias foram contadas, principalmente, pelas três senhoras entrevistadas. As histórias evocadas por elas revelaram as mais diversas situações, que, ao final, guardam entre si, muitas similaridades que retratam a realidade da criança que viveu durante uma época de tantas mudanças importantes na sociedade.

A sétima e última subseção do estudo foi reservada aos aspectos relacionados ao lazer e às brincadeiras. Confesso que guardava muitas expectativas nesse “pedaço” da história. Gostaria de ter ouvido muitas histórias de brincadeiras na infância de meus informantes, mas infelizmente constatei que a criança à época era desprovida do direito de brincar.

Para finalizar, nos diálogos (in)conclusos refaço, inicialmente, algumas análises acerca do processo de construção da pesquisa, ou seja, a importância da história oral para as pesquisas historiográficas que se utilizam de temáticas específicas, como a infância, assim como, dos sujeitos utilizados para sua concretização. Mais adiante, à luz das narrativas coligidas, sintetizo algumas reflexões da história das crianças na cidade

de Belém. As abordagens levam em conta as narrativas sobre a infância e revelam o panorama histórico, político, social e cultural da cidade de Belém do Pará, ambientada na primeira metade do século XX.

É importante salientar que optei em escrever todo o texto estabelecendo um constante diálogo entre as narrativas e o referencial bibliográfico selecionado para a pesquisa. Acredito que desta forma privilegiei a voz dos sujeitos dentro do texto escrito. Essa opção exige muita cautela e envolvimento naquilo que se está anunciando. É um estudo delicado que deve ser tecido cuidadosamente, pois o encontro entre o que está escrito e o que foi evocado devem ser respeitados.

SEÇÃO I

MEMÓRIAS (IN)VISÍVEIS: NARRATIVAS DE VELHOS SOBRE SUAS INFÂNCIAS EM BELÉM DO PARÁ (1900 – 1950)

I.1- Infância e a Cidade de Belém

O ano era 1912, a cidade era Belém do Pará, há exatos noventa e seis anos, começa a ser contada a história da infância, a partir da visão de crianças que estiveram lá e que hoje, já idosos, guardam em suas lembranças, momentos preciosos de um contexto tão rico e tão marcante e que, também, faz parte do imaginário de todos aqueles que se lançam no propósito de descobrir a fascinante história da cidade de Belém do Pará e da *Belle Époque*¹².

Apesar dos constantes recuos temporais que faço ao longo deste documento, optei em iniciar esta seção, demarcando exatamente a data de nascimento de uma das minhas entrevistadas¹³. Penso que desta forma, reconheço a importância do fato narrado e ainda não menos importante a sua apreensão dentro do contexto acadêmico para a elaboração de novas sínteses históricas nos diferentes temas investigados na sociedade. Para Bruner (1991) apud Brockmeier e Harré, (2003, p.531), “as narrativas são formas inerentes em nosso modo de alcançar conhecimentos que estruturam a experiência do mundo e de nós mesmos”.

A cidade de Belém, notoriamente, foi um dos maiores centros de desenvolvimento econômico do Brasil no início do século XX e esse fato pode ser bem percebido pelas das lembranças colhidas durante as entrevistas. Em muitas passagens das narrativas de Dona Rosa, por exemplo, pode-se identificar o quanto foi marcante para as crianças e suas infâncias a realidade vivida naquele contexto histórico.

Dona Rosa ao se referir ao transporte da época faz o seguinte relato:

¹²Termo francês que significa “Bela Época” e que se refere a um período marcado por grandes transformações em nível econômico e cultural e que teve um acelerado processo de urbanização, culminando com projetos de construções de grande beleza como palacetes, igrejas, praças e parques públicos, teatros, bosques, ruas, etc.

¹³Trata-se de Dona Maria da Glória Melo da Silva, nascida no dia 21 de setembro de 1912.

“... tinha o bonde de primeira classe onde a gente andava bem vestida, não tinha problema e o povo de manga de camisa não podia entrar, para eles tinha um reboque que servia como transporte”. (D. Rosa)



FIGURA 1: Bondes de Belém

FONTE: “O Pará – 1908”- Álbum do Estado do Pará.

É perceptível na narrativa de Dona Rosa a preocupação que havia por parte dos governantes em manter uma segregação na sociedade da época, ou seja, aqueles que tinham maior poder aquisitivo e que em geral eram os grandes comerciantes, altos funcionários públicos e outros que podiam usufruir do conforto proporcionado pela cidade.

As riquezas proporcionadas pela extração e comercialização da borracha aceleraram o processo de modernização¹⁴ da cidade, perseguido pela administração, e

¹⁴O conceito de modernidade foi e vem sendo discutido até hoje por vários autores, na compreensão de Adorno (1999) esta lógica se revela em um panorama de absoluto paradoxo em que progresso material e

cada vez mais a sociedade, que detinha maior poder aquisitivo, tentava imprimir um ar parisiense à cidade, esse aspecto poderia ser bem notado na maneira como as senhoras se vestiam. Elas guardavam um gosto especial pelas marcas famosas da Europa, seus vestidos eram trazidos das lojas de Londres e Paris, chegando algumas delas a se instalarem por aqui como a Paris N'América, O bom Marche, e, também, butiques exclusivas de chapéus. Em suas colunas de eventos, os jornais da época divulgavam os acontecimentos da alta sociedade.



FIGURA 2: Bondes de Belém

FONTE: “O Pará – 1908” – Álbum do Estado do Pará.

Era muito comum nas tardes de domingo, essas senhoras da alta sociedade, impecavelmente vestidas (todas de chapéu e luvas), irem para as paradas aguardar os bondes que as levariam ao cinema Olímpia. Em seguida, elas se dirigiam ao terraço do

injustiça social estão juntos, sem que o primeiro elimine ou diminua a segunda, pelo fato da sociedade contemporânea se reger pelo sistema que ele qualifica como “capitalismo tardio”, cuja característica marcante é circunscrever um sistema social fechado sobre si mesmo, o que impede toda e qualquer ação individual ou coletiva para superar sua lógica perversa e injusta, a lógica do sucesso ou do fracasso, que delega à razão somente a tarefa de adequar tecnicamente os meios a fins que lhes são alheios e impostos.

Grande Hotel para saborear os sorvetes que ali eram oferecidos. Ainda lembrando dos momentos de sua infância, Dona Rosa relata que:

“Os bondes eram chamados de “balangandãs”, foi quando Carmem Miranda lançou uma música que falava de balangandãs. Ela aparecia no palco toda cheia de balangandãs e os bondes eram todos enfeitados”. (D. Rosa)



FIGURA 3: Bonde de Belém – visão interna.

FONTE: “O Pará – 1908”. Álbum do estado do Pará.

Apesar das lembranças do bonde que circulava pela cidade, Dona Rosa, quando criança, poucas vezes pode fazer este programa nas tardes de domingo, sua situação financeira não lhe dava condição para tal. Porém, apesar de ter ficado órfã de pai e mãe muito cedo, e ter que morar no Asilo Dom Macedo Costa, pôde vivenciar algumas vezes essa experiência. Os passeios de bonde que ela participava eram patrocinados pelo Governo do Estado e, em geral, tinham um caráter assistencialista, uma vez que o asilo de mendicidade Dom Macedo Costa era mantido pelo poder público.

Em alguns momentos festivos na cidade, como na época do Círio de Nazaré, estes passeios eram realizados e havia uma espécie de seleção entre as crianças que moravam no asilo para ir passear na quadra nazarena.



FIGURA 4: Fachada do Asilo de Mendicidade e Estrada de Bragança

FONTE: “O Pará” – 1908. Álbum do Estado do Pará

No âmbito das construções suntuosas do final do século XIX e início do XX, está o Asilo Dom Macedo Costa¹⁵. Este espaço era considerado estratégico pela sua localização, pois lá eram colocadas inicialmente mulheres consideradas loucas, que viviam perambulando pelas ruas da cidade, causando transtornos e má impressão ao cotidiano da *urbe*. Diferentemente de outras construções importantes, ele foi construído a alguns quilômetros do centro da cidade, às margens da Estrada de Bragança e Tito Franco¹⁶ para permitir uma ordem e uma “limpeza”. Este era um imperativo da administração municipal. Porém, mais tarde, o espaço abrigou também velho e criança

¹⁵O prédio do antigo “Asilo de Mendicidade” foi inaugurado em 16 de novembro de 1901 pelo Intendente Municipal Antônio Lemos. Em 23 de dezembro de 1935 teve sua denominação alterada para “Asilo de Assistência Social Dom Macedo Costa”, mais tarde para “Casa do Acião Dom Macedo Costa”. Foi construído pela Companhia Inglesa Mendes e Cia.

¹⁶Inicialmente denominada como Estrada Real, logo depois Estrada de Bragança e em seguida Avenida Tito Franco. Atualmente é conhecida pelo nome de Avenida Almirante Barroso, considerada principal via de acesso ao centro da cidade. Ver detalhes em Ernesto Cruz, *Ruas de Belém*, 2. ed. CEJUP, 1992.

abandonada e, coincidentemente, uma de minhas entrevistadas viveu por lá desde os seus cinco anos de idade.

Considero importante fazer ao longo dessa seção referências a esse espaço público por representar um momento singular na vida de muitas crianças que, como Dona Rosa, viveu não só a infância, mas toda sua vida nesse asilo. Como mais um símbolo da modernidade da cidade de Belém do início do século passado, o prédio contou com uma arquitetura arrojada, alinhado ao tom imponente das grandes construções da época. Em um trecho extraído do álbum de fotografias intitulado “Álbum de Belém”, de novembro de 1902, este aspecto se apresenta bem descrito.



FIGURA 5: Passagem para o refeitório do Asilo de Mendicidade

FONTE: “O Pará – 1908”. Álbum do Estado do Pará

Quem ao longe avista esse palacete encravado no campo, rasgado em janella para a alegria perenne das mattas, mal pensará que ali estejam encerradas dezenas de loucos e maníacos, uma multidão grotesca de desgraçados, indiferentes, por certo, a todos os influxos vitaes, tummultuosamente dispersos no rarefeito ambiente daquela estância rural. (ÁLBUM DE BELÉM, 1902).

Foi surpreendente descobrir, através da entrevista concedida por Dona Rosa, que por muito tempo crianças conviveram em um mesmo espaço com velhos abandonados, porém percebi que aquela convivência não deixou muitas saudades e, que ao contrário, impingiram muitas angústias e frustrações nas suas lembranças de infância. Aquela situação a conduziu ao trabalho muito cedo e seu tempo de infância foi por muitas vezes negado¹⁷.



FIGURA 6: Instituto do Prata: Corpo de dirigentes de alunos/ banda de música/ uma aula de seção masculina/ aula elementar.

FONTE: “O Pará – 1908”. Álbum do Estado do Pará

Por volta de 1910, no então governo de Augusto Montenegro, outros espaços foram projetados para receber crianças que se encontravam nas ruas ou que não tinham família. Como parte da estratégia de organização da cidade eles eram, comumente, construídos fora da cidade, entre esses espaços merecem destaque o “Instituto da Infância Desvalida Santo Antônio do Prata” e o “Instituto Orfanológico”.

¹⁷Na subseção em que trata da criança e sua relação com trabalho infantil (p. 92), essa questão será melhor enfocada.

O primeiro teria como finalidade, educar menores de ambos os sexos, de seis a nove anos de idade, que fossem silvícolas, órfãos pobres e filhos de réus condenados. Além do curso primário, o currículo oferecia também ensino prático de cultura agrícola. O governo confiou a administração deste espaço à Ordem dos Capuchinhos Lombardos¹⁸.



FIGURA 7: Instituto Orfanológico do Outeiro

FONTE: “O Pará – 1908”. Álbum do Estado do Pará

O segundo instituto teria como finalidade dar instrução a meninos órfãos de pai e que fossem desvalidos e, curiosamente, passou a funcionar no espaço que serviram para hospedar imigrantes, e era localizado no Distrito de Outeiro. A criança só poderia ser admitida a partir dos cinco anos, podendo permanecer internada até os doze anos de idade. A administração do instituto ficou a cargo do secretário de Estado da Instrução Pública.

Já podemos perceber que apesar da grande riqueza oriunda da economia da borracha, maior produto de exportação da Amazônia, da segunda metade do século

¹⁸Segundo o Historiador Homerval Teixeira da Cruz (1973), a Ordem dos Capuchinhos, também conhecidos como Franciscanos chegaram por aqui por volta dos anos 1617 e se instalaram a meia légua do Forte do Presépio, atualmente Forte do Castelo. Anos mais tarde, os missionários Capuchinhos, que vieram da região da Lombardia para Belém do Pará, começaram a administrar várias instituições de assistência, escolas e hospitais de caridade.

XIX, não significou que crianças como Dona Rosa tivessem sido beneficiadas. Essas riquezas acentuaram, de certa forma, as diferenças entre a elite e a população que necessitava da ajuda da administração pública. Porém, a cidade de Belém ocupava uma posição privilegiada entre as demais cidades brasileiras da época. Segundo Sarges:

Entre 1840 e 1920, toda atividade econômica da região passou a girar em torno da economia extrativista da borracha. Em decorrência da nova economia que se instala, novos contingentes chegam à cidade imprimindo uma ampliação e modificação na paisagem do seu urbano. (2002a, p.52).

As riquezas proporcionadas pela exportação da borracha aceleraram a modernização da cidade, modernização esta que era vista como um processo que incluiria uma profunda transformação nos costumes, nos hábitos, no modo de vestir e, principalmente, na reordenação da cidade e na construção de prédios como o Teatro da Paz. A esse respeito Fontes observa que:

Belém era descrita como uma cidade onde o acesso ao mar era fácil, com praças ajardinadas e ruas arborizadas e iluminadas pela eletricidade. Suas praças eram apresentadas como as mais belas da América do Sul, suas largas vias públicas eram ladeadas por mangueiras, amendoeirais e palmeiras, como as da Travessa São José. (2002, p.261).

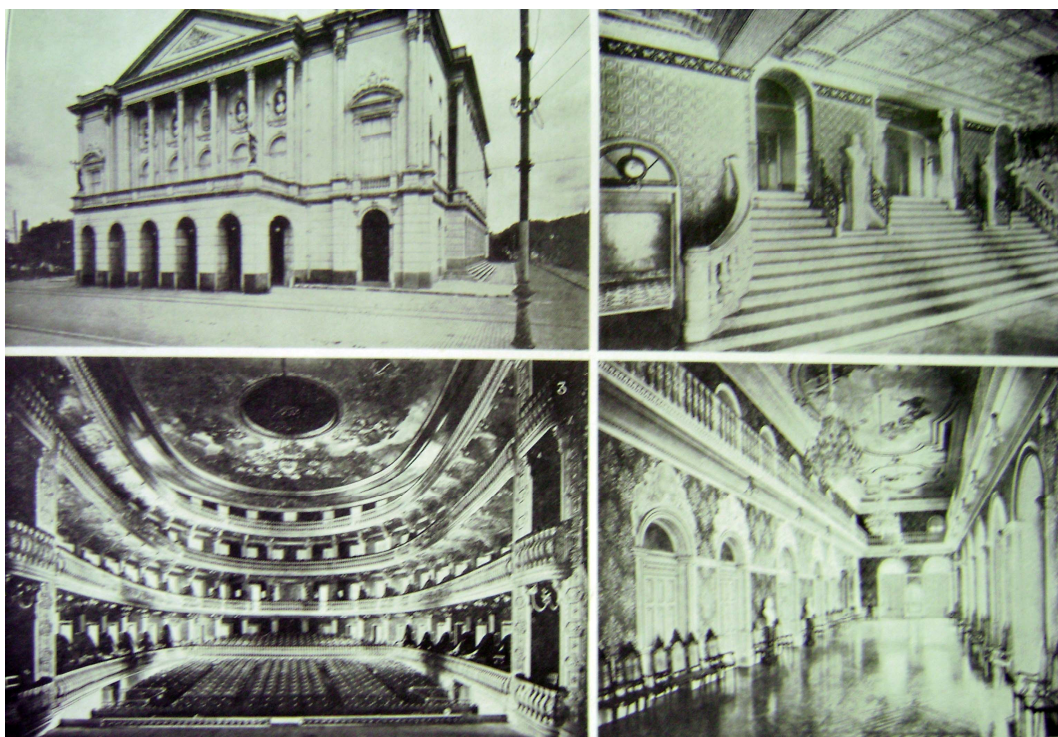


FIGURA 8: Teatro da Paz/ entrada do teatro/ sala de espetáculos (platéia)/ foyer do teatro.

FONTE: “O Pará – 1908”. Álbum do Estado do Pará

Dona Glória, em um outro relato, revela que teve poucas oportunidades para ir ao teatro, porém tinha muito desejo de freqüentar outras vezes e em outras ocasiões

***“... só ia ao Teatro da Paz quando havia, por exemplo, as refeições de grau das professoras. Era lá no Teatro da Paz. Então os alunos que eram convidados, iam assistir àquela refeição de grau”.*(D. Glória)**

No início do século XX, o ofício de ensinar era predominantemente uma tarefa da mulher, este fato pode ser percebido na narrativa de D. Glória que revela com naturalidade essa característica¹⁹. É possível perceber também na narrativa que o Teatro da Paz foi, sem dúvida, um dos maiores símbolos do período áureo da borracha na Amazônia, sendo construído entre os anos de 1869 e 1874, levando, no entanto, cinco anos para ser concluído.

O Teatro da Paz era um espaço muito disputado e freqüentado pela elite paraense, no início do século XX. Entretanto, nem sempre esteve ocupado pelas grandes óperas da época e nem pelos grandes concertos musicais, ou ainda pelos bailes carnavalescos. O Teatro serviu também para festas de formatura de professoras e foi em um desses momentos que Dona Glória, quando criança, pode adentrar o teatro e se impressionar com tudo que estava ao alcance de seus olhos.

De acordo com Andrade (2004), o Teatro da Paz foi inaugurado em 1878, nove anos após o início das suas obras. Naquele momento, o maestro Vicent Colas regeu a parte musical seguida da peça “As Duas Órfãs” do autor francês D’Arinery, encenado por Xisto e Maria Bonita.

O Teatro teve seu apogeu no período áureo da borracha, transformando-se no centro das atenções da vida artística e social de Belém. Nesse período, Carlos Gomes regeu a obra “O Guarani”. O Teatro é inspirado no neoclássico, o teto é animado por figuras regionais, executados a óleo pelo pintor Armando Baloni, que substituiu os pincéis do artista italiano Domenico D’Angelos.

¹⁹Na subseção que trata da Infância, Educação e as Práticas Pedagógicas (p. 65) esta questão está melhor discutida.

Dona Glória relembra também que chegou a entrar no Cinema Olympia quando criança, como representante de sua escola, em uma programação comemorativa que não pode lembrar os detalhes no momento da entrevista.

“Tinha um palco... Cheguei a ver... Mas só entrava lá a elite!” (D. Glória)



IMAGEM 9: Vista parcial da Praça da República

FONTE: Álbum de Belém - 1902

Apesar do declínio da borracha, por volta de 1912, Belém ainda vivia a *Belle Époque*, a cidade ainda transpirava o luxo e a riqueza da época. Entre os cinemas da época o mais chic, naturalmente, era o ‘Olimpia’. Nas sessões domingueiras, era obrigatório para as damas o uso de chapéus. Após a ‘matinée’, realizada à tarde apesar do nome, as damas iam para o terraço do Grande Hotel tomar sorvetes. Muitas delas já tinham ido, pela manhã, à missa das 10h, na Basílica, igualmente de chapéu e luvas, com direito a foto de “saída da missa” na primeira página dos vespertinos da segunda feira (MENDES, 1998). O Cinema Olímpia foi inaugurado em 1912 e foi o primeiro cinema de luxo de Belém, sendo um dos mais importantes do país.



FIGURA 10: Visão parcial da Praça da República e do Teatro da Paz.

FONTE: Álbum de Belém.

Segundo Andrade (2004), o Cinema Olímpia, começou a ser construído no ano de 1911, por Antonio Martins e Carlos Araújo Teixeira que, à época, eram proprietários do Grande Hotel, espaço importante da cidade e que foi demolido em 1974. Ao relatar suas memórias no livro intitulado “A Cidade Transitiva”, Mendes ressalta que realmente a população não tinha muito acesso aos grandes teatros e cinemas na época, ele diz que:

As classes populares, entretanto, ao aproximar-se o meio do século, não podendo frequentar os grandes teatros, iam às pastorinhas ou boi bumbá no Bar do Souza, no fim da linha de bondes que percorriam a Estrada de Souza, depois Avenida Tito Franco, hoje Almirante Barroso. Ou iam ao Theatro-Bar da Fábrica de Cerveja Paraense, na Avenida Magalhães Barata. [...]. (1998, p.108).

Já no caso de Seu Osvaldo, sua ida ao Teatro da Paz foi para assistir a peças infantis, que eram apresentadas também nas diversas igrejas localizadas no centro da

cidade. Tanto o Teatro da Paz quanto o Cinema Olímpia foram obras construídas com o intuito de estimular o gosto pelas artes, em especial pela música, era uma época de grande efervescência cultural, havia grandes investimentos públicos para que a população se sentisse contemplada pela cultura erudita da época.



FIGURA 11: Lago na Praça Batista Campos.

FONTE: Álbum de Belém.

A elite paraense se concentrava nos bairros da Cidade Velha, Comércio e Batista Campos, todas as construções imponentes estavam localizadas naquela circunscrição, exceto o Bosque Rodrigues Alves e o Prédio do Asilo de Mendicidade, por lá estavam os bancos, as praças, os cinemas, os teatros, a intendência municipal, as igrejas. Três dos meus entrevistados moraram na Cidade Velha e esse fato é importante para se dimensionar momentos específicos, do ponto de vista da localização, ou seja, do lugar de onde se viveu a infância narrada pelos sujeitos que testemunharam aquele momento histórico.

Seu Osvaldo, ao iniciar sua narrativa, fez a seguinte afirmativa:

“Eu conheço muito a Cidade Velha... Quando eu vim do Marajó meu pai comprou uma casa na Cidade Velha e eu morei lá por sessenta anos, de forma que a Cidade Velha eu conheço até os buracos!” (risos). (S. Osvaldo)

E ele continua narrando:

“... no Forte do Castelo²⁰ era onde a gente fazia educação física. Quando eu estudava no Grupo Escolar Rui Barbosa onde hoje é a Assembléia Legislativa, então a gente ia fazer, com a professora, educação física lá!”. (S. Osvaldo)



FIGURA 12: Avenida da República, vista do poente

FONTE: Álbum de Belém

As crianças nessa época tinham a cidade como um grande espaço de relações, haja vista que não havia tantos impedimentos para elas transitarem pelas ruas da cidade, os espaços estavam quase sempre disponíveis para o deleite infantil. Ao que parece, crianças como Seu Osvaldo tiveram uma infância marcada por inúmeras experiências

²⁰Construído pelos portugueses, é conhecido como Forte do Presépio. Foi fundamental para defender a cidade de Belém contra os ingleses, franceses e holandeses. Mais tarde foi transformado em quartel general, sendo marco da fundação da cidade de Belém. O nome atual é uma homenagem a Francisco Caldeira Castelo Branco, fundador da cidade. (ANDRADE, 2004).

nas ruas da cidade, isto fica bem evidenciado nas suas narrativas que trazem muitos elementos do cotidiano do Bairro da Cidade Velha²¹.

Em sua Tese de Doutorado intitulada “Cidade Velha e Feliz Lusitânia: Cenários do Patrimônio Cultural em Belém”, Miranda ao fazer uma analogia entre o simbólico e imaginário, conclui que:

Os bairros têm características físicas como continuidade temática, de textura, espaço, forma, detalhe, símbolo, tempo de edificação, costumes, topografia, conservação. São freqüentemente associados às classes sociais ou etnias que os habitam. Podem ter fronteiras mais ou menos certas que reforcem sua identidade. (2006, p.120).

Ainda de acordo com essa autora (p. 120), “as imagens urbanas são patrimônio de uma coletividade, marcando a sucessão de tempos, os acontecimentos sociais, políticos, econômicos ou culturais de um dado espaço público”.

A relação criança – espaço público sempre teve uma conotação especial, pois é nesse meio que são evidenciadas vivências espontâneas da criança, que certamente não seriam possíveis em outros ambientes. É ali que elas encontram soluções para diversas questões do cotidiano como: comprar algum objeto; encontrar alguma rua ou repartição; indicar a alguém algum endereço; e, o que é mais importante, relacionar-se com as mais diferentes pessoas que encontra pelas ruas.

“Ali onde hoje são os Correios e Telégrafos, antigamente era o Café Chick, ali era a zona boêmia da cidade, onde se reunia aquele pessoal tocando violão, aquelas ‘Mariposas da 1º de Março’ tudo iam pro Café Chick”. (S. Osvaldo)

Com mais ou menos doze anos de idade, Seu Osvaldo passeava pela cidade e presenciava esses momentos festivos da cidade. Durante suas narrativas, ele demonstrou que tinha um verdadeiro fascínio por essas manifestações que davam um ar festivo à cidade e que faziam parte de sua infância.

²¹Segundo Valente (1993), Belém, por volta do século XVII, tinha apenas dois bairros: o da Cidade (conhecido atualmente como Cidade Velha) e o da Campina. O marco divisor desses bairros era a travessa São Mateus, que foi aberta especialmente para locar uma leva de imigrantes portugueses. A Siqueira Mendes foi a primeira Rua do Bairro da Cidade, que anteriormente foi chamada Rua do Norte. Essa rua margeava todo o Rio Guamá e terminava onde começava a floresta bruta.

I. 2. Infância e o Espaço Público

Já comentamos anteriormente que havia uma grande preocupação por parte do poder público em manter uma ordem e organização na cidade e uma das atitudes tomadas foi a construção de asilos e institutos para atender idosos abandonados, crianças órfãs e menores abandonados ou delinqüentes que perambulavam pelo centro da cidade. Segundo Sarges (2002a), todos os esforços para atingir o progresso que se almejava eram direcionados à área central da cidade, onde trabalhava e morava a elite e parte da classe média.

Apesar de ser propagada a idéia do cuidado especial com os desamparados, para que estes não viessem a sofrer com as doenças que eram comuns à época, o que estava em jogo era o isolamento destes em detrimento do bem estar das camadas mais favorecidas. Assim, a área central da cidade era cada vez mais isolada para evitar o convívio da elite com pessoas das classes populares.

“Tinha o bonde de primeira classe e tinha o reboque”. (D. Glória)

Nesse pequeno, porém, significativo trecho, narrado por Dona Glória podemos perceber como era visível a separação que se estabelecia entre as classes sociais na cidade de Belém do Pará no início do século passado. Por ter tido uma infância humilde, Dona Glória não utilizava o bonde de primeira classe, mas o registro desse momento está muito presente em suas lembranças.

Para ela, era comum presenciar tantos rituais como esse em que, de um lado, a classe baixa era sempre menosprezada enquanto, que a alta usufruía das regalias e benesses de uma cidade com ambições capitalistas de primeiro mundo.

Na realidade, o que se percebia, cada vez mais, era um crescente descompasso entre modernidade e a pobreza, ou seja, enquanto as políticas primavam pelo processo de embelezamento da cidade, mais pessoas que viviam em condição precárias surgiam pelas ruas, chamando atenção do poder público em nível municipal e estadual.



FIGURA 13: Imagem de um reboque.

FONTE: “O Pará – 1908”. Álbum do Estado do Pará

Já era de se esperar que a cidade de Belém, viesse a sofrer as conseqüências da forte aceleração do crescimento. Sarges (2002a) observa que Belém, assim como Rio de Janeiro e São Paulo, teve que conviver com os conflitos cotidianos e as tensões provocadas pelas transformações econômicas, os problemas eram de toda ordem: proliferação do alcoolismo, mendicância, delinqüência, prostituição, entre outros.

A Folha do Norte²², jornal que circulou durante muitos anos e que representou o principal meio de comunicação da época no Pará, trazia diariamente uma coluna denominada “*Menores Delinquentes*” onde destacava a questão do menor que vivia pelas ruas da cidade cometendo pequenos delitos, chamando atenção do poder público.

Outro fator que merece ser considerado era a forte migração que ocorrera naquele período, estima-se que no início do século XX, o número de imigrantes que chegaram ao Pará duplicou e, destes mais da metade fixaram residência em Belém, fazendo com que a população da capital atingisse números elevados de moradores.

O número de crianças que chegaram com essas famílias também era significativo, muitas vezes elas vinham sozinhas nos grupos, sem nenhuma referência parental, porém, Lacerda (2002) observa que aparentemente por se mostrarem mais frágeis, as crianças parecem depender de um adulto para sobreviver. No entanto, muitas vezes, elas são as que melhor se adaptam as situações adversas, encontrando formas das mais variadas para burlarem o desconforto, a tristeza, a solidão, e, para recriarem a sociabilidade que, normalmente, é uma tarefa difícil para os adultos.

Esse crescimento populacional trouxe consigo outras carências que exigiam resposta imediata da cidade, entre essas carências a necessidade de trabalho talvez fosse a mais urgente. Segundo Lacerda:

Numa cidade como Belém, que na virada do século, estava em ritmo de certo crescimento em virtude da economia da borracha, as ocupações para crianças giravam em torno de trabalho no comércio local, destacando-se a tarefa de caixeiro em mercearias, padarias, lojas de fazenda. Esses trabalhos eram quase sempre muito mal remunerados, além de expor esses pequenos trabalhadores a toda sorte de arbitrariedades por parte dos adultos. (2002, p.397).

Enquanto a população crescia em um ritmo frenético, causando mal-estar à administração do início do século passado, eram impostas normas para que nada interferisse no projeto de modernização que se pretendia. De acordo com Sarges:

²²A Folha do Norte foi um dos mais importantes jornais que circularam na Capital Paraense no início do século XX. Apoiado inicialmente pelo então Governador Lauro Sodré, fazia forte oposição a Antonio Lemos que, por sua vez, tinha o apoio de A Província do Pará, jornal que dividia a preferência do povo paraense. No dia 30 de agosto de 1912, depois de muitas reviravoltas políticas, os simpatizantes de Lauro Sodré ordenam, invadem e tocam fogo no prédio de A Província do Pará, pondo fim à oligarquia lemist. (SARGES, 2002b).

A Belle – Époque imprimia, desse modo, a redefinição do espaço urbano, a redistribuição dos locais destinados aos serviços sanitários e o emprego de mecanismos de controle dos hábitos da população, o que tornava bastante visível a distinção entre a área central da cidade, destinada aos ricos burgueses “desodorizados” e “higienizados” e as áreas “periféricas” destinadas à população trabalhadora pobre (2002a, p.155).

Segundo a autora, o projeto de modernização da cidade era implacável àqueles que destoassem da paisagem do centro elegante da capital, a cobrança era tanta que a administração pública estabeleceu uma série de normas para a convivência das pessoas no espaço urbano. Os hábitos que eram considerados comuns e que faziam parte do cotidiano das pessoas, incluindo o das crianças, estavam enquadrados em normas e regras definidas em um Código de Postura²³ aprovado pela administração municipal.

“Havia história à noite, a gente via aquelas velhinhas, aquelas cozinheiras que sentavam na frente das casas pra contar histórias. A gente fazia aquela roda pra ouvir história”. (D. Corila)

Dona Corila, de noventa e três anos, ao lembrar desses momentos de sua infância reproduz o que comumente se fazia na maioria das cidades no início do século passado. Conversar ou contar histórias, à noite, em frente de casa, sentados em roda, onde os mais velhos tinham a oportunidade de contar aos mais novos, os mais diferentes casos. Era um ritual muito comum.

Porém, no início do século passado até por volta de 1915, até as conversas a noite foram proibidas pela administração municipal, o Código de Postura impunha regras rígidas à população. Essa determinação interferia até naqueles costumes mais tradicionais da população e que faziam parte de cotidiano. Para Sarges:

O controle do poder público ia além da esfera visual da cidade, se estendeu à moralidade dos seus habitantes, tanto que pelo Código de Posturas em vigor ficava proibido fazer “algazarra, dar gritos sem necessidade, apitar, fazer batuques e sambas” (artigo 110). (Ibidem, p. 147).

²³O Código de Postura em vigor na cidade foi criado para disciplinar os hábitos dos cidadãos, impedindo que o interesse público viesse a ser aviltado. Os donos de estalagens, restaurantes, botequins ou congêneres ficavam obrigados a fornecer à intendência a relação da matrícula de seus empregados como também manter a casa perfeitamente limpa, cuidada e pintada anualmente e lavada semanalmente (art. 24), sob pena de multa de 100% ou até mesmo do fechamento do estabelecimento, era apenas um exemplo do que estabelecia o Código. Em 1900 o então Intendente Municipal Antonio Lemos elaborou um novo código que passou a ser chamado de Código de Polícia Municipal. (SARGES, 2002a).



FIGURA 14: Avenida Tito Franco – vista do Marco da Légua

FONTE: Álbum de Belém - 1902

Dona Corila relembra desses momentos de sua infância onde havia um maior rigor e ordem na cidade que, segundo ela, serviam para estabelecer uma melhor convivência entre as pessoas. A rigidez e a ordem já faziam parte de sua educação, pois era filha de pai português e sempre em sua casa havia muita disciplina, tanto por parte do pai, como também de sua mãe. Ela entendia que o respeito que havia entre as pessoas era, em parte, em função das normas estabelecidas pela administração pública e concordava com essa atitude. Ela comenta que até as normas de conduta relacionadas à questão das epidemias, que eram comuns na época, mereciam interferência dos governantes.

Belém tinha muitos problemas de uma cidade que estava se urbanizando e, talvez, os mais graves nas primeiras décadas do século passado estivessem relacionados à saúde da população, as crianças eram as que mais sofriam com as doenças epidêmicas, comuns à época. Dona Glória não esconde a tristeza ao narrar esta passagem de sua infância, e ela o faz com uma dose de credence, quando estabelece uma relação com a religião para explicar o surto de gripe que assombrou Belém na primeira metade do século XX. As crianças certamente eram as mais atingidas, levando muitas delas ao óbito.

“Eu lembro quando peguei a peste, a gripe. Eu lembro quando eu era criança. Antes da gripe, ali na Cidade Velha, Nossa Senhora começou a chorar, logo em seguida, começou esta gripe, morreu muita gente.” (D. Glória)



FIGURA 15: Avenida da Independência (tomada em frente do Mercado da V. Teté)

FONTE: Álbum de Belém - 1902

No início do século passado a preocupação com a saúde pública era tanta que, segundo Sarges (2002a), a administração municipal convida o sanitarista Oswaldo Cruz, responsável pela reforma sanitária da cidade do Rio de Janeiro, para vir a Belém. Entre as doenças da época estavam a febre amarela que, em 1906, levou a óbito 253 pessoas; a tuberculose que, também em 1906, causou a morte de 352 pessoas; a febre palustre, que em 1907 matou 417 pessoas; e, além da diarreia e esterite infantil que vitimaram, só em 1906, mais de 397 crianças.

No livro de crônicas intitulado “Gostosa Belém de Outrora...”, Ribeiro discorre acerca do velório de crianças que aconteciam na primeira metade do século XX. Em “enterros de anjos”, o autor conta de forma lírica todo o ritual que envolvia a morte, o velório e o enterro de crianças.

A mesinha do quarto, normalmente a serviço de toucador e oratório, logo era transportada para o meio da sala de visitas. Retiravam-lhe de cima, às pressas, a latinha de brilhantina ou o vidro de óleo de mutamba ou de babosa, a lata-pucarina de talco carregado no alvaiade, o vidrinho onde um pedaço de papel crepom vermelho macerado em loção comprada à porta, a quinhentos réis e grama, formava a pintura para os lábios das mocinhas da casa. (2005, p. 10).

Num dado momento, surge a polêmica para decidir se o cortejo seguiria de carro ou de bonde, porém surge a idéia de todos seguirem a pé, pois: onde já se viu seguir a carro, parecendo que estavam querendo se livrar rápido do anjinho, que não tinha o peso do pecado.

Nessa alegria chegava o enterro do Anjo ao cemitério. À beira da cova, agarramentos da dindinha ou de uma tia ao caixãozinho. Que luta para o arrancar do amplexo exaltado e consolar aquela alma esfaqueada! Enterros de Anjo, que página típica na vida de Belém de há quarenta, há cinquenta anos! (Ribeiro, Ibidem, p.12).

As altas taxas de mortalidade infantil na cidade de Belém eram alarmantes e se buscavam várias alternativas para superar esse mal, no início do século. Ainda na administração Lemista, as mães foram acusadas de não cuidarem adequadamente de seus filhos e na tentativa de encontrar as causas das doenças que vitimavam crianças, chegou-se ao ponto de orientar que as mães tivessem mais critérios ao escolher as amas-de-leite para amamentar seus filhos.

Era muito comum que famílias de alto poder aquisitivo contratassem amas-de-leite, entretanto, no livro “Memórias do Velho Intendente”, Sarges (2002b) relata que, para a administração municipal, a herança colonial era um fator que contribuía para a proliferação de doenças, uma vez que se permitia que moleques e mucamas convivessem juntos na casa grande.

Se, por um lado, o projeto civilizador de sociedade não exitava em encontrar justificativas para os graves problemas enfrentados pela sociedade belenense da primeira metade do século XX, por outro, o que estava em jogo era o alijamento, cada vez maior, da população menos favorecida.

As crianças eram as maiores vítimas das diversas doenças que apareciam como a varíola, a febre amarela, a tuberculose, e a lembrança de Dona Glória é emblemática ao

retratar a realidade que vivia. A concepção médico-higienista²⁴ que embasava o projeto civilizador do final do século XIX e que era muito evidente no início do XX, estabelecia muitas diretrizes para a formação de uma nova sociedade. A criança era o foco principal para o estabelecimento dessa nova sociedade e as políticas públicas começam a ser pensadas nessa direção.

Em 1919, o então Governador Lauro Sodré, regulamenta a Diretoria de Higiene escolar reorganizando com isto a instrução pública primária. Esta medida teria como finalidade a defesa da população escolar nos próprios estabelecimentos de ensino orientados pelos professores acerca da saúde. Esse ato vem ilustrar o cenário que se apresentava naquele período, ou seja, a necessidade de uma maior intervenção no que diz respeito à prevenção e combate às epidemias.

I.3 – Infância e as Manifestações Culturais

Nas recordações festivas do menino Osvaldo, há muitas passagens de uma Belém de outrora, que ainda, hoje, guarda resquícios de singularidades das mais diferentes formas de manifestações de seu povo.

“... A gente andava bem vestido, tinha prazer em se vestir. Pra Festa de Nazaré eram duas roupas: uma pro domingo. No primeiro domingo era mais pro pessoal do interior. No segundo domingo era outra roupa. (...) era um verdadeiro desfile de moda, e no último domingo, que era o domingo final, também!. Tinha teatrinhos do arraial, onde vinham os artistas famosos, e aquelas brincadeiras de cavalinho, a roda gigante, tudo isso...”. (S. Osvaldo)

Entre cirandas, folguedos, rodas gigantes, carrosséis, pipoca, anjinhos, lá estavam as crianças fazendo parte dos festejos de Nossa Senhora de Nazaré²⁵, no mês de outubro, na capital paraense.

²⁴O discurso higienista tentava empregar conhecimentos científicos para solucionar os grandes entraves apresentados à sociedade moderna e à escola. A educação das crianças seria uma via para se atingir os objetivos preteridos, sendo assim, a pedagogia trazia consigo a crença de que, mediante as revelações da Psicologia, da Biologia e das Ciências Sociais, era possível finalmente obter o conhecimento exato da infância e, assim, aplicar os procedimentos educacionais adequados. (CUNHA, 2000).

²⁵Na subseção “infância e lazer” (p. 102), podem-se encontrar outras abordagens a respeito do Círio e de toda a Festa de Nazaré. Ver também ALVES, Isidoro Maria da Silva. O carnaval devoto: um estudo sobre a Festa de Nazaré, em Belém. Petrópolis, 1980.

Seu Osvaldo ao evocar sua paixão pelo Círio, o fez destacando as vestimentas que os homens, mulheres e crianças costumavam exibir durante as três semanas de festa. Interessante notar, que para um menino vindo do interior, fosse tão significativo estar bem vestido e, mais que isso, acompanhar as etapas que compõem o ritual da moda. Ou seja, cabia ao domingo – primeiro grande dia da festa – escolher a melhor roupa e tinha que ser uma adequada também às pessoas que se faziam presentes em maior número, àquelas vindas do interior do Estado.

Certamente os festejos tinham uma conotação mais familiar e as crianças podiam estar presentes durante os festejos ou vestidas de anjinhos, em carros; ou assistindo a teatrinhos, como nos contou Seu Osvaldo; ou se divertindo nos diversos brinquedos espalhados pelo arraial; ou mesmo passeando pela quadra, saboreando pipoca, bombons e outras guloseimas que havia pra vender.

“O Círio era muito bonito, não era assim cheio de gente, tinha muitos cavalos, assim na frente... (gesticulando). Tinha aquelas meninas da sociedade vestidas de anjinho, montadas naqueles cavalos, na frente. No Ver – o - peso ficava assim... (gestos), canoinhas, também tinha o Porto do Sal”. (S. Osvaldo)

Um dos símbolos da Festa de Nazaré – o anjo – é a representação, talvez, mais significativa para as crianças que participavam da romaria. As duas narrativas, tanto a de Seu Osvaldo, quanto a de Dona Glória, fazem menção a ele. Para as crianças os elementos lúdicos são os maiores referências, pois é através destes, que são construídas as interpretações acerca do ritual.

O Círio também desperta atenção para a menina Glória quando ela observa que um dos destaques é a presença das meninas da sociedade montadas em cavalos vestidas de anjinhos. De certo que o Círio tem uma conotação também elitista, uma vez que para a alta sociedade da época, aquele momento representava não só um momento de devoção à Virgem de Nazaré, mas também um momento de exibir suas posses para o povo que vinha de todo o interior do Estado e de outros Estados do país.

Outro momento interessante que acontece após a procissão do domingo era (e ainda é), segundo Alves, o “almoço do Círio. Conhecido como o Natal dos paraenses, o almoço do Círio é o momento onde se reúne a família e, em alguns casos, amigos mais

íntimos e compadres para saborear as comidas típicas da região” (1980, p. 62). Em residências localizadas na Avenida por onde passa a procissão, as pessoas conversam, falam, riem, comem e assistem a passagem da Santa, enquanto alguns membros da família acompanham toda a procissão. Ao término, todos - pai, mãe, filhos, tios, tias, compadres, comadres, afilhados, entre outros - se reúnem em torno da mesa para almoçar, celebrando o ritual e fortalecendo os laços familiares, típicos das famílias da classe média. Evidentemente, que o pato no tucupi e a maniçoba são dois pratos obrigatórios na mesa da maioria das famílias.



FIGURA 16: Procissão do Círio de Nossa Senhora de Nazaré pelas ruas da cidade.

FONTE: Álbum Belém da Saudade.

Em suas memórias contadas em “A Cidade Transitiva”, Mendes relembra de momentos preciosos da Festa de Nazaré.

Era essa tradição, iniciada no dia 8 de setembro de 1793, que se prolongava nos idos da metade do século já com mais de 150 anos repetida, mas com alterações. O costume da corda para puxar a berlinda iria completar cem anos em 1955, esquecidas as razões práticas da sua introdução, mas tendo-se tornado um rito intocável, como constatara afoito bispo alienígena que pretendeu extingui-la e teve de voltar atrás, décadas antes. (1998, p. 94).

Ele continua:

No interior da Basílica, as missas e romarias pelas manhãs, as novenas e outras práticas religiosas à noite. Em torno, os cinemas e teatrinhos e *mafuás*, nem sempre muito canônicos. Nesses teatrinhos exibiam-se artistas brasileiros e estrangeiros famosos, entre estes a portuguesa Beatriz Costa, uma certa Lison Gaster e outros. Entre os brasileiros, Dercy Gonçalves, Grande Otelo, as duplas Jararaca e Ratinho, Xerém e Bentinho... Cantores como Augusto Calheiros, Carlos Galhardo, Dalva de Oliveira, Francisco ‘Chico’ Alves, o “Rei da Voz”, João Petra de Barros, Nora Ney, Orlando Silva, Silvio Caldas. (MENDES, 1908, p. 95).

Não é nenhum exagero mencionar o surpreendente desenvolvimento econômico que Belém, durante o século XIX e início do XX, teve com a comercialização da borracha. As histórias contadas por pessoas que viveram à época confirmam este fato. Nessas memórias anteriores percebe-se a realidade que ainda se vivia na cidade, mesmo após o fracasso da produção e comercialização do látex. A herança cultural da *Belle Époque* ainda estava muito presente durante toda a primeira metade do século passado.

Os bailes carnavalescos também eram destaques na sociedade belenense, eles aconteciam em vários espaços da cidade, Dona Rosa recorda desses momentos, quando criança, em que as festas aconteciam no Asilo Dom Macedo Costa.

“Durante o carnaval era tudo junto: a festa dos velhos e a das crianças. A gente fazia uma festa só, pra todo mundo. Tinha os blocos... a gente dançava nos blocos, todos fantasiados”. (D. Rosa).

E ela completa:

“As fantasias era o Governo que mandava pra gente”. (D. Rosa)

Por morar em um espaço público, Dona Rosa, durante sua entrevista, sempre se reporta ao poder público para enfatizar que ele estava presente maioria dos eventos que aconteciam nas dependências da casa. O papel assistencialista do Estado, percebido nas narrativas de Dona Rosa, era sempre evidenciado e tinha intenção de mostrar à população que havia uma constante preocupação com os desamparados que viviam na cidade.

No entanto, as festas carnavalescas representavam para àquela sociedade um momento ímpar para construir um clima europeu aos festejos. Ao revelar estas manifestações, Sarges (2002b) afirma que bem no início do século XX, a elite se preocupava em comprar suas fantasias nas lojas chiques na Rua dos Mercadores para

dançar nos bailes de máscaras que aconteciam em clubes da cidade e no imponente Teatro da Paz.

Ainda, segundo Sarges:

A partir de 1904, Antonio Lemos baixou uma série de normas que vieram a empobrecer o carnaval de rua, em decorrência de várias proibições contidas nas posturas municipais. [...] O carnaval deveria ser uma festa “ordeira e civilizada”; os ruídos, as gargalhadas e as desordens deveriam desaparecer e dar lugar a uma versão européia de alegria carnavalesca, como se fosse um Carnaval de Nice (2002b, p. 152).

É notória a herança da administração lemistá por um longo período da história da cidade de Belém, seja no modo comportamental das pessoas, no modo de vestir, assim como, também, no modo de a sociedade se divertir, em particular, a classe que detinha maior poder aquisitivo.



FIGURA 17: Posto médico junto ao Asilo de Mendicidade.

FONTE: “O Pará – 1908”. Álbum do Estado do Pará.

Entender a criança nesse contexto é também perceber as realidades que se apresentavam nas manifestações carnavalescas, uma vez que o olhar infantil percebe e traduz, a seu modo, os dois mundos que conviviam naquele momento histórico. Tanto as narrativas de Seu Osvaldo quanto as de Dona Rosa revelam, claramente, esses dois mundos em que, de um lado, estava a elite usufruindo das regalias patrocinadas pelo

poder público e pelo lucro obtido pela comercialização da borracha e, de outro, estava o povo, que se utilizava de várias alternativas para brincar o carnaval nas ruas da cidade.

“(...) tinha o Palacete Pinho, Arsenal de Marinha, a gente tinha um bloco de carnaval e o Arsenal de Marinha tinha outro. O nosso era o ‘Garoto da Batucada’ e o do Arsenal da Marinha era o ‘Tomara Que Chova’, porque nasceu uma música, surgiu uma música naquele ano que dizia: ‘Tomara que chova três dias sem parar, tomara que chova...’. Então, nós unimos o nosso bloco aos garotos marinheiros porque eles nos protegiam, e a gente vinha a pé da Cidade Velha pra dançar aí (gestos) na Pedreira, depois a gente voltava, de novo a pé, pra Cidade Velha.”(S. Osvaldo)

Entusiasmado, Seu Osvaldo relembra ainda menino, desses momentos de folia durante as festas carnavalescas e faz referências ao saudoso Bairro da Cidade Velha onde, segundo ele, tudo acontecia e onde “ele conhecia até os buracos”.

O menino Osvaldo não teve muitas oportunidades para participar dos bailes infantis, que aconteciam muitas das vezes nas dependências do luxuoso Teatro da Paz. Lá participavam as crianças filhos dos ricos que nesse período chegavam do exterior, onde estudavam, para participar das festas carnavalescas. Para ele não faltava vontade em participar, até porque era um menino que gostava muito dos eventos festivos que aconteciam na cidade. Seu Osvaldo foi uma criança que teve uma infância muito ativa e, até certo ponto feliz, ele conta que ia aos espaços públicos da cidade com certa frequência.

“No início, eu freqüentei mais o Museu²⁶ do que o Bosque²⁷. O Bosque era mais longe, mais distante. Eu gostava muito do Museu, depois eu passei a freqüentar o Bosque. O Bosque era mais pra adulto.”(S. Osvaldo)

²⁶O Museu Paraense Emílio Goeldi com 5,2 hectares, abriga em seu interior uma verdadeira floresta de espécies vegetais. Ele vem do tempo do império quando o naturalista mineiro Domingos Soares Ferreira Pena, radicado no Pará, organizou uma associação cultural, com o intuito de recolher e preservar coleções arqueológicas e etnográficas. No ano de 1891, o governador Lauro Sodré, instalou-o na grande área da Av. Magalhães Barata, antiga Av. Independência.

²⁷Com cerca de 152.000m² está situado entre as Avenidas Almirante Barroso e 25 de Setembro. Entre 1900 e 1903, Antonio Lemos realizou obras de complementação transformando o Bosque em um parque de lazer. Em seu interior pode-se encontrar cabana, estátuas, fontes, lagos, animas de várias espécies, entres outros. O famoso Chalé de Ferro era de uma família localizada na Av. Generalíssimo Deodoro 694. (ANDRADE, 2004).



FIGURA 18: Entrada do Museu Goeldi.

FONTE: “O Pará – 1908”. Álbum do Estado do Pará.

As duas narrativas demonstram a capacidade de Seu Osvaldo em definir o espaço geográfico onde viveu sua infância. Para alguém que mora e conhece Belém atualmente, é surpreendente imaginar que à época as distâncias entre os lugares ou mesmo entre os bairros representavam tantos obstáculos. Para o menino Osvaldo, sair da Cidade Velha para assistir a uma partida de futebol no estádio da Tuna, ou para ir passear no Bosque Rodrigues Alves, era uma viagem longa. Esses programas tinham que ser muito bem planejados, não só porque havia carência de transporte público, mas também porque, segundo ele, esses espaços estavam distante do centro da cidade de Belém.

“Eu passei também a ser ligado na Tuna.²⁸ Esses campos assim! Ficavam fora da cidade, meu amigo!”. (S. Osvaldo)

²⁸Clube de futebol fundado em 1º de janeiro de 1903 por um grupo de portugueses liderados por Manuel Nunes da Silva. Inicialmente o objetivo do grupo era difundir e perpetuar a cultura musical portuguesa. Sua sede está localizada à Avenida Almirante Barroso, próximo ao Asilo Dom Macedo Costa.

Ao evocar suas memórias, Seu Osvaldo o faz com maestria, situando o leitor ou o ouvinte em um contexto rico de informações, ou seja, o tempo histórico, cultural, geográfico, econômico e social, essa capacidade nos faz corroborar com Montenegro, quando diz que:

A capacidade de narrar uma história, um fato, uma experiência ou mesmo um sentimento está associada a dois fatores: por um lado, a descrição dos detalhes dos elementos dos elementos que são projetados, de forma tão rica que se assemelham a um quadro que vai sendo redesenhado às nossas vistas; por outro, à capacidade de recuperar o lado imaginário do que era vivenciado individual e coletivamente em relação ao acontecimento narrado (2003, p.152).

As memórias de Seu Osvaldo, assim como as de Dona Corila, Dona Glória e Dona Rosa certamente trouxeram à tona muitas histórias acerca da cidade de Belém do Pará nas primeiras décadas do século passado. Essas lembranças demarcam um momento ímpar no contexto da cidade que enchiam os olhos de sua gente, mas que também servia para alijar grande parte da população que não tinha acesso aos bens culturais, proporcionados, em sua maioria, pela produção e comercialização da borracha. Essas narrativas demonstram que as crianças que viviam naquele contexto, eram capazes de encontrar alternativas para viver em uma cidade com tamanha diversidade cultural a serviço de tão poucos.

I. 4 – Infância, Educação e as Práticas Pedagógicas

“Na infância eu queria ir pro curso primário lá eu vim pra cá, mas como era um curso primário praticamente feito em casa, eu tive que passar um ano com a professora Vitória lá na Cidade Velha, no Colégio Sete de Setembro. Depois de um ano, aí entrei no curso primário e fui pro Colégio do Carmo e eu passei oito anos, até tirar o científico”. (S. Osvaldo)

Nesse trecho da narrativa de Seu Osvaldo, podemos observar que ainda na infância ele se mudou para Belém, oriundo da cidade de Breves, na Ilha de Marajó. Filho único de pai português, dono de terras onde trabalhava na extração e beneficiamento da borracha. Muitas crianças como Seu Osvaldo tiveram que estudar em casa para avançar nos estudos.

Essa realidade era comum na maioria das grandes cidades brasileiras na primeira metade do século XX. De acordo com Tozoni-Reis (2002), o acelerado crescimento

demográfico da população coadunado com o processo de urbanização do país no início do século XX determinou um significativo crescimento da demanda pela educação escolarizada. Aliás, a esse respeito Rizzini (2008), em sua obra “O Século Perdido: Raízes históricas das políticas públicas para a infância no Brasil” revela que, Belém do Pará, era a quinta cidade mais populosa do Brasil que, por volta do ano de 1920, sua população girava em torno de 236.402 habitantes.

Ao que parece, o menino Osvaldo não enfrentou muita dificuldade para estudar, apesar de não haver, inicialmente, escolas disponíveis, mais tarde, pôde iniciar seus estudos em uma escola que, ao que tudo indica, tratava-se de uma escola pública. Uma revelação interessante na narrativa de Seu Osvaldo é o fato de ter que estudar em casa para avançar em seus estudos, mesmo que essa experiência não tenha tido a qualidade esperada. Demartini (2001), na pesquisa “Crianças como Agentes do Processo de Alfabetização no Final do Século XIX e Início do XX”, demonstrou, a partir de relatos orais de pessoas idosas, que a prática de ensinar em casa era muito comum, e este processo se dava muitas das vezes por iniciativa da própria criança, que tinha o desejo de aprender a ler e a escrever e que a valorização da escrita e da leitura foi sendo disseminada entre as populações rurais e urbanas muito antes que tivessem contato com as escolas.

A educação formal no Brasil atingiu um status de necessidade a partir do surgimento da república (1889) quando se pensava em construir uma nação soberana e aberta aos novos processos produtivos. Com isto, a educação não poderia ser vista como um elemento secundário da política brasileira, o processo de escolarização deveria se modernizar e incluir a maior parte da população brasileira. Dessa forma, de acordo com as prerrogativas da modernidade, Nagle observa que:

A escolarização é tida como um dos elementos do subsistema cultural; portanto, um elemento que deve ser analisado e julgado em combinação com os demais elementos da cultura brasileira, e com as condições de existência social definidas na exposição dos setores político, econômico e social. (1976, p. 99).

Não se podia mais conceber que tantas pessoas não tivessem acesso à educação formal e gratuita, o Estado Brasileiro tinha como obrigação e dever se apropriar das bases que sustentavam uma sociedade moderna, com políticas democráticas inclusive no âmbito da educação. No entanto, as incipientes políticas públicas não avançavam no

sentido de garantir o acesso das crianças às escolas, elas - as políticas públicas - permaneciam no âmbito das idéias, poucas ações eram tomadas. O reflexo dessa situação é observado por Tozoni-Reis:

Nesse clima, no período pós – 1930 expandiu-se intensamente o ensino primário. Essa expansão foi, porém insuficiente para atender à demanda: grande parte da população, especialmente aquela que vivia em piores condições nas cidades, não conseguiu ingressar na escola. (2002, p.70).

Em Belém, face à importância que a cidade tinha no cenário nacional, foi demonstrada preocupação com a educação formal da população, especialmente das crianças das classes menos favorecidas, como de Seu Osvaldo que revelou o seguinte:

“A educação naquela época era mais privada, só estudava quem tinha condições”. (S. Osvaldo)

De fato, na primeira metade do século XX, havia poucas escolas públicas para atender à população que crescia, desordenadamente, na capital, intensificado, também, pelo processo migratório. Talvez, um dos motivos da necessidade de estudar em casa fosse este: a carência de escolas públicas para atender à demanda de crianças que necessitavam frequentá-la. No entanto, Seu Osvaldo, quando criança, pôde, inicialmente, estudar em uma escola pública, porém em seguida foi matriculado em escola particular, até porque, sua situação financeira lhe dava condição naquele momento. Ao evocar sua infância no tocante às suas relações com a escola, Seu Osvaldo o faz com muita satisfação e apreço por ter tido oportunidade de ter frequentado a escola, enquanto criança.

Como já foi demonstrado anteriormente, com o advento da República, o Brasil passa a debater as políticas na área da educação e pensadores da época como Rui Barbosa, vê o ensino público como um direito universal e chega a defender a criação de um ministério da instrução pública. O debate acerca da educação durante a primeira república ganha grandes proporções, porém,

Para Fernando de Azevedo²⁹, a República, até os anos trinta, fora do ponto de vista cultural e pedagógico, “... uma revolução que abortou e que,

²⁹Fernando de Azevedo foi Diretor Geral da Instrução Pública do Distrito Federal, ao assumir em 1927, trouxe consigo a convicção quanto ao poder da educação como elemento de progresso e civilização, em seu projeto de reforma estava prevista uma ampla reestruturação do ensino, atribuindo à escola uma tarefa social e nacional, adequando, com isto, o ensino à criança. (CÂMARA, 2004).

contentando-se com a mudança de regime, não teve o pensamento ou a decisão de realizar uma transformação radical no sistema de ensino, para provocar uma renovação intelectual das elites culturais e políticas, necessárias às novas instituições democráticas”. (VALLE, 1997, p.99).

Contraditoriamente, para Dona Corila, a situação se mostrava um pouco diferente da vivenciada por Seu Osvaldo, no que diz respeito aos estudos, ela enfrentou muitas dificuldades para conseguir estudar. Além disso, revela as dificuldades encontradas pelas crianças para ingressarem em escolas públicas e a falta de material escolar.

“Tinha poucas escolas, eu estudei num Colégio que se chamava Professor Chaves, lá na Cidade Velha.” (D. Corila)

Ela continua:

“Não tinha nada na escola, faltou dinheiro para comprar livros. Naquela época era caneta e tinteiro, hoje não, é diferente. Molhava no tinteiro pra... (risos)... pra escrever. Tinha um mata borrão (risos).” (D. Corila)

A situação de Dona Corila em relação aos estudos, não era das melhores se, por um lado, o Estado Brasileiro tentava construir uma política de educação nacional que atendesse a toda a população, por outro, os problemas enfrentados em nível econômico, cultural, social e político de um país recém saído de uma condição de monarquia para república, engessavam qualquer debate nessa direção.

Lauro Sodré em seu segundo mandato como Governador do Estado (1917-1921), através de Decretos realiza uma reforma do ensino público, primeiramente cria a Diretoria de Instrução Pública Primária do Estado. Em seguida, para amenizar a carência de recursos destinados à educação, institui o Estatuto das Caixas Escolares do Estado que funcionariam em todos os grupos e escolas agremiadas do Estado. As receitas provenientes desta caixa seriam destinadas à compra de vestuários, livros, remédios e alimentos para merenda dos alunos mais necessitados, assim como para assistência médica. Seria concedida também com este recurso premiação aos estudantes da rede primária que obtivessem as melhores notas, melhor frequência e conduta.

Dona Corila não consegue esconder as dificuldades que ela enfrentou durante sua infância para frequentar a escola. Ela relembra que seu dia a dia era muito

conturbado e que as tarefas domésticas preenchiam grande parte do seu tempo de criança.

“Eu ia pra escola pela manhã. Eu precisava ficar em casa pra cuidar dos velhos, pra lavar louça, fazer comida, quando tinha! Quando tinha! (ênfase)”. (D. Corila)

As dificuldades por que passavam as crianças em vários períodos da história da humanidade eram as mais diversas. No que tange ao seu processo de escolarização, Farias (2005), observa que desde as primeiras intervenções pedagógicas destinadas à “infância” no Brasil, momento que tem como marco inicial a chegada dos Jesuítas, por volta de 1549, a criança é educada sob os preceitos da fé católica. Ela era preparada para a submissão e obediência.

Esta herança vem se refletindo por muitos anos e está evidenciada na narrativa de Dona Corila, quando revela sua rotina durante sua infância, naquele contexto histórico. Ainda, segundo Farias (2005, p.40), “a partir dos nove ou dez anos, a criança se tornava um adulto em miniatura, caracterizado não só na aparência (roupas e costumes), como também nas atitudes que lhe eram impostas”.

Nesse sentido, ainda se reportando ao relato de Dona Corila, fica claro que apesar de ter oportunidade de estudar, não havia condições reais para isso, a ênfase que ela dá ao fato de ter que tomar conta dos avós e até mesmo fazer a comida, quando havia o que cozinhar, revela as inúmeras barreiras que uma criança da primeira metade do século XX tinha que transpor para freqüentar a escola. O trabalho infantil e doméstico também é revelado em sua narrativa, no entanto, na seção que trata da infância e trabalho será dada mais ênfase a esse tema.

Dona Glória, revelou muitas histórias de seu tempo de criança em relação à sua formação, para ela a educação em Belém deixou muitas lembranças boas, ela relembra com muita satisfação esses momentos.

“Eu comecei a estudar naquele grupo que tinha na Cidade Velha, na Siqueira Mendes, a primeira Rua da Cidade Velha. Naquele bairro foi que eu me criei, lá com a minha mãe. Então lá, na Siqueira Mendes, eu fiz do primeiro ao quinto ano.

Antigamente era primário: primeiro, segundo, terceiro, quarto. O quarto ano a gente completava o curso elementar. O quinto era complementar...”. (D. Glória)

É muito interessante perceber que o Bairro da Cidade Velha guarda fortes lembranças na vida de muitas crianças que viveram na Cidade de Belém, na primeira metade do século passado. As escolas estavam, em sua maioria, situadas naquela circunscrição, isso denota tamanha a importância que o bairro representava para a cidade à época. Ali também residiam famílias tradicionais com maior poder aquisitivo da cidade.

Dona Glória, lembra com muita veracidade dos momentos em que estudava, suas reminiscências ao estabelecerem uma conexão entre escola – espaço -nível de ensino, demonstram o quanto àqueles momentos eram importantes e representativos durante a sua infância.

A educação formal no início do século passado teve inspirações no movimento conhecido como Escola Ativa ou Escolanovismo. Sob forte influência de teóricos como John Dewey³⁰, pedagogo liberal norte-americano, o Brasil tenta imprimir na educação os pressupostos desse movimento, que propunha uma postura mais investigadora do aluno para que se processasse a partir daí, uma transformação na sociedade que se encontrava em constante mudança.

“No meu tempo, eu lembro que tinha ginástica, ministrada por uma professora alemã, Professora Anita Muller. Ginástica até com música!” (D. Glória)

Diante de todo o processo discursivo acerca da reestruturação e implantação do ensino naquele período, novos componentes curriculares foram oferecidos no currículo das escolas. Uma das grandes preocupações dos setores ligados à educação foi com ensino primário, tendo em vista que por volta dos anos vinte, do século passado, era imperiosa a necessidade de diminuir as altas taxas de analfabetismo que o Brasil República recebera como herança do Brasil Monárquico.

³⁰John Dewey (1859-1952), filósofo, psicólogo e pedagogo liberal norte-americano, exerceu forte influência sobre toda a pedagogia contemporânea. Ele foi o defensor da Escola Ativa, que propunha a aprendizagem através da atividade pessoal do aluno. (GADOTTI, 1993).

Os esforços para minimizar o que se chamava de o mal – do – século (o analfabetismo) mobilizou as três esferas de governo que, de acordo com Nagle (1976), o resultado final seria consagrar o princípio da “missão constitucional” da União para intervir na difusão do ensino primário, com o objetivo de combater o analfabetismo.

Certamente, as realidades e diferenças regionais estabelecidas no Brasil já eram evidenciadas naquele momento, contudo o cenário econômico da cidade de Belém, por volta dos anos 1915, ainda, era favorável, o que proporcionou tomada de decisões significativas na área da educação, que irão ser sentidas a posteriori.

Câmara (2004), em sua pesquisa “A Constituição dos Saberes Escolares e as Representações de Infância na Reforma Fernando Azevedo de 1927 a 1930”, revela que naquele momento a preocupação com as condições físicas da criança levaram o então representante da Diretoria Geral de Instrução Pública do Distrito Federal, Fernando de Azevedo, a incluir nos currículos a disciplina Educação Higiênica, que contava com uma série de atividades para formar crianças com mais saúde e vigor físico. Segundo Câmara:

A perspectiva de infância desejada, a se constituir a partir do programa, demonstrava a ênfase atribuída à consolidação de princípios higiênicos a serem ensinados e interiorizados pelas crianças das escolas públicas, intervindo no corpo, na casa, na família e nos seus hábitos a fim de contribuir para a formação de mentes sãs e corpos sãos. (Idem, p. 170).

As doces lembranças evocadas por Dona Glória sobre as aulas de ginástica com a professora Anita revelam que o ensino começa a assumir novos caminhos que não mais aqueles oriundos do ensino balizado pela Igreja Católica, que tinha suas diretrizes pedagógicas baseadas em um sistema, ou plano geral de estudos, chamada *ratio studiorum*³¹, que predominou no Brasil durante toda a colônia e período monárquico.

Assim, Belém tentava acompanhar as mudanças que ocorriam nos principais centros urbanos do país. Basta perceber que já naquele momento, iniciava-se uma mudança de concepção e os currículos de algumas instituições, como é o caso da escola de Dona Glória, que oferecia ginástica com música, para melhorar sua condição física.

³¹ A *Ratio Studiorum* é o plano de estudos, de métodos e a base filosófica dos jesuítas. Ele representava o primeiro sistema organizado de educação católica e foi promulgado em 1599, depois de um período de elaboração e experimentação (GADOTTI, 1993).

Toda a tentativa de se estabelecer novas diretrizes e novas concepções para a educação do início do século XX não foi capaz de isolar, ou melhor, eliminar as bases ideológicas sedimentadas pela igreja católica durante sua hegemonia no Brasil. A forte influência exercida pelos católicos, principalmente, no âmbito da educação, está visivelmente demonstrada na maioria das narrativas coligidas e analisadas nesta pesquisa.

No entanto, a aposta em uma educação voltada para uma preparação da criança rumo a uma sociedade competitiva e produtiva estava na ordem do dia. A intenção era garantir que a criança fosse capaz de responder à nova perspectiva moderna de sociedade e nada melhor que incluir nos currículos escolares disciplinas que melhorassem o vigor físico da população. Em uma outra narrativa, Dona Glória lembra de como as escolas estavam organizadas para receber os alunos, havia uma preocupação em determinar as turmas por sexo, por exemplo.

“Lauro Sodré era um colégio muito bom para meninos órfãos”. (D. Glória)



FIGURA 19: Fachada do Instituto Lauro Sodré.

FONTE: “O Pará – 1908”. “Álbum do Estado do Pará.

Ela continua narrando:

“(...) Só meninos! Só meninos! Quando saía de lá, saía com o curso primário, saía um profissional em mecânica, em marcenaria. O colégio Gentil sempre foi dirigido por mulheres freiras e só estudava lá meninas órfãs”. (D. Glória)

Muito interessante perceber que nas lembranças de infância de Dona Glória a educação tem uma importância significativa. Talvez, das três narrativas coligidas, a dela tenha sido a mais enfática no que tange ao processo de escolarização. Dona Glória teve uma infância regada de muita disciplina e determinação para alcançar uma posição na sociedade.



FUGURA 20: Instituto Lauro Sodré: Dormitório dos Meninos/ Refeitório/ Oficinas/ Enfermaria.

FONTE: “O Pará – 1908”. “Álbum do Estado do Pará.

Importante ressaltar a ênfase que ela dá à questão da organização dos dois colégios citados. De um lado, o Instituto Lauro Sodré que fora projetado para receber meninos órfãos com idade a partir de treze anos e que no início do século passado era administrado por Padres da Ordem dos Capuchinhos Lombardos. Era uma Escola Profissional do Estado em regime de internato que tinha a missão de educar gratuitamente, técnica e profissionalmente crianças e adolescentes órfãos ou filhos de pais comprovadamente pobres. Segundo documentos da época, o instituto se tornara o mais notável do Brasil e estava entre as mais importantes escolas profissionais da Europa e da América do Norte, chegando, inclusive, a ser comparado às três melhores escolas de Paris, no gênero, a Boule, Diderot e a Estienne.

De outro lado, estava o Instituto Gentil Bittencourt, ex-Colégio Nossa Senhora do Amparo, criado no final do século XIX, pelo Bispo Frei Caneca Brandão. Essa instituição tinha como finalidade amparar e educar meninas órfãs desvalidas. Em 1905, o espaço passa por uma reforma e tem suas instalações ampliadas, para receber duzentas alunas. O ensino ministrado era composto por um curso primário, prendas e serviços domésticos, assim como de assistência cívica e religiosa. A superintendência e fiscalização direta do instituto estavam a cargo do secretário do Estado de Instrução Pública e a administração interna sob a responsabilidade da Congregação das religiosas de Sant'Ana³².

Indubitavelmente, havia uma política muito forte para levar qualidade para a educação formal das crianças, porém havia também uma outra realidade que pode ser percebida na narrativa de Dona Corila.

“O colégio era tudo misturado, menino e menina, era misto. O colégio era tudo fora da regra”. (D. Corila)

³²A Congregação “Filhas de Sant’Ana foi fundada no ano de 1867, por Madre Rosa Gattorno, que nasceu na cidade de Gênova/Itália, no dia 14 de outubro de 1831. Ela era viúva e mãe de duas filhas. A congregação é pautada na obediência, castidade e pobreza. Entre as instituições dirigidas por essa congregação no Pará, se destacam: Colégio Santa Rosa, Colégio Gentil Bittencourt, Hospital D. Luís, Santa Casa de Misericórdia, Instituto Antônio Lemos e Asilo Dom Macedo Costa. Fundado em 16 de novembro de 1902 no então Governo de Augusto Montenegro e intendência de Antonio Lemos. Nesta ocasião, a direção do Asilo foi entregue às Filhas de Sant’Ana, que permaneceram no local até a década de 80 do século passado. À época, o asilo era dividido em duas sessões, uma para mulheres e outra para homens. Foi criado especialmente para velhos. Inicialmente eram 6 irmãs que trabalhavam no espaço. (Informações extraídas de um trabalho elaborado pelas alunas da 4ª série C do Instituto Santa Rosa no ano de 1966).



FIGURA 21: Instituto Gentil Bittencourt: Horta e pomar/ Parque ao fundo/ Lavanderia/ um dos recreios

FONTE: “O Pará – 1908”. Álbum do Estado do Pará

A narrativa de Dona Corila revela a importância que se dava para a organização das turmas ou das escolas, quanto à questão da divisão por sexo. Percebe-se na narrativa que a escola bem organizada era aquela que dividia meninos e meninas em séries diferentes e que, o contrário, ou seja, as escolas que já adotavam turmas mistas inspiravam certo descrédito ou, até mesmo, desorganização.

Dona Glória também fez referência à estrutura escolar, quando diz:

“... Estudavam meninos e meninas, só que separados - Meninos em cima e as meninas embaixo. Por exemplo: tinha a primeira série de meninos e primeira série de meninas”. (D. Glória)

O debate acerca da co-educação, ou seja, da formação de turmas mistas, está relacionado à questão da igualdade entre os sexos que durante as primeiras décadas do século passado, está ligado às disputas de igualdade entre os seres humanos. Esse embate, segundo Nascimento (1997), se intensifica no processo de ascensão da burguesia ao poder, entrando ele no rol de princípios das correntes ideárias ligadas àquela classe social; mais claramente no liberalismo e nem tanto, explicitamente, no

positivismo. E a escola ao ser vista como uma célula da sociedade deveria criar mecanismos que assegurassem o direito à educação, que para os pensadores modernos, somente assim se alcançaria o progresso da nação.



FIGURA 22: Instituto Gentil Bittencourt: Dormitório/ Refeitório/ Farmácia/ Enfermaria.

FONTE: “O Pará – 1908”. Álbum do Estado do Pará.

Sendo assim, a co-educação passa a figurar intensamente nos debates educacionais da época provocando as mais diferentes concepções, porém é possível perceber que seu processo de assimilação enfrentou barreiras não tão simples de serem transpostas.

Notamos que tanto o Colégio Lauro Sodré quanto o Colégio Gentil Bittencourt não adotaram a co-educação em seus projetos educativos, e esse pressuposto foi mantido por um longo período do século passado, como é demonstrado na segunda seção desta dissertação.

Ainda, a respeito da educação formal, foram inúmeros os debates que se sucederam a partir do projeto apresentado por Rui Barbosa no final do século XIX e que serviram de alicerce para os projetos de educação do Brasil Republicano, mesmo que não tenha sido sequer aprovado pela Assembléia Legislativa. Nascimento (1997) observa que não faltavam argumentos por parte de Rui Barbosa para defender uma

possibilidade de formar turmas de ambos os sexos, somente, em determinadas faixas-etárias. Em seus projetos de educação ele considerava ser possível a co-educação nos jardins de infância, nas escolas primárias e médias, porém sua defesa trazia algumas ressalvas, como por exemplo: as professoras de turmas mistas, assim como a direção de escolas mistas, só poderiam ser ocupadas por mulheres; disciplinas como a ginástica teriam seus conteúdos diferenciados para meninos e meninas.



FIGURA 23: Religiosas e alunas do Instituto Gentil Bittencourt.

FONTE: “O Pará - 1908”. “Álbun do Estado do Pará”.

No Pará, enquanto esteve à frente da Diretoria de Instrução Pública, no final do século XIX, José Veríssimo³³ defende a co-educação, sobretudo na escola normal. Segundo França (2004), as idéias de Veríssimo se apóiam no modelo americano de educação formal, ou seja, a co-educação, segundo ele, já era, naquele momento, uma realidade por lá. Em muitas escolas particulares primárias e em alguns colégios do Estado do Pará, essa prática também era comum, sem nenhum prejuízo de suas atividades pedagógicas.

³³José Veríssimo Dias de Matos (1857-1916) nasceu na cidade de Óbidos no Pará. Em 1879 fundou e dirigiu o jornal A Gazeta do Norte e em 1884 o Colégio Americano. Sua primeira obra foi Quadros Paraenses e Viagem ao Sertão. Foi membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e sócio-fundador da Academia Brasileira de Letras. (FRANÇA, 2004).



UMA AULA DO INSTITUTO GENTIL BITTENCOURT

FIGURA 24: Uma aula do Instituto Gentil Bittencourt

FONTE: “O Pará – 1908”. Álbum do Estado do Pará

Na concepção de José Veríssimo, os argumentos utilizados por aqueles que defendiam a divisão por sexos nos estudos normais eram proposições falsas. Afirmava ele que existiam vícios em nosso caráter, não seria no isolamento dos sexos que se haveria de combatê-los, e sim ao contrário. Além do mais, nas escolas normais, essa prática serviria como possibilidade de se verificar e experimentar a moralidade, a boa educação, e o caráter dos futuros professores e professoras.

Embora a escola que Dona Corila tenha freqüentado enquanto criança já adotasse a co-educação, em seu depoimento fica claro que essa ainda não era uma prática tão comum em outros colégios da época. Em sua narrativa ela enfatiza que o fato de ser misturado, ou seja, de estudarem juntos meninos e meninas, havia certo descrédito e desconfiança quanto à qualidade do ensino. Já no caso de Dona Glória a situação era um pouco diferente, as crianças estudavam na mesma escola, porém havia turmas compostas só de meninas e outras só de meninos.

De acordo com Louro:

As concepções e formas de educação das mulheres nessa sociedade eram múltiplas. Contemporâneas e conterrâneas, elas estabeleciam relações que eram também atravessadas por suas divisões e diferenças, relações que poderiam revelar e instruir hierarquias e proximidades, cumplicidades ou ambigüidades. Sob diferentes concepções, um discurso ganhava a hegemonia e parecia aplicar-se, de alguma forma, a muitos sociais a afirmação de que as “mulheres deveriam ser mais educadas do que instruídas”. (2006, p.446).

O debate acerca da co-educação, tema que é tão evidente nas narrativas de Dona Corila e Dona Glória, vem a reboque de uma concepção muito mais ampla e difundida no final do século XIX e início do XX, a de que para a mulher bastava uma educação moral que viesse a constituir um bom caráter para que, a partir daí, ela fosse capaz de exercer seu papel de boa mãe e esposa, o pilar de sustentação do lar. Essa era a defesa de muitos que não viam necessidade de promover na cabeça da mulher muitas informações e conhecimentos que viessem a desviar o destino que já estava traçado.

Seu Osvaldo também relembra aspectos marcantes de seu tempo de escola.

“... Tinha a Escola Normal que hoje é o IEP, quem entrava lá era chamada de normalista e o pessoal também chamava de ‘Piramutabas’, não sei o porquê! Era antes a Escola Normal que foi quando Nelson Gonçalves lançou aquela música”:

***Vestida de azul e branco
Trazendo um sorriso franco
Num rostinho encantador
Minha linda normalista
Rapidamente conquista
Meu coração sem amor...³⁴***

“Era em função das normalistas que eram as ‘Piramutabas’ da época. Então a Escola Normal era feminino, o Colégio do Carmo era masculino. A escola ou era masculino ou era feminino. Misto era só uns dois ou três”. (S. Osvaldo)

A Escola Normal pouco a pouco foi se tornando um espaço de mulheres e a idéia de se atingir um nível alto de estudo, estimulava as famílias a escolher essa opção para suas filhas. Segundo Louro (2006), essa formação nem sempre tornava as normalistas

³⁴Trecho da canção *Normalista* que foi composta por Benedito Lacerda e David Nasser, imortalizada na voz de Nelson Gonçalves.

professoras, porém esse fato não impedia que o Estado e a sociedade dessem a devida credibilidade para o curso.

A reformulação da Escola Normal tomou impulso durante a gestão de José Veríssimo, por volta de 1890. De acordo com França (2004), José Veríssimo fez várias críticas ao poder público pela situação de abandono em que se encontrava a escola normal paraense. Ele defendia uma educação profissional sólida e moralizadora, capaz de formar professores de qualidade que fossem habilitados para assumir o magistério primário.

Veríssimo propunha muitas modificações para a escola normal e entre essas modificações podemos destacar a seguinte: o estabelecimento de uma severa disciplina, sob os cuidados da direção da escola, corrigindo os costumes e excluindo do ambiente escolar todos aqueles que não apresentassem as qualidades que eram necessárias a um educador como: capacidade, vocação, amor pelo trabalho e moralidade.

Dona Corila quando diz que na sua época as professoras eram muito boas e Seu Osvaldo ao revelar essas lembranças sobre as normalistas, na verdade eles estão reafirmando o que aconteceu com a figura da mulher, onde os discursos a denominavam como uma pessoa que deveria ter uma conduta amorosa, serena, limpa. Tudo isso explica o fato de tantas homenagens não só na música, como também na poesia, em fotografias, nas novelas, enfim, toda a sociedade se manifestava como podia para elevar a mulher em sua árdua, porém sublime missão de ensinar as crianças.

“A gente só tinha uma professora que ensinava tudo”. (D. Rosa)

Dona Rosa ao evocar esse enunciado narrativo revela que era muito comum em seu tempo de infância na escola haver somente uma professora para ministrar todos os conteúdos do currículo, mesmo após o primário. De acordo com Villela (2000), a figura feminina na profissão docente tem sua origem por volta dos anos 1835, depois de um longo período de domínio masculino.

O discurso ideológico de que a mulher ocuparia a função do magistério por concessão dos homens, que abririam mão da carreira em busca de melhor remuneração ou até mesmo pelo fato de desprestígio da profissão, tem suscitado muitas dúvidas.

Com a criação de escolas para a formação de docentes em meados do século XIX, após anos de domínio de professores do século masculino, essas escolas receberam mais matrículas de mulheres, mesmo que o objetivo fosse formar professores de ambos os sexos. Essa tendência, segundo Louro (2006), foi observada em todas as regiões do país e o abandono por parte dos homens do magistério começava a dar origem ao que se convencionou a chamar de “feminização do magistério”. Estudos revelam que o processo de urbanização e industrialização do Brasil, ampliando as oportunidades de trabalhos para os homens, bem como a presença de imigrantes e o crescimento dos setores sociais, a ampliação das atividades comerciais aliados a outros, são fatores que contribuíram para esse fenômeno.

“Elas ensinavam a gente assim... a ler (pausa), a ler e escrever”. (D. Rosa)

Neste trecho da sua narrativa, Dona Rosa demonstra, primeiramente, que durante sua infância teve mais de uma professora, provavelmente essas professoras, a que Dona Rosa se refere, estão relacionadas aos anos em que cursou o primário. Em seguida ela relembra que na escola ela aprendera principalmente a ler e escrever.

A grande preocupação com a escrita e com a leitura foi objeto de muito debate por parte de intelectuais, ler e escrever eram habilidades consideradas indispensáveis e fundamentais ao indivíduo. A sociedade moderna primava por uma escrita clara, legível e eficiente, capaz de racionalizar melhor o tempo da leitura para que o aluno aperfeiçoasse melhor a decifração das palavras e o entendimento de seu conteúdo.

Desta forma, não é por acaso que as narrativas das entrevistadas fazem sempre menção a esse aspecto, quando são levadas a falar sobre o que aprendiam na escola. Segundo Vidal (2000), a sociedade moderna constitui alguns imperativos para sua efetivação e, nesse aspecto, ou seja, na leitura e na escrita, a economia de tempo tornava-se um fator decisivo para lidar com a gama de informações impressas e com a proliferação de informações que circulavam no meio social através do rádio, do jornal e do cinema.

“Ah! As professoras! Mas aquelas professoras antigas, muito melhor que as de hoje. Olha! A professora Vitória da Cidade Velha, preparada, preparada! (ênfase)”. (D. Corila)

Para Dona Corila, as lembranças de seu tempo de escola lhe trazem muitas saudades. Ela fala com muito entusiasmo das professoras, particularmente da professora Vitória que, segundo ela, era destaque por ser preparada e atenciosa com toda a turma.

No início do século XX, a educação brasileira tenta incorporar uma nova concepção de ensino, com isso tenta romper com o que se convencionou a chamar de modelo tradicional de educação, aquele empregado pela igreja católica desde o século XIV.

A escola e a educação deveriam assumir novos modelos para ensinar as crianças, assim de acordo com Vidal (2000), a escola renovada, em síntese, seria aquela que elevaria o aluno ao centro do processo de aquisição do conhecimento escolar, o trabalho individual e eficiente deveria ser a base da ação educativa, o aluno deveria ser estimulado não só a observar mas também experimentar para elaborar seu próprio conhecimento.

Nesse sentido, recorrendo novamente a Vidal,

A escrita havia assumido o mesmo estatuto que a leitura na definição de alfabetização no século dezenove. **Ler e escrever** eram compreendidas como capacidades fundamentais ao indivíduo no seu reconhecimento como letrado. Apesar de ser indicado o ensino simultâneo desde 1840, muitas escolas ainda mantinham o ensino sucessivo, ensinando primeiro o aluno a ler para depois chegar a escrever. (Ibidem, p.499, grifo nosso).

Observamos que naquele momento em que Dona Rosa freqüentava a escola, durante sua infância, a preocupação com a leitura e a escrita era perceptível, considerando que sua entrada na escola se deu por volta dos anos trinta do século passado, momento em que as formulações, debates e mudanças acerca da educação, em Belém do Pará, assim como no restante do país, estavam em plena efervescência.

“Ah! Naquela época eu aprendia a cobrir na escola, começava assim (gesticulando), a cobrir letras!” (D. Rosa)

A preocupação em formar uma sociedade letrada era constante, baixar os altos índices de analfabetismo se transformara em uma “questão nacional por excelência”. No entanto, as políticas públicas não avançavam nesse campo. As medidas tomadas caminhavam em sentido inverso a esse propósito.

A lembrança de Dona Corila acima sugere que a mudança do processo educativo ainda caminhava lentamente, ou seja, a idéia de transformar o aluno em um sujeito ativo, baseado na experimentação ainda estava longe de acontecer.

No decorrer dos anos vinte do século passado, momento em que educadores se reúnem para discutir e formular propostas políticas modernizadoras para o avanço da educação brasileira tem-se a expectativa de acelerar essas mudanças. O grande movimento chamado “entusiasmo pela educação” tenta construir as bases pedagógicas para uma mudança de mentalidade do povo brasileiro no que diz respeito à educação formal.

Diante disso, Carvalho, exemplifica, sinteticamente, alguns fragmentos das formulações do movimento: [...] a ignorância reinante é a causa de todas as crises; a educação do povo é a base da organização social, portanto o primeiro problema nacional; a difusão da instrução pública é a chave de todos os problemas sociais, econômicos, políticos e outros. (2000, p. 232).

No fundo, segundo a autora, esse movimento ao tentar encontrar soluções para todos os problemas enfrentados pelo Brasil através da educação, não estaria sendo realista e, de certa forma, estaria superestimando a educação ao tentar condicionar a ela a resolução de todos os graves problemas enfrentados pelo povo brasileiro.

“Tinha sabatina, sabatina... de matemática. Tinha colega que não gostava de mim, na hora eu passava adiante, aí ela sabia, pegava a palmatória e me dava... eu ficava que! (risos). Aí eu ia estudar”. (D. Corila)

Neste enunciado Dona Corila, demonstra algumas práticas pedagógicas de aprendizagem que eram empregadas nas escolas. Havia uma cobrança muito grande nas aulas de matemática por parte da professora e era estabelecido um clima de competição para que as crianças se interessassem mais em estudar. A professora, segundo ela, organizava a dinâmica da sabatina, onde as melhores tinham o direito de usar a palmatória naquelas que não acertavam as operações matemáticas.

Elas formavam uma espécie de roda onde todas permaneciam sentadas na carteira, em seguida a professora lançava uma questão a primeira, caso acertasse ela

seguia, se por acaso alguma não conseguisse dar a resposta correta seria castigada pela próxima que acertasse a questão.

Dona Corila relembra que toda vez que não conseguia responder à operação matemática, era forçada a estudar mais para que não viesse acontecer novamente de ser castigada pela colega e, às vezes, pela própria professora.

“A gente fazia sabatina, tabuada. Por exemplo! Era ainda no terceiro ano de aritmética, era sabatina, essas tabuadas (gesticulando). Uma errava a professora perguntava adiante. Quando acertava, aquela dava um bolo na colega”. (D. Corila)

Nesse enunciado narrativo, Dona Corila também relata sua experiência durante as aulas de matemática, onde havia a prática do castigo entre as alunas. Durante muitos anos o castigo e a punição eram artifícios muito usados por professores em todo o país, castigava-se fisicamente. Era comum a utilização por parte do professor da régua para bater no aluno que não respondesse, adequadamente, as suas perguntas. Nas escolas brasileiras, esta prática era efetivada por meio da palmatória, instrumento de castigo com o qual o professor batia na palma da mão dos alunos. A quantidade de palmadas dependia do juízo deste professor sobre a possível gravidade do erro. O castigo físico noutras vezes, dava-se pela prática de colocar o aluno de joelhos sobre grãos de milho ou feijão, ou ainda, de mandá-lo para frente da classe, voltado para a parede e com os braços abertos.

Tanto Dona Corila quanto Dona Rosa revelou que, apesar dos castigos a que eram submetidas, sentem saudades daquele tempo e asseguram que o ensino era mais eficaz. Entre as reminiscências colhidas, a de Dona Corila apresentou muitas informações na área da educação formal, mesmo tendo muitas dificuldades para frequentar a escola durante sua infância.

A disciplina e a competição impostas às crianças na virada do século XIX para o XX vem a reboque do avanço das sociedades industrializadas, onde é elevado o grau de interesse sobre essa população na busca de formar, futuramente, maiores mercados consumidores, assim como forjar o espírito competitivo entre as crianças.

Interessante perceber que nas narrativas colhidas houve certo receio em relatar aspectos relacionados à educação formal e informal, contudo, os quatro entrevistados

foram enfáticos ao tratar de temas como: estrutura escolar, estratégias pedagógicas, comportamento e processos de aprendizagem, o que certamente enriqueceu o debate, contribuindo para entender alguns aspectos relacionados à educação, a partir do olhar da criança. Certamente que uma das funções da memória, do relato oral, está sendo exercida, ou seja, trazer à tona novas leituras de temáticas que, até então, só eram conhecidas a partir do registro oficial da história.

I.5 – Infância e a Vida Privada

“Quando meu pai morreu, eu era a penúltima filha, eu tinha três anos e o mais velho ficou com quatorze anos. Então naquela época não havia aposentadoria e aí o que o meu pai deixou pra minha mãe foi seis filhos e mais nada. Eu acho que por isso ela era assim com gente, muito rígida, eu tinha era medo! Ela era pai, mãe, avó... tudo pra mim!” (D. Glória)

Para Dona Glória, a lembrança da criação rígida por parte de seu pai e em seguida por parte de sua mãe se constituía em uma característica muito comum e presente na maioria das famílias do início do século XX. Todos os narradores fizeram menção a este aspecto da vida em família, ou seja, a criação rígida que representava para os pais a certeza de que sua autoridade estava sendo exercida.

Ainda num outro trecho, Dona Glória reafirma que sempre conviveu sob a égide de uma educação firme dentro de casa.

“Na minha época, havia respeito, mas era um respeito de tudo! (ênfase). Acabava a gente ficando até tímida como eu fiquei. Acabei confundindo medo com respeito!” (D. Glória)

A constituição do núcleo familiar da menina Glória era aquela considerada comum no início do século XX, muito embora seu pai viesse a falecer muito cedo, quando criança. Pai, mãe e filhos eram a base da composição de família naquele tempo. O pai representava aquele que, supostamente, tinha a força necessária para inculcar valores de respeito e de obediência nos filhos.

De acordo com Passetti (2007), o Estado Brasileiro passou a olhar com mais cuidado para a constituição das famílias e a monogâmica seria o modelo ideal para a

preservação da ordem social, da educação estatal obrigatória e da necessidade de integrar crianças e jovens pobres pelo trabalho. A família tinha a função institucionalizada de exercer sobre as crianças, ou seja, os filhos a tarefa de impedir que estes se tornassem rebeldes e viessem a ameaçar os alicerces de uma sociedade que primava pela ordem. Segundo Heywood (2004, p.142), “na ausência de uma força policial, a família se constituía na unidade básica de supervisão”.

O novo modo de produção impulsionado pela Revolução Industrial estabeleceu outras relações sociais que produziu a reorganização interna das famílias. Em seus estudos, Tozoni-Reis (2002) demonstra que a evolução das formas e organização das famílias partiu da primitiva para a patriarcal, constituindo-se, mais tarde, em burguesa. Porém, a autora, contesta a idéia de que a família, que tem como núcleo o casal, seja o único pressuposto dos estudos nessa área, e sim parte da história social da família.

Recorrendo à Ariès, Tozoni-Reis (Ibidem), observa, ainda, que em suas pesquisas o autor demonstra que a família nuclear e seus pressupostos sócio-históricos apontam essa concepção como sentimento de família e que esse fato era desconhecido até a Idade Média. Assim, o sentimento da valorização da vida privada da família ocorreu após esse período e definiu um tipo específico de constituição familiar, ou seja, a burguesa e nuclear, formada pelo pai, mãe e filhos.

É interessante observar também na narrativa da Dona Glória que ela atribui à mãe a função de chefe da casa na ausência do pai, onde aquela assume as mesmas atitudes do marido falecido. Certamente, as lembranças que Dona Glória guardou de seu pai durante sua infância, está associada às vivências de seus irmãos mais velhos que ao construir a imagem do pai, revelavam os momentos que viveram ao seu lado. Para a mãe, assumir a postura de chefe da casa é uma missão que deve ser entendida considerando os aspectos disciplinadores e punitivos impetrados pelo marido. Esse caminho significava para elas, a certeza de uma criação coerente e sem riscos de serem taxadas de incompetentes. Segundo Soibet (2006), às mães restava redobrar a vigilância sobre os filhos naqueles tempos, pois a preocupação com a moralidade era uma conduta que vinha ao encontro dos preceitos propagados e perseguidos pela sociedade moderna e civilizada. Essa atitude podia livrar as crianças dos desvios e tentações que se avizinhavam constantemente.

A constituição da família sofreu durante os anos muitas transformações e o modo capitalista de produção trouxe, para o cenário, novas relações sociais que provocaram a reorganização interna das famílias. Ainda no início do século XX, a família patriarcal era a principal referência, herança histórica do Brasil colônia.

No entanto, de acordo com Tozoni-Reis,

É preciso considerar outras formas de organização familiar e suas dimensões sócio-históricas. O enfraquecimento da agricultura e a decadência do poder econômico e político da burguesia rural, a urbanização e a industrialização trouxeram à cena novas classes sociais e, com elas, a reorganização estrutural das famílias dos trabalhadores. A história dessas famílias tem, então, na venda da força de trabalho e nos processos migratórios importantes elementos para análise. (2002, p. 42).

Dona Corila também perdeu o pai muito cedo, ela conta que ele era de origem portuguesa e, enquanto estava vivo sempre agia com muita rigidez com os filhos, na ocasião sua mãe estava cega e, diante de tais circunstâncias, a última palavra sempre era de seu pai.

“Minha mãe dizia: ‘vai pedir pro teu pai’. A gente dizia que não ia, porque ele não deixava”. (D. Corila)

Mais uma vez a mãe atribui à figura do marido a função de tomar as decisões importantes da casa. Esse quadro vem reafirmar a composição da família no início do século vinte e as atribuições que eram comuns aos seus membros.

Neste trecho, Dona Corila às vezes tinha vontade de fazer alguns simples passeios pela rua próxima à sua casa, porém nem sempre ou, na maioria das vezes, não tinha autorização de seu pai. Normalmente ela nem se dava ao trabalho de pedir por já saber de antemão, que a resposta do pai seria negativa.

Apesar de o pai ser o detentor de todas as decisões e responsabilidades Farias revela que:

A reformulação dos hábitos e costumes higiênicos levou à transformação do grupo familiar e à definição das suas funções para com a criança. A criança passou a ser vista como um *ser frágil*, que precisa de cuidados especiais e, para tanto, as funções familiares se modificam: o pai, outrora detentor de todas as decisões e responsabilidades, passou a dividir com a mãe o direcionamento do lar e da família; ele continuava a prover materialmente, enquanto a mãe iniciava a educação do filho. (2005, p.46, grifo do autor).

Como se pode perceber, o processo de urbanização das grandes cidades da época levou as famílias a repensarem seus hábitos e seus costumes cotidianos. O ambiente externo à casa começava a ser visto como um espaço perigoso para as crianças, não só do ponto de vista da movimentação que se intensificava a cada dia, mas também no que diz respeito à insalubridade provocado pela crescente onda de epidemias que se alastravam pela cidade. Sendo assim, a mãe começava a exercer autoridade em relação a seus filhos, principalmente no que tange à educação. Segundo Soibet (2006), a rua representava um espaço perigoso nas grandes cidades que se formavam no Brasil, os riscos de desvios e de tentações faziam com que as mães pobres redobrassem a vigilância sobre suas filhas.

Pensando na manutenção da ordem, o Estado também procura intervir na vida das famílias e segundo Passetti,

Durante o século XX, em nome da preservação da ordem social, da educação estatal obrigatória, da necessidade de integrar crianças e jovens pobres pelo trabalho, o Estado também passou a zelar pela defesa da família monogâmica e estruturada. (2007, p. 349).

As políticas implementadas pelo Estado Brasileiro tinha como meta preservar a criança na família, reforçando suas responsabilidades perante seus filhos. A intenção seria, também, diminuir a ação da caridade misericordiosa que por muitos anos acolhia crianças desamparadas.

Para Dona Rosa, a vida em família durante sua infância foi bastante diferente dos outros entrevistados e o primeiro e principal motivo se deve ao fato de ter ficado órfã muito cedo, quando tinha apenas dois anos de idade, fato que demonstra ser comum no país no início do século XX.

“Meus pais morreram muito cedo!”, “(...) meus irmãos morreram, ficou eu e a outra. Não sei dela, não sei se está viva ou morta!”. (D. Rosa)

A infância de Dona Rosa se diferencia das outras três infâncias, porém se assemelha em vários aspectos demarcados naquele contexto histórico da cidade de Belém do Pará nas primeiras décadas do século XX. Infâncias marcadas por grandes

transformações políticas, econômicas e também, por novas experimentações culturais que se apresentavam para a sociedade emergente.

O Estado começa a redirecionar suas políticas e assumir as responsabilidades com as crianças pobres, oriundas de várias partes do Brasil e até mesmo do exterior. No caso de Dona Rosa, conviver em um asilo com velhos e crianças foi uma experiência que lhe rendeu muitas lembranças boas, mas também, trouxeram muitas mágoas e tristezas. Em alguns trechos de sua entrevista ela deixa transparecer esses sentimentos.

“Tinha saudades da família”. (D. Rosa)

“Apanhava muito da freira”. (D. Rosa)

É interessante observar que Dona Rosa perdeu os pais quando tinha apenas dois anos de idade, no entanto a falta que sentia de sua família já era um fato marcante para ela. Talvez as condições de vida que se apresentavam naquele momento, como os castigos diários, as regras rigorosas a que era submetida, a forte disciplina a fazia reivindicar outras possibilidades de convivência, ou seja, para ela, a falta de um lar estava relacionada não só a maneira como vivia naquele ambiente coletivo, mas principalmente pelo tratamento que recebia por parte de seus superiores.

Em suas narrativas, Dona Rosa revela que muitas vezes foi hostilizada pelas freiras que dirigiam o asilo de mendicidade. Aceitava tal tratamento por não ter para onde ir. Como muitas crianças órfãs, Dona Rosa era subserviente às práticas rigorosas de privação e de controle das freiras. Passetti, em seus estudos sobre crianças carentes e políticas públicas no início do século XX descreve algumas situações similares,

Uma história de internações para crianças e jovens provenientes das classes sociais mais baixas, caracterizados como abandonados e delinquentes pelo saber filantrópico privado e governamental – elaborado, entre outros, por médicos, juizes, promotores, advogados, psicólogos e economistas -, deve ser anotada como parte da história da caridade com os pobres e a intenção de integrá-los à vida normalizada. Mas, também, deve ser registrada como componente da história contemporânea da ***crueldade***. (2007, p. 350, grifo nosso).

Viver em um asilo de mendicidade naquela época não era fácil e essa conclusão será melhor verificada no decorrer das narrativas de Dona Rosa, suas revelações muitas vezes não deixam dúvidas da forma como era tratada. Em alguns momentos de sua narrativa, há longas pausas que deixam transparecer um misto de sentimentos que se

confundem com tristeza, resignação, saudade, alegria, mas em momento algum há resquícios de ódio ou revolta.

“A gente gostava dela, ela parecia uma mãe pra gente, sabe? Ela batia na gente, qualquer coisinha ela tava batendo, ela gostava muito de bater. Mas ela (pausa), mas ela tratava bem da gente também”. (D. Rosa)

Apesar de tudo, para Dona Rosa, havia momentos de felicidade dentro do asilo, os castigos, que aconteciam com frequência, eram esquecidos toda vez que as freiras comemoravam, por exemplo, os aniversários que aconteciam durante o ano.

“Elas comemoravam muito o meu aniversário – trinta de agosto -.... Faziam almoço especial”. (D. Rosa)

E ela conclui:

“... Era a minha família”. (D. Rosa)

O sentimento de família, evocado por Dona Rosa, nesta pequena narrativa revela novamente certa inquietação e mistura de sentimentos em relação às freiras que coordenavam o Asilo Dom Macedo Costa, naquela ocasião. Durante sua entrevista ficava demonstrada que a falta de uma família tradicional, onde houvesse pai, mãe e filhos, não foi preenchida pela convivência coletiva naquela instituição. Mais adiante essa sensação é reforçada novamente por ela.

Dona Rosa relembra que os dormitórios do asilo eram muito grandes, com paredes altas e que havia dois para as crianças, um para meninas e outro para meninos. Eram muitas camas enfileiradas, eram muitas meninas que viviam naquele espaço e, talvez, como todas as outras, a menina Rosa sonhava em encontrar um dia, uma família que a fizesse mais feliz e mais amada. O desejo de viver alguns momentos onde pudesse ter mais privacidade foi, por várias vezes, comentado por ela. Ter um quarto individual, um canto para ficar mais a vontade era tudo que Dona Rosa sonhava, naquele momento.

Certamente, o dia-a-dia da menina Rosa não era fácil, pois tendo que viver sob forte monitoramento com tempo pré-determinado para cada atividade: horário para tomar banho, trabalhar, fazer as refeições, dormir, acordar, rezar, enfim, tudo tinha que

seguir o ritmo imposto pelas freiras. As práticas de adestramento impetrado pelas instituições religiosas sempre foi alvo de muitas críticas, principalmente, na Idade Média, momento em que a igreja representava o centro do poder.



FIGURA 25: Asilo de Mendicidade

Fonte: Álbum Belém da Saudade.

Fazendo uma analogia aos processos disciplinares e à vigilância hierarquizada enfocados por Foucault em sua obra “Vigiar e Punir” em que ele revela que:

O poder da vigilância hierarquizada das disciplinas não se detém como uma coisa, não se transfere como uma propriedade; funciona como uma máquina. E se é verdade que sua organização piramidal lhe dá um chefe, é o aparelho inteiro que produz poder e distribui os indivíduos nesse campo permanente e contínuo. (1987, p.148).

A organização do Asilo onde Dona Rosa viveu sua infância representa, exatamente, um desses espaços em que o funcionamento atende à lógica da repressão e do castigo para se chegar a uma ordem desejada. A máquina precisa funcionar harmonicamente, não se admitem peças trabalhando descompassadamente, ou seja, não há espaço para a desatenção, negligência, falta de zelo, atrasos, ausências, grosserias, desobediência.

I.6 – Infância e o Trabalho Infantil

A história da criança desde os primórdios tem em seus registros, casos onde o trabalho aparece como um elemento constitutivo e indissociável, principalmente entre crianças oriundas de famílias de baixa renda e moradoras da zona rural do Brasil.

Uma evidência dessa trajetória está registrada no livro de Tozoni-Reis (2002), que ao discutir a infância da criança brasileira em paralelo com obras de ficção, revela momentos em que as crianças são levadas ao trabalho no meio rural para ajudar os pais no trabalho doméstico. Ela chega a afirmar que o trabalho infantil na zona rural chega a ser uma extensão do trabalho dos adultos.

Na cidade de Belém do Pará, no início do século XX, o grande contingente de crianças que chegaram de outras partes do Brasil fez com que essas crianças fossem levadas ao trabalho para criar, ou melhor, dar conta de sua própria sobrevivência. Segundo Lacerda (2002, p. 397), “[...] as ocupações para crianças giravam em torno de trabalho no comércio local, destacando-se a tarefa de caixeiro em mercearias, padarias, lojas de fazenda”. A autora observa que os trabalhos desenvolvidos pelas crianças na cidade de Belém do Pará, naquela ocasião, quase sempre eram muito mal remunerados, e que levavam as crianças a uma exposição sem precedentes, tornando-as presas fáceis para todos os tipos de arbitrariedades cometidas pelos adultos.

Dentro de casa as crianças também exerciam as mais variadas atividades e as meninas, particularmente, realizavam praticamente todas as atividades domésticas. Dona Rosa relembra, emocionada, os momentos de aflição que passou dentro do asilo Dom Macedo Costa quando teve que ajudar a apagar um incêndio durante uma noite.

“[...] Já tinha caído todo o forro, o fogo já tava por cima. Já tinha queimado toda a instalação da casa. Não sei como não queimou a casa toda, porque eu pressenti aquilo. Eu disse assim: as irmãs estão passando mal! Os idosos estão passando mal! De repente caiu um copo, diziam que era um copo que tinha sido derrubado. Aí eu fiquei escutando aquilo, então eu vi o fogo correndo o fio,...no corredor, ...correndo o fio. Aí eu disse assim: ta pegando fogo na casa. Eu dizia só comigo, né?! Ta pegando fogo, onze horas da noite”.

“Então eu continuei, fui chamar as meninas que estavam dormindo, eu disse assim: Olha! A casa ta pegando fogo. Eu bati na porta das irmãs. Bati... bati... As freiras levantaram rápidas e vieram ver, quando elas abriram a porta, na portaria... tava um incêndio, uma labareda. O fogo já tinha derrubado o gabinete médico, já tinha derrubado todinho! Só tava a parede do gabinete médico.

O que provocou o fogo foi o trem, o trem passou... e tava soltando faísca. E na frente da portaria, lá em cima, tinha dois abajures, esses dois abajures pegaram fogo. Ai então passou pra dentro da casa o fogo. Puxa vida! Isso era de noite!

...Era noite. Eram onze horas da noite. A gente já tava dormindo.

O fogo começou antes, mas eu só fui ver às onze horas da noite. Já tinha atingido vários compartimentos da casa. O consultório médico... o fogo derrubou tudo!

Quando nós corremos pra portaria, tava um incêndio só e haja tirar as coisas pra salvar. A gente era criança, a gente ajudava. As irmãs deixavam.

Eu tomei um banho de água quando os bombeiros chegaram, eles telefonaram pra lá, sabe? Ai eles vieram. Então eles chegaram pela frente da portaria, mas não podiam entrar porque tava trancada a porta. A porta tava trancada e lá de dentro ninguém ouvia nada, só o barulho do fogo.

Foi feia a coisa! Mas ninguém se machucou, nenhuma criança. Eu só peguei uma gripe, mas depois ficou tudo bem.

Depois ficou tudo bem! Quando os bombeiros terminaram de apagar o fogo eram seis horas da manhã. Seis horas da manhã, ninguém dormiu mais. Os velhos correram todos pro quintal, saíram de dentro do asilo e vieram pro quintal, porque ninguém sabia se ia queimar tudo, né? (D. Rosa)

Essas lembranças de Dona Rosa ilustram muito bem a relações estabelecidas dentro do Asilo Dom Macedo Costa. Segundo Passetti (2007), a partir do século XX, a caridade misericordiosa que era praticada por instituições religiosas na maioria das capitais brasileiras, passa a ser um serviço também de órgãos governamentais em forma

de políticas públicas. Essas internações eram destinadas a crianças e adolescentes oriundas de famílias das classes sociais mais baixas ou abandonadas. Tem, por um lado, na história da caridade a intenção de integrá-los à vida normalizada. Porém, por outro lado, deve ser registrada como um componente da história contemporânea de descaso e de crueldade.

Nas narrativas da infância de Dona Rosa fica muito evidente que o tratamento dado a ela e às outras meninas internas do asilo não era dos melhores, porém, mesmo assim considerava que as freiras representavam sua família.

Na pesquisa “Pequenos Trabalhadores do Brasil”, Rizzini faz uma abordagem acerca de crianças que eram atendidas em repartições públicas e religiosas, analisadas na virada do século XIX para o XX, ela faz o seguinte relato:

[...] Muitas crianças e jovens eram recrutados nos asilos de caridade, algumas a partir dos cinco anos de idade, sob a alegação de propiciar-lhes uma ocupação considerada mais útil, capaz de combater a vagabundagem e a criminalidade. Trabalhavam doze horas por dia em ambientes insalubres, sob rígida disciplina. (2007, p. 377).

Em outros enunciados narrativos depoimentos de Dona Rosa também há referências do tratamento que recebia quando criança. Em alguns momentos ela se contradiz e evoca que não tem muita saudade de seu tempo de criança. Dona Rosa narra o sofrimento, as punições e a prática do trabalho doméstico a que era submetida, durante sua infância, como acontecia, também, com outras crianças.

“Eu sofri muito quando criança”.

“Eu trabalhava muito! Eu apanhava muito!”

“... era duro! Era duro! Lavar casa, né? Tive que aprender a lavar a casa, lavar os corredores, corredores enormes, a gente lavava. Era um bocado de menina pra lavar. Lavava... eu tava sempre no meio delas, eu tava sempre no meio!” (D. Rosa)

E ela continua narrando:

“...e a gente brincava na chuva, trabalhava na chuva! Lavava as calçadas do Dom Macedo Costa. A gente vestia um macacão de chuva, um macacão de água”.

“A freira que mandava: ‘vão lavar as calçadas hoje, vão aproveitar a chuva para lavar as calçadas’”. (D. Rosa)

Grande parte dos enunciados narrativos de Dona Rosa estabelece uma relação muito próxima com o trabalho doméstico. Mesmo nos momentos que, para ela, serviam de lazer eram marcados pela obrigação e pela disciplina.

“Eu ia pra cozinha pra aprender a cozinhar. Cortava carne, descascava cebola, cortava verdura...”

“Eram umas cem meninas. A cada dia ia um pouquinho pra cozinha”. (D. Rosa)

Em sua obra “História Social da Criança e da Família”, Ariès (1975) relata que os serviços domésticos foram, por muito tempo, uma forma de trabalho utilizado por entidades que assistiam a crianças, especialmente do sexo feminino. Estes serviços não eram vistos como degradantes e não despertavam nenhuma repugnância, ao contrário, se confundiam com a aprendizagem como uma forma comum de educação.

As repartições que “cuidavam” das crianças viam no serviço doméstico uma forma de ensinar através da prática que não parava nos limites da profissão, pois por muito tempo não houve limites entre a profissão e a vida particular. No Pará, os registros de crianças abandonadas vêm de muito tempo. Segundo Marcílio (2003), por volta de 1800, foi criado no Estado o Colégio Nossa Senhora do Amparo que tinha como missão recolher e amparar meninas desvalidas. Frei Caneca Brandão, que foi um de seus idealizadores, via neste espaço a necessidade de se garantir às meninas desvalidas e abandonadas, educação e ensino, além de sustento, vestiário, assistência médica.

Os depoimentos de Dona Rosa, assim como sua condição de interna de uma instituição para pessoas abandonadas, tornam emblemática esta pesquisa e revela a triste realidade de muitas crianças que viveram no Brasil e, em particular, na cidade de Belém do Pará na primeira metade do século XX. A busca de depoimentos sobre a infância nesse período não tinha como encaminhamento inicial encontrar um caso como o de Dona Rosa, porém é inegável sua importância para o contexto histórico pesquisado.

Ainda, recorrendo a Marcílio (2003, p. 73), “as variações fortes do fenômeno de abandono de crianças no Brasil não foram apenas regionais, mas se mostraram também ao longo do tempo”.

A história da criança abandonada que tem na Roda de Expostos³⁵ seu marco inicial, passou no transcorrer dos anos por várias formas de caridade. No entanto em todos os matizes, o trabalho infantil tem uma forte referência na vida de meninos e meninas que tiveram que sobreviver sob a égide desses espaços de atendimento.

A disciplina tal qual aquela conceituada por Foucault em sua obra *Vigiar e Punir* (1987) era muito bem exercida pelas irmãs que comandavam o Asilo onde Dona Rosa morava. As técnicas de controle e sujeição do corpo tinham evidentemente o objetivo de torná-las, no caso as meninas do asilo, dóceis e ao mesmo tempo úteis para o cumprimento das tarefas da casa. As narrativas de Dona Rosa trazem fortes indícios de que sua infância fora marcada pelo rigor da obediência, promovido sob constante controle e disciplina, que tinha como meta extrair a força produtiva das internas, subordinando-as, cotidianamente, ao trabalho.

Em suma, a caridade encontrava-se diante de uma nova realidade econômica e social e com isso foi se ajustando a esse modelo, que para garantir sua eficiência, procurou reforçar as doutrinas do Estado Moderno, tudo para garantir, entre outras coisas, a ordem nos grandes centros urbanos daquela época.

A infância de Dona Corila no seio de sua família foi marcada também pela rotina desgastante do trabalho. Ao ser perguntada acerca dos momentos em que brincava, ela sempre revelava, com muita veemência, que não havia tempo para brincar, que seu pai era muito rígido e tinha que trabalhar muito para ajudar sua mãe dentro de casa.

³⁵ Segundo Marcílio (Ibdem, p. 53), a roda de expostos foi uma das instituições brasileiras de mais longa duração, sobrevivendo aos três grandes regimes de nossa história. Criada na Colônia perpassou e multiplicou-se no período imperial, conseguiu manter-se durante a República e só foi extinta definitivamente na recente década de 1950 sendo o Brasil o último país a abolir a chaga da escravidão, foi ele igualmente o último a acabar com o triste sistema da roda de enjeitados. Quase por um século e meio, a roda de expostos foi praticamente a única instituição de assistência à criança abandonada em todo o Brasil.

“Ah! Eu varria. Era pobre!” (D. Corila)

“Minha mãe ficou cega e eu tratava dela. Tratava dela e trabalhava”. (D. Corila)

No início do século XX, as famílias também haviam assimilado a concepção do trabalho doméstico, assim como os espaços de internamento de crianças abandonadas. Elas acreditavam que, dessa forma, seus filhos estavam sendo preparados para enfrentar as dificuldades futuras. As meninas eram as que mais sofriam com este tipo de conduta e o que estava em jogo além de tudo era a preservação de sua honra e castidade. Esse aspecto, segundo Marcílio (2003), foi motivo de muita preocupação nas Casas de Misericórdias, onde havia espaços de recolhimento só para meninas.

Como já foi demonstrado na seção que trata da criança e o espaço público desta pesquisa, os meninos tinham mais possibilidades de vivenciar o espaço público para realizar as mais diversas tarefas, e, além do mais, o fato de ser do sexo masculino, lhe dava maiores possibilidades para estar em ambientes que, muitas vezes, eram destinados aos adultos.

Havia muito receio entre as famílias que suas filhas viessem a sofrer algum tipo de abuso nas ruas das grandes cidades e o fato de estarem dentro de casa era a garantia de que estariam protegidas e não correrem o risco de serem violentadas.

Abreu (2007) exemplifica em seu estudo intitulado “Meninas Perdidas” que, entre o final do século XIX e início do século XX, aconteciam muitos crimes sexuais em meninas das camadas populares em Belém do Pará, denominados por ela de crimes de defloração. Essas meninas, segundo a autora, transitavam pela cidade, realizando as mais variadas tarefas: vendendo frutas, levando recados, entregando roupa, saindo para comprar pão, entre outras.

Durante essas atividades elas tinham a oportunidade de conhecer pessoas e marcar encontros amorosos, que passavam a ser freqüentes a partir do momento que a elas não era imposto nenhum controle por parte de seus pais. Essas meninas moravam, em geral, nas áreas periféricas da cidade em pequenos quartos alugados e suas mães viviam, na maioria dos casos, sozinhas ou amasiadas e que necessitavam trabalhar, deixando de exercer uma maior vigilância sobre as filhas.

Para os pais de Dona Corila, aspectos como estes, descritos acima, reforçavam sua conduta de não permitir que ela saísse de dentro de casa, mesmo que para realizar alguma pequena tarefa na rua. Mesmo com todo controle exercido pelos pais de Dona Corila, ela revela que sente muita saudade daquele tempo.

“Minha vida era trabalhar! Eu tenho saudade mesmo assim.” (D. Corila)

Para Dona Glória, as dificuldades enfrentadas durante sua infância aumentaram depois da morte do pai, ela estava com três anos de idade, morando na Rua Alenquer, no Bairro da Cidade Velha, sua família teve que superar a perda.

“Nós éramos seis filhos, eu era a única mulher”. (D. Glória)

Os outros filhos logo cedo começaram a trabalhar para garantir o sustento da casa, Dona Glória relembra que naquele tempo não havia aposentadoria e o que o pai deixou de herança para a mãe foram apenas os seis filhos. Porém, ainda em vida, o pai encaminhou alguns dos filhos para aprender algum ofício e para o mercado de trabalho.

“O mais velho ele botou numa oficina mecânica para aprender logo o ofício, o segundo também. O terceiro ele botou na tipografia para aprender tipos. Naquele tempo o jornal era daqueles de tipos”. (D. Glória)

Mais tarde, quando todos estavam conformados com a morte do pai, os outros filhos também seguiram o exemplo dos irmãos, começaram a trabalhar.

“Os outros irmãos estudavam na escola durante a noite e trabalhavam de dia”. (D. Glória)

A preocupação com a aprendizagem de uma profissão era muito comum nas famílias das classes populares no Brasil naquela época. As transformações pelas quais o Brasil atravessava nos aspectos econômicos e sociais, em particular, faziam com que as famílias encaminhassem os filhos muito cedo ao mercado de trabalho, e também para impedir que estes viessem a cair nas ruas. Ou seja, o trabalho era visto como uma possível solução para problemas como a criminalidade e a delinquência de meninos.

Segundo Rizzini:

A extinção da escravidão foi um divisor de águas no que diz respeito ao debate sobre trabalho infantil; multiplicaram-se a partir de então, iniciativas privadas e públicas, dirigidas ao preparo da criança e do adolescente para o trabalho, na indústria e na agricultura. O debate sobre a teoria de que o trabalho seria a solução para o “problema do menor abandonado/delinquente” começa, na mesma época, a ganhar visibilidade. A experiência da escravidão havia demonstrado que a criança e o jovem trabalhadores constituíam-se em mão-de-obra mais dócil, mais barata e com mais facilidade de adaptar-se ao trabalho. (2007, p. 376-377).



FIGURA 26: Menino trabalhando na defumação do látex

FONTE: “O Pará – 1908. Álbum do Estado do Pará

Ainda, de acordo com esse autor, até mesmo dentro dos asilos de caridade buscavam-se crianças desde os cinco anos de idade para desenvolver trabalhos que, às vezes, chegavam a ter jornadas de doze horas e em condições degradantes. Estas iniciativas tinham como alegação a necessidade de proporcionar às crianças uma ocupação mais útil e que pudessem afastá-las de ambientes propícios à vagabundagem e à criminalidade. Por um lado, se a intenção dos pais era de garantir um futuro melhor aos filhos, como demonstrou Dona Glória em sua narrativa, por outro, a do Estado seria a de garantir mão de obra mais barata e obter melhor controle e disciplina sob os pequenos trabalhadores. Este sistema muito bem arquitetado no início do processo de industrialização no Brasil possibilitava a formação de uma força de trabalho adestrada desde muito cedo.

As famílias procuravam mostrar aos filhos que era através do trabalho que eles poderiam conquistar um espaço na sociedade e também fugir dos perigos que se apresentavam, cotidianamente, nas ruas das grandes cidades. Para o pai de Dona Glória, o mais importante seria que os filhos se ocupassem, tanto que, segundo ela, era vital que seus irmãos não deixassem de trabalhar, mesmo que a remuneração recebida por isso fosse insignificante.



FIGURA 27: Belém – Rua Conselheiro João Alfredo

FONTE: “O Pará – 1908”. Álbum do Estado do Pará

Ainda corroborando com essa idéia, Rizzini revela que:

A fórmula para atingir as famílias trabalhadoras consistia em inculcar-lhes os valores morais considerados fundamentais, alertando-as, sobretudo, quanto à educação de seus filhos, que deveriam ser afastados dos ambientes viciosos e evitar, acima de qualquer outra coisa, *a escola perniciosa da rua*. (2008, p.60, grifo do autor).

Dona Glória, por ser a única filha mulher, ficava em casa ajudando nos trabalhos domésticos, não tinha tempo para passear ou ir à praça para brincar, mesmo porque sua mãe não permitia que ela ficasse pela rua.

“Eu ajudava minha mãe enxugando louça, varrendo o resto da casa. Era isso que eu fazia. (...) Eu ia também pra escola”. (D. Glória)

Seu Osvaldo relatou que durante sua infância o trabalho não foi muito presente, em suas narrativas foi demonstrado que quando criança pode vivenciar muitas experiências no âmbito do lazer e que o um dos motivos de ser hoje uma pessoa comunicativa e feliz, deve-se ao fato de ter tido muito carinho por parte de seus pais.

“[...] Não! Propriamente trabalhar assim, não! Meu pai era dono de boi, era época da borracha e ele tinha também muitos trabalhadores em borracha. Trabalhavam a borracha e vendiam pra ele, que vinha e entregava a borracha lá no Corcovado, que era uma usina que beneficiava e que fazia o crédito pra depois ser transformada em pneu e tudo...”. (S. Osvaldo)

Ainda na cidade de Breves, na Ilha de Marajó, onde Seu Osvaldo viveu parte de sua infância, ele relembra que não foi obrigado a trabalhar. O trabalho era duro e seu pai tinha alguns empregados que o ajudavam na fazenda e na extração do látex. Ele conta que por lá, era aquela vida de interior, andar a cavalo, jogar bola, matar rolinha pra comer assada. Em suas narrativas, Seu Osvaldo demonstra que tinha muita curiosidade em conhecer os espaços públicos, em entender de política e de participar das festas que aconteciam durante o ano, na cidade de Belém na *Belle Époque*.

Tais quais as histórias contadas por Figueiredo em “Memórias da infância na Amazônia”, as memórias do menino Osvaldo guardam similaridades em especial quando o autor relata que:

Diferentemente das meninas, os rapazinhos circulavam com maior facilidade, mesmo que o local não fosse visto como muito apropriado para crianças. Isso sempre acontecia nos bares ou nas apresentações teatrais onde o repertório dos espetáculos era destinado ao público adulto. A questão é que muitas crianças, mais curiosas, preferiam este tipo de espetáculo – dramas amorosos, comédias picantes ou peças que encenavam romances açucarados. (2007, p. 340).

Por sorte, a infância de seu Osvaldo não foi marcada pela necessidade de trabalhar e nem tão pouco pela falta de apoio por parte de seus pais. Para uma criança oriunda do interior do Estado ter que enfrentar as dificuldades de uma cidade grande, que se encontra em pleno processo de transformação, seria factível passar por grandes dificuldades, como seria para a maioria das famílias com o mesmo perfil daquela de seu Osvaldo. Contudo, em suas narrativas não houve espaços para lamentações ou traumas vividos durante sua infância, seja por qual for o motivo, inclusive, aquele que marcou a trajetória da maioria das crianças no início do século XX - o trabalho.

I.7 – Infância e o Lazer

“... nas viagens de bonde a gente cantava o tempo todo”. (D. Rosa)

Segundo Dona Rosa, era muito comum cantar durante as viagens de bonde em passeios pelo centro da cidade. Em geral eram passeios proporcionados pelo Governo do Estado que dava assistência ao asilo onde Dona Rosa morava, este era mais uma forma que o Governo utilizava para se auto-promover. Porém, para as crianças significavam momentos de alegria e diversão e elas utilizavam os mais diversos repertórios musicais, todavia, as que mais gostavam eram das cantigas de roda. Para a menina Rosa, era uma alegria quando ia ao centro da cidade e os versos da cantiga eram inevitáveis.

*“Ciranda, cirandinha,
Vamos todos cirandá
Vamos dar a meia volta
Volta e meia vamos dá.
O anel que tu me deste
Era vidro e se quebrou
O amor que tu me tinhas
Era pouco e se acabou!” (D. Rosa)*

As cantigas de roda sempre fizeram parte do repertório das crianças e nesse período elas estiveram presentes na maioria dos momentos lúdicos. Estudos revelam que a partir do século XIX começam a entrar no Brasil novas referências de cantigas de roda infantis, trazidas por imigrantes das mais diferentes nacionalidades.

Aos cinco anos de idade Dona Rosa foi morar no Asilo de Mendicidade Dom Macedo Costa e foi nesse ambiente que viveu toda sua infância, infância que, segundo ela, foi marcada por momentos de opressão, de alegria e, principalmente, de espírito de coletividade. As atividades diárias eram sempre divididas e as crianças faziam parte deste ritual. Em alguns momentos podiam-se transgredir as ordens vindas das freiras, que faziam parte da Congregação “Filhas de Sant’Ana”.

“A gente corria nos corredores do Dom Macedo, a gente corria no quintal do Asilo”. (D. Rosa)

Os largos corredores da casa serviam também para as crianças se divertirem, eles se localizavam na parte interna, um de cada lado, margeando a parte central do prédio onde se localizavam o refeitório, a cozinha, salas administrativas e uma pequena capela onde havia rituais religiosos cotidianamente. Nos corredores ficavam idosos sentados conversando, lendo ou realizando alguma tarefa do dia-a-dia.

O quintal também era um ponto de encontro para as crianças e ele tinha grandes dimensões:

“A gente brincava muito de roda, de pula corda”. “Os meninos não gostavam dessas brincadeiras”. (D. Rosa)

Segundo Dona Rosa, não existia o prédio do Lar da Providência, espaço que se localiza atrás do Dom Macedo Costa, onde mora atualmente e que abriga idosos assistidos pelo Estado.

“Não existia isso aqui (gesticulando), era só quintal do asilo”. (D. Rosa)

O fato de os meninos não interagirem com as meninas em algumas brincadeiras mostra que o momento lúdico é carregado de significações e ao observar esse aspecto, Dona Rosa, faz-nos refletir e concordar com Ribeiro, quando afirma que:

É importante lembrar que as crianças não compõem um todo homogêneo, ainda que sejam do mesmo estrato social, partilhem os mesmos espaços e integrem as redes de sociabilidade, principalmente pelo parentesco e vizinhança. Compreendem que têm papéis sociais e de gênero distintos, sobretudo durante as brincadeiras em grupo, quando deixam aflorar as representações dos componentes sógnicos que expressam masculinidade e feminilidade. (2006, p. 159)

Seu Osvaldo ao revelar as brincadeiras de sua infância o faz com muita veemência e nos leva imaginar os espaços onde elas eram realizadas:

“Eu brincava muito de bola, jogava bola nas ruas da Cidade Velha. Brincava de soldado e ladrão, as meninas brincavam de roda”. (S. Osvaldo)

E de repente ele começa a cantar,

“Bombarqueiro, bombarqueiro, dê licença de passar” (...). (S. Osvaldo)

Ele continua:

“Tinha aquelas brincadeiras de São João, onde a gente fazia quadrilha”. (S. Osvaldo)

Além das brincadeiras de rua, havia as brincadeiras de época que eram tradicionais e faziam parte das vivências das crianças.

“Tinha o Palacete Pinho no Arsenal de Marinha, a gente tinha um bloco de carnaval que se chamava Garotos da Batucada e nasceu uma música naquele tempo que dizia: Tomara que chova três dias sem parar, tomara que chova...” (cantando). (S. Osvaldo)

Essas lembranças da infância de Seu Osvaldo revelam uma época marcada por experiências lúdicas criativas e até certo ponto ingênuas, que tinham um significado especial para as crianças daquela época. Como não existiam muitas formas de diversão, as crianças eram levadas a exercitar a criatividade para produzir formas de brincar e se divertir. Muito interessante notar que Seu Osvaldo quando criança tinha uma capacidade de contemplação pela natureza e pelos espaços por onde passava, isso é perceptível na maneira como ele narra sua história. Ele lembra dos passeios nas praças que sempre realizava com seu pai:

“A gente ia passear nas praças, nas esquinas das praças tinha um coreto com banda de música tocando aquelas machinhas à noite, isso era muito comum”. (S. Osvaldo)

Em meio às transformações por que passava a cidade, as que aconteciam nas praças eram as mais visíveis, elas estavam por toda parte: grandes, pequenas, sempre com um ar imponente para demarcar um tempo de prosperidade e de glamour. As crianças podiam brincar nelas sempre que por ali estivessem, o que acontecia, comumente, aos domingos.

As praças e ruas representavam os espaços mais comuns para as brincadeiras infantis, na maioria das narrativas podemos observar que esses ambientes eram o lócus privilegiado para os momentos de divertimento, sejam em passeios de ônibus, de bonde ou mesmo a pé com a família.



FIGURA 28: Praça da Trindade

FONTE: “O Pará – 1908”. Álbum do Estado do Pará.

Das lembranças de sua infância, Dona Rosa revela que gostava muito de participar de grupos de pastorinha que, segundo ela, era uma espécie de canto dramatizado que era apresentado no período de natal.

“Me lembro que a gente fazia pastorinha, eu ensinava as meninas. O governador vinha olhar, vinha o prefeito, o diretor da casa. Todos vinham ver. Tinha música no meio”. (D. Rosa)

E ela continua narrando:

“Acho que lembro de uma pastorinha, da música! Não sei se lembro!” (risos). (D. Rosa)

E de repente ela canta:

***“Nos montes somos pastores,
Alegremente vamos cantar.
Tudo nos fala de amor,
A campina verde nos ensina a amar.
Hoje é dia de imenso prazer,
É dia de festa”.***

Nesse momento, Dona Rosa faz uma pausa e diz ter esquecido a letra e, logo em seguida, recomeça a cantar:

***“De longe qual viadinho,
Correndo do caçador,
Tem um canto do carinho
Procurando o salvador.
Não há mais deserto,
Tudo floresceu! Tudo floresceu!
Tudo está por certo,
Porque um Deus nasceu.
Nas manhãs belas e serenas,
Além de um pobre amor
Correndo as estradas falenas,
Nesse bosque aqui estou.***

*Venho de longe passado
 A correr pelos caminhos,
 Colhendo as flores dos prados,
 Espantando os passarinhos,
 Que nos arvoredos fez o ninho.
 Estão a tecer seus ninhos.
 E consta que grande calma,
 Certo bem e doce sem fim,
 Já sinto até minh'alma
 Cantar dentro de mim.
 Com as pernas já cansadas,
 Não posso mais andar,
 Sinto a fadiga no meu corpo
 Acho melhor repousar”.*

Dona Rosa explica que nesse momento da apresentação ela se sentava em um banquinho baixinho, parecido com um toco (na verdade, parecido com um tronco de árvore), em seguida, ela continua só que desta vez, recitando:

*“Vinha um anjo e acordava o velho pastor,
 Nesse sono de harmonia, vinde adorar Jesus,
 Nascido filho da Virgem Maria.
 _ Que ouço? Um anjo enviado da corte celestial?
 _ Não temas, desço do céu a terra para comunicar-vos dessa
 graça nova.
 Depois espalharei a notícia,
 Vossos companheiros dormem depois que eu me for,
 Darei-lhe essa graça nova.
 _ Que graça nova?!
 É a vinda do Messias que faz os textos sagrados.
 Verdade! Digo-vos que essa é a graça nova,
 Quando soar a meia noite na cidade de Davi,
 Terá nascido o Cristo Redentor, filho de Deus - o redentor do
 mundo.
 Graças! Graças! Ficou ele, volte à paz e ao seio dos homens.
 Amém!
 Mas diz ele: por que tenho milho....*

Milhas de pastor, logo me escolheram para ser o primeiro a colher a boa nova?

Porque sois pobre e humilde,

Como pobre e humilde, será o Messias,

Reconhecerás o Messias, como eles encontram o Messias – o salvador do mundo.

Ele, o encontram na gruta em um mísero presépio, sobre uma cama de feno”.

A forte influência religiosa que Dona Rosa sofreu durante sua infância está representada nos trechos desta pastorinha que, segundo ela, eram dramatizados por ocasião das festas natalinas que aconteciam nas dependências do Asilo Dom Macedo Costa.

“A gente ficava vestida de pastora e apresentava pelo tempo de natal, começava desde o dia vinte e quatro e ia até o Dia de Reis – seis de janeiro. Tinha sábado e domingo”. (D. Rosa)

Para Dona Rosa, esses momentos representam uma parte de sua infância e adolescência e que deixaram muitas saudades. O fato de as crianças serem levadas a aprender todo o texto e até mesmo ensaiar a peça não era visto como uma obrigação indesejada. Ao contrário, aqueles momentos estavam encharcados de ludicidade e prazer, mesmo quando havia cobrança de mais atenção ou empenho por parte das Freiras da Ordem “Filhas de Sant’Ana”.

As pastorinhas eram encenações de peças natalinas, que aconteciam geralmente em salões paroquiais, estas encenações eram feitas por pequenos grupos constituídos de crianças de repartições religiosas. Em sua crônica “Pastoris, Poesia do Passado”, que faz parte do livro “Gostosa Belém de Outrora...”, Ribeiro, escreve o seguinte:

Já por volta de 1905, à época do Natal, quem abrisse pela manhã a “Folha do Norte” encontraria, como nota de atração para o povo, a demanda interessante em que se batiam na conquista das simpatias da cidade os partidos **Róseo** e **Azul** dos pastoris do tempo, destacadamente um celebrado grupo das “Brilhantinas”... (2005, p. 141, grifo do autor).

Mais adiante ele continua:

“Pastorinhas” de humilde organização, à frente de rústicos presépios, não eram menos queridas em sua modéstia que as de requintado esmero, montagem caríssima... Algumas se constituíam patrimônio de família,

herança que passava de pais a filhos, evoluídas para a apresentação em seus próprios teatrinhos, repletados em sessões seguidas. E comentados, discutidos, comparados no entusiasmo que dividia preferências entre o povo. (RIBEIRO, 2005, p. 142).



CORREDOR E PARTE ANTERIOR DO REFEITÓRIO DO AZYLO MENDICIDADEE

FIGURA 29: Corredor e parte anterior do refeitório do Asilo de Mendicidade

FONTE: “O Pará – 1908”. Álbum do Estado do Pará

Para Salles (1994), provavelmente o pastoril, como ele denomina, tem sua origem no mesmo momento de seus congêneres do Nordeste e, também, de outras regiões do país. No entanto, desenvolveu-se sob forte influência da cultura maranhense, descendendo também das lapinhas e dos belenzinhos que os padres armavam nas igrejas. Aliás, os padres, inicialmente, montavam pequenos dramas, mais tarde, com o passar do tempo, essas atribuições passaram para as irmandades, que impuseram uma participação feminina, assumindo uma forma mais dramática com aspectos peculiares em cada região. A organização do espetáculo exigia muito empenho de todos os participantes, que contava com adultos e crianças. Nesse sentido, Salles revela que:

A representação feita por esses grupos gira sempre em torno do nascimento de Jesus. Era composto cada grupo de no mínimo dez personagens, mas sempre superavam este número pelo acréscimo, um anjo, pastores, cigana rica, cigana pobre, florista, galegos (portugueses). Os ensaios começavam pelo mês de novembro e se prolongavam até o dia 23 de dezembro, quando se dava o ensaio geral. No dia 22 fazia-se o último ensaio de prova. A partir do dia 24 sucediam-se as apresentações para o público. (Ibidem, p.312).

As experiências de infância narradas por Dona Rosa assumem um aspecto institucionalizado e este fato nos revelou durante as entrevistas que a criança, por mais que esteja sob a égide de órgãos públicos, como era o caso de Dona Rosa, com regras definidas e horários monitorados, sempre há possibilidades de encontrar momentos de lazer e descontração mesmo que estejam no cronograma rígido da instituição.

Esse aspecto ficou evidente em alguns trechos da narrativa de Dona Rosa e eles ficam sutilmente subentendidos quando ela diz:

“Na hora de dormir a gente falava mal da freira (risos), que às vezes batia na gente”. (D. Rosa)

Em seguida ela completava:

“... mas a gente gostava dela”. (D. Rosa)

É possível perceber que aquele momento, a hora de dormir, era transformado em um momento de brincadeira, onde as crianças faziam uma espécie de avaliação do dia. Ali, elas conversavam sobre os momentos agradáveis e, também, aqueles em que sofriam algum tipo de punição. No entanto, ao final tudo era confidenciado entre elas e encarado como uma grande brincadeira coletiva.

O dormitório das meninas ficava em um dos lados da casa, as camas enfileiravam-se próximas à grande parede do alojamento, eram muitas meninas que moravam no local e, aquele momento, como todos os outros, tinha suas regras que não deveriam ser descumpridas. Porém, era naquele momento que as crianças encontravam motivação para continuar vivendo em um espaço marcado pela rigidez e pela disciplina.

Dona Rosa relembra que tanto ela quanto as outras meninas torciam para chegar a hora de dormir, só para ficarem cochichando e rindo de tudo o que havia acontecido durante o dia. É de se imaginar que essas meninas, incluindo a Rosa, mostrassem-se extremamente obedientes e comportadas e cumprissem todo o ritual imposto pela congregação das Filhas de Sant’Ana. No livro “Casa-Grande e Senzala”, o escritor Gilberto Freire ao tratar da relação entre o senhor do engenho e a menina relata que:

À menina, a esta negou-se tudo que de leve parecesse independência. Até levantar a voz na presença dos mais velhos. Tinha-se horror e castigava-se a

beliscão a menina respondona ou saliente; adoravam-se a acanhadas, de ar humilde. O ar humilde que as filhas de Maria ainda conservam nas procissões e nos exercícios devotos da Semana Santa, as meninas de outrora conservavam o ano inteiro. (1933, p. 438).

O autor observa que de uma forma ou de outra, meninas sempre viveram sob forte repressão, que inicialmente se vivessem em ambiente rigorosamente patriarcal, eram hostilizadas e que, normalmente, depois de casadas, o marido assumiria também o papel de tirano. Esse era um aspecto comum na sociedade escravista no Brasil. No entanto, tudo indica que essa realidade pendurou por muitos anos no Brasil republicano, basta perceber os depoimentos concedidos por Dona Rosa, Dona Glória e Dona Corila.

Para Dona Glória é muito marcante às lembranças das noites claras de lua cheia em que todos iam para a porta da casa para admirar a lua.

“...Assim à noite ela sentava, sentava assim na porta, né! Eu saía com as outras meninas pra brincar. Brincar de esconde-esconde, bom barqueiro, mas minha mãe era muito rígida. Eu não tinha muita liberdade não”. (D. Glória)

Sob o olhar atento de sua mãe, Dona Glória saía principalmente nas noites de lua para brincar na rua, próximo a casa. Ela comenta que nada escapava aos olhos da mãe, qualquer sumiço um pouco mais demorado, lá estava ela gritando seu nome.

Brincar de esconde-esconde era um problema, não tinha nem muita graça, elas optavam mais por outras brincadeiras, que não necessitava ficar longe de sua mãe. O bairro da Cidade Velha, onde morava, naquela época, tinha espaços muito bons para brincar, aos finais de semana, às vezes, ela e outras meninas se encontravam durante o dia para brincar de boneca, amarelinha, e de outras brincadeiras da época.

A festa do Círio de Nazaré também era um momento de divertimento para Dona Glória, o fato de sair de casa para passear junto à sua família era uma emoção que ela nunca esqueceu.

“O Círio era muito bonito, não era assim cheio de gente. Tinha muitos cavalos, assim na frente. No Ver - o - Peso ficavam muitas canoinhas. Também tinha o Porto do Sal”. (D. Glória)

Para as crianças, a Festa de Nossa Senhora de Nazaré representava um momento em que se podia desfrutar de muita alegria e prazer, mediante as várias opções oferecidas pela festa, que durava quinze dias. Todo o ritual da festa encantava as crianças, começando com a procissão do Círio, momento mais importante, que mobilizava toda a cidade, e, para crianças, como a menina Glória, enchia os olhos acompanha toda aquela representação, que parecia um grande teatro a céu aberto, com crianças fantasiadas de anjos, cavalos que seguiam acompanhando o cortejo, miniaturas coloridas de casas, canoas, enfim, muitos adereços que encantavam as crianças. Tudo era muito colorido, lindo de se apreciar, lembra Dona Glória.

Porém, nada dava tanto prazer às crianças, como a ida ao Arraial de Nazaré, lá tinha de tudo: queima de fogos, que durante muitos anos acontecia todas as noites; brinquedos; variados tipos de doces e o teatro, que no início da República tomou grande impulso. Segundo Salles,

Ainda em 1907, os jornais anunciavam a exibição ali da trupe os Pigmeus, conjunto de anões nordestinos, com seus bailados exóticos, sucedidos por um grupo de meninas com trajes de marinheiros cantando canções marítimas, certamente o velho romance da Nau Catarineta. Depois apareciam os Bonecos Chorões, num quadro cômico. Por fim, apresentavam-se os grupos Filhos de Sudam e o dos Pastores. (1997, p. 392).

Espetáculos importantes vinham se apresentar em Belém durante a Festa de Nazaré eram grandes companhias de teatro, de dança, companhias circenses, palhaços. No entanto, não só os grupos de fora se apresentavam, o teatro regional começava a se impor, muitas peças, desde 1910 até por volta de 1940 foram criadas, dando vitalidade ao movimento teatral. O popular Zezinho, que tinha competência reconhecida muito contribuiu com o lazer da população, com seus espetáculos cômicos. Exatamente nesse período começava então o declínio da borracha forçando grupos locais a construir novas possibilidades nesta área.

Mendes (1998) relata que o Largo de Nazaré servia de espaço para o arraial e que os espaços vagos entre os coretos e o pavilhão central ficavam preenchidos pelos brinquedos que alegravam toda a criançada da época. Em torno da Basílica ficavam os cinemas e os teatrinhos, nesses teatrinhos apresentavam-se muitos artistas brasileiros e estrangeiros famosos, grande parte deles direcionados ao público infantil. Nas lembranças do menino Osvaldo muitas programações aconteciam freqüentemente nos teatros e que se espalhavam pela cidade.



FIGURA 30: Procissão do Círio de Nossa Senhora de Nazaré

FONTE: Álbum Belém da saudade.

“Nós íamos ao teatro quando era uma peça infantil, essas peças infantis também se realizavam nas igrejas. No Teatro da Paz vinha o Carequinha. Vinham muitos palhaços!” (S. Osvaldo)

Já foi mencionado na seção que trata da criança e sua relação com a família e com o trabalho, que Seu Osvaldo participou intensamente do movimento artístico e cultural da cidade de Belém durante sua infância e adolescência. Suas narrativas revelam que ele foi um desses meninos que procurava sempre participar dos grandes eventos que aconteciam na cidade.

Ele relembra, por exemplo, das bandinhas de música que sempre se apresentavam pelos coretos das praças e das apresentações no Teatro da Paz de artistas de renome como Carmem Miranda, Bidu Saião, Vicente Celestino, entre outros. Ele confessa que não pôde assistir a esses espetáculos, por ser muito menino, porém acompanhava todo esse movimento cultural que acontecia na cidade.



FIGURA 31: Praça da República

FONTE: “O Pará – 1908”. Álbum do Estado do Pará

A paixão do menino Osvaldo era tão grande pelo Teatro da Paz que ele sabia de muitos detalhes interessantes da história daquele espaço.

“O Bar do Parque, ele não foi construído para ser um bar. O Teatro da Paz quando veio pré-construído e que foi montado aqui, ele veio sem bilheteria. Então vinha essas operetas russas tocar aqui, vinha Bidu Saião, vinha tudo... e não tinha bilheteria. Então construíram, onde ali hoje é o Bar do Parque, a bilheteria do teatro da Paz. O Bar do Parque era a bilheteria do teatro. (S. Osvaldo)

Há um interessante acervo histórico que trata do movimento artístico-cultural na cidade de Belém do Pará, especialmente no período de ascensão, auge e declínio da produção da borracha. Poucos documentos revelam, no entanto, a relação das crianças com esse contexto cultural, apesar da grande produção direcionada a este público. Aliás, a criança é muito pouco falada em outras áreas como educação, lazer, e trabalho, por exemplo. Resta-nos recorrer às memórias de Dona Corila, Dona Rosa, Dona Glória e, especialmente no que tange aos aspectos culturais, as de Seu Osvaldo.

Traçando um paralelo com as bibliografias consultadas, é possível perceber que a efervescência sócio-político-cultural da época talvez não tenha atentado para a riqueza histórica que se passava despercebida e que, posteriormente, seria revelada no âmbito da história da infância na cidade de Belém.

Em outro enunciado narrativo, Seu Osvaldo comenta que gostava de ir ao campo assistir a partidas de futebol. Os campos de futebol foram construídos fora da cidade, tanto o campo do Remo quanto o do Paysandu e da Tuna foram construídos próximos à Almirante Barroso, corredor de entrada da cidade, que no início do século XX era chamada de Avenida Tito Franco.

“Naquela época já era Remo e Paysandu³⁶. Meu pai, por ser português, era muito ligado à Tuna”. (S. Osvaldo)

“Eu gostava de torcer pela Tuna, mas o campo ficava fora da cidade”. (S. Osvaldo)

Para assistir a uma partida de futebol nesses campos a população teria que fazer uma viagem longa. Seu Osvaldo, que era torcedor da Tuna e morador do Bairro da Cidade Velha, enfrentava mais dificuldades para chegar até lá. Ele conta que o transporte era o fator que mais impedia sua ida ao campo de futebol. Era uma viagem demorada, mas, no final das contas, era muito prazeroso quando íamos ao campo aos domingos, relembra Seu Osvaldo.

Dona Rosa, por sua vez, guarda muitas aventuras vividas durante sua infância, apesar de todo o rigor imposto.

“Essa área do quartel em frente (gesticulando) era a nossa diversão. Getúlio veio para a inauguração. Todo dia a gente ia pra lá brincar no quartel”. (D. Rosa)

A área a que ela se refere é o espaço onde está localizado o Quartel do 2º BIS – Batalhão de Infantaria da Selva, em frente à Escola de Governo, antigo Asilo de Mendicidade, local que Dona Rosa morou por muito tempo. Na área externa do quartel,

³⁶Remo e Paysandu são os maiores clubes de futebol do Estado do Pará, o primeiro fundado em 1905 e o segundo em 1914. Durante todo o século passado esses dois clubes vêm se revezando em títulos no campeonato paraense. Seus estádios estão localizados de um lado e de outro da Avenida Almirante Barroso.

elas brincavam muito de corrida, pula-corda, esconde-esconde, piras, com bola, enfim, realizavam várias brincadeiras.

Segundo ela, de vez em quando todas as meninas atravessavam e passavam a tarde no campo e quando chovia era ainda mais divertido, porque podiam tomar banho de chuva. Dona Rosa lembra que todas as meninas rezavam para chegar o dia das freiras permitirem a ida ao espaço do quartel.

“O Governo mandava muito brinquedo, muita coisa. Mandava tudo quanto é qualidade de brinquedo”. (D. Rosa)

Ficou evidente na narrativa de Dona Rosa que o poder público teve uma participação efetiva em sua infância, assim como em toda sua vida. Suas narrativas revelam que apesar da situação enfrentada por ela e por todos os outros internos, havia apoio por parte do Governo, seja durante as comemorações, nas viagens e passeios que realizavam ou nos momentos de lazer.

“A gente ia pros brinquedos do Arraial, tudo de graça, tudo por conta do Governo. O Governo auxiliava muito a gente. Ia todo mundo, todas as meninas. Ele mandava um ônibus que desapareceu daqui, chamavam de ‘zeppelin’³⁷. Zeppelin era um avião que não tinha asa, só tinha um bucho!” (D. Rosa)

“Quando chegava o ônibus a gente fazia uma festa”. (D. Rosa)

“Ele não durou muito aqui não, ele foi pra São Paulo, porque disseram que ia se estragar aqui, ...que tinha muita lama”. (D. Rosa)

Mendes (1998) relembra que os zeppelins eram conhecidos como garapeiras, por lembrarem os quiosques onde se produzia o caldo de cana, ou melhor, a garapa. Esses ônibus circularam por décadas, desde os tempos de Lemos, especialmente aqueles que circulavam pelo Ver-o-Peso.

Esses meios de transportes eram muitos populares por aqui e se tornaram numa verdadeira atração para a criançada, por mais de uma década. Segundo Mendes:

³⁷ O nome foi uma homenagem ao inventor Conde Ferdinand Von Zeppelin. Tinham carroceria de madeira, ferro e flandres, pintados externamente na cor alumínio, o interior era em couro, acolchoado. Em vez de cobradores, eram tripulados por ‘aeromoças’. (Mendes, 1998, p. 73).

Enfarpelados em suas melhores roupas domingueiras, um bom programa infantil era dar uma volta no “Circular”, sentindo-se nas nuvens – precursores dos astronautas... Filhos meus, os mais velhos, ainda iriam desfrutar desse privilégio lá pelo final dos anos cinquenta. (1998, p. 73).

Para as crianças do Asilo Dom Macedo Costa realmente era uma festa saber que iam passear no zeppelin, eles só não imaginavam que aqueles ônibus um dia fossem desaparecer. De repente, como num passe de mágica, os passeios nas garapeiras só ficaram nas lembranças de todas as meninas, na de Dona Rosa elas estão bem vivas, e disso, ao que parece, ela tem muita saudade.

Dona Rosa recorda ainda que, às vezes, nem todas as meninas saíam para passear, quando era dia de passeio, as freiras escolhiam de acordo com o comportamento ou aquelas que tivessem realizado todas as tarefas do dia. Quando as meninas sabiam que ia ter passeio pela cidade ou alguma visita às praças, por exemplo, todas procuravam seguir cumprir as tarefas que eram determinadas, para não correr o risco de ficar de fora.

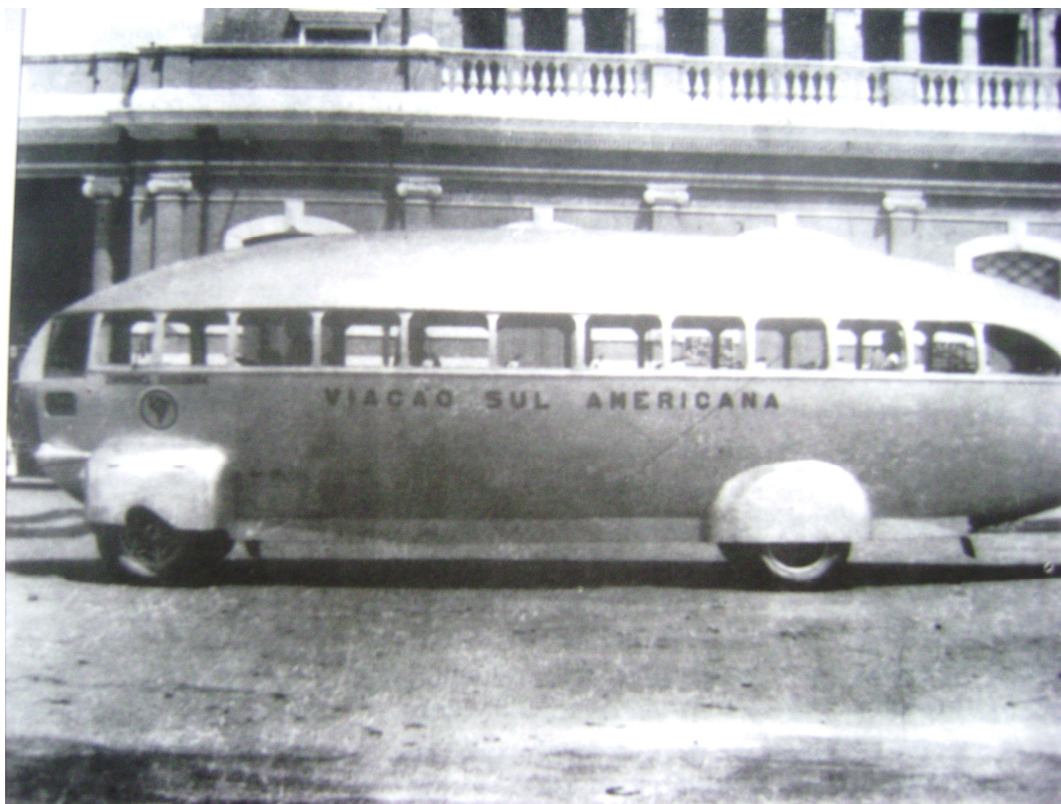


FIGURA 32: Uma imagem do ônibus Zeppelin

FONTE: A Cidade Transitiva, 1998.

Essas lembranças narradas pelos entrevistados relacionadas aos momentos de lazer vêm contrapor às minhas expectativas em relação a esse tema tão próximo e ligado ao mundo infantil. Segundo Paulino (2002), as brincadeiras vêm sendo consideradas há algum tempo a principal atividade das crianças, tanto que as instituições sociais tentam cada vez mais organizá-las para favorecer a introdução das crianças em sociedade.

O tempo vivido pelos sujeitos entrevistados ocupava-se em encaminhar a criança ao mundo do trabalho, ao mundo dos adultos, muito se falou em “criança: futuro da nação”, talvez tanta investida na disciplina e no controle tenha transformado os entrevistados em sujeitos amedrontados, incapazes de falar do jogo, da brincadeira, do lúdico.

O fato é que todos, principalmente as três entrevistadas, não demonstraram muito interesse em falar de seus momentos de lazer, como se estivessem sendo vigiadas não só pelas suas famílias, mas por toda a sociedade tradicional, inda que se definisse moderna, da cidade de Belém do início do século XX.

(RE) LEMBRANDO AS INFÂNCIAS: DIÁLOGOS (IN) CONCLUSOS

Ao iniciar esta pesquisa sobre a história das crianças na cidade de Belém do Pará durante a primeira metade do século XX, tive a sensação, por muitas vezes, que não teria fôlego para chegar a um final. Apesar de muitas pessoas com que conversei dizer que seria interessante o que eu intencionava pesquisar e que iria encontrar muitos informantes com as mais diferentes histórias, mesmo assim tive muito receio de encarar essa tarefa.

Ao final dela, agora falando como alguém que viveu a experiência, tenho a sensação de ter cumprido satisfatoriamente a pesquisa. Procurei dar voz e vez aos meus narradores que através de suas memórias, representaram a história de muitas crianças que tiveram sonhos e fantasias em uma época marcada por uma infância negada.

Atualmente, apesar do pouco avanço que alcançamos na questão do cuidado e respeito pelas crianças, já existem algumas experiências inovadoras no que diz respeito às pesquisas com crianças. Aqui em Belém do Pará, nos anos de 2000 e 2002, foi realizado dois congressos para crianças, nesses encontros elas eram convidadas a pensar e construir as políticas públicas na área. Naquele momento, as crianças tinham a chance de externar aquilo que sentiam e que queriam enquanto sujeitos ativos e participativos.

Essa experiência teve repercussões em nível nacional, fazendo com que a cidade de Belém recebesse o merecido título de “Cidade Criança”. Apesar disso, ainda hoje, após tantos anos de República, grande parte dos problemas enfrentados pelas crianças no início do século XX estão presentes e, em alguns casos, em maior gravidade que à época.

Que bom seria se Dona Rosa, Dona Glória, Dona Corila e Seu Osvaldo, tivessem a oportunidade de serem ouvidos naquela época, que fossem reconhecidos como pessoas de direito, capazes de externar suas vontades, seus desejos e suas opiniões. Contudo, felizmente, eles agora foram os testemunhos de um tempo vivido, tempo que representa para a história do povo brasileiro um divisor de águas entre duas concepções de sociedade, determinadas por modos de produção diferentes e, consequentemente, por visões também diferenciadas da criança e da infância.

As narrativas desses sujeitos entrevistados favoreceram um movimento constante naquele contexto, muito embora em nenhum momento tenha feito qualquer menção ou enquadramento entre o tempo de infância dos sujeitos e o recorte temporal da pesquisa. A idéia foi exatamente esta, deixar com que as memórias falassem por si só, e que fossem dando sentido e significado ao tempo de infância, determinado por seus enunciados. Acredito que esta opção foi mais uma prova de respeito aos informantes, que se sentiram à vontade para narrar fatos ou momentos internalizados durante a fase, considerada por cada um deles, da sua infância.

As lembranças acerca de contexto histórico da cidade de Belém revelaram muitas situações interessantes vividas pelas crianças. A forte movimentação do período era sentida pelas crianças em todos os aspectos. Tida como uma das cidades mais desenvolvidas e modernas da época, a cidade revelava-se para as crianças, rodeada de atrativos que, embora distante da realidade de muitas delas, não deixavam de ser contemplados.

As construções suntuosas enchiam os olhos de todos os habitantes, inclusive das crianças que tinham muitas vezes a oportunidades de conhecê-las e participar de eventos que aconteciam nesses espaços. A relação que as crianças estabeleciam com as ruas e com as praças era muito interessante, apesar de naquele momento existir certo rigor, principalmente com as meninas, que eram muitas vezes impedidas de freqüentar ou de brincar nas ruas ou nas praças.

A riqueza conquistada na Amazônia, através da produção e comercialização da borracha, principalmente durante parte do século XIX, fez com que a cidade de Belém figurasse entre as mais importantes cidades do País, porém, muitos problemas foram também provocados em contradição ao progresso.

O aumento do número de habitantes que vieram atraídos por trabalho, conseqüentemente o aumento no número de crianças, representou um dos problemas que mereceram atenção por parte dos governantes da época. Havia necessidade de políticas públicas que garantissem uma melhor condição de vida para essas crianças, no âmbito da saúde, do lazer, da moradia e da educação. Muitas crianças foram vítimas das mais diferentes epidemias que foram se alastrando pela cidade. O poder público em certos momentos culpava as mães pela falta de cuidado com as crianças, que amparado

pelo discurso da higiene criava e colocava em prática regras que interferiam diretamente na vida dos habitantes, especialmente das crianças. Na verdade o poder público tentava a todo custo disciplinar e criar um padrão de postura baseado nos padrões europeus da época.

Foi muito comovente ouvir e registrar as narrativas de Dona Rosa, que possibilitaram compreender e se indignar com a história de vida de muitas crianças que foram vítimas do abandono, da exclusão, da injustiça, da prepotência e da exploração. No entanto, é a história da superação, do sonho, da esperança, e também de muitas alegrias. A infância de Dona Rosa revelou a face mais sofrida de muitas crianças que viveram no Brasil durante a fase inicial da República. A criança, nessa época, torna-se para o Estado uma possibilidade de ascensão, a garantia de que o país, futuramente, alcançaria um lugar de destaque entre as nações do mundo. Era a corrida para a modernidade. Modernidade que, a todo instante, revelava as contradições da sociedade e que permitia que muitas crianças, como a menina Rosa, sofressem com os maus tratos e o abandono.

Diante disso, muitas crianças consideradas empecilhos nessa trajetória, eram colocadas em abrigos públicos. Esses abrigos eram em sua maioria dirigidos por congregações religiosas que seguiam princípios e diretrizes comuns, ou seja, primavam pela disciplina, obediência, eficiência.

Essas instituições eram vistas pelo poder público como ambientes ideais para impedir que crianças das camadas populares viessem a causar preocupações ou atormentar a ordem pública. As narrativas de Dona Rosa possibilitaram entender as políticas de assistência direcionadas à infância que teve como marco inicial a roda de expostos, no século XIX.

O forte movimento cultural da cidade de Belém foi outro aspecto que mereceu destaque nas narrativas dos quatro sujeitos entrevistados. As lembranças dos espetáculos teatrais, das sessões de cinema, das bandinhas de música, não podiam deixar de fazer parte dos melhores momentos de suas vidas. Tudo fazia parte de um grande cenário artístico e cultural que tinha a intenção de transformar Belém em uma cidade de primeiro mundo. Mesmo após o declínio da borracha, por volta dos anos vinte, a cidade ainda ostentava o brilho e o glamour da *Belle Époque*.

Evidente que mesmo não fazendo parte da elite da época, as crianças percebiam tudo o que acontecia na cidade. Pude constatar que Dona Rosa, Dona Glória, Dona Corila e Seu Osvaldo eram de origem humilde, mas, nem por isso, deixavam de participar de alguns acontecimentos culturais da cidade.

Seu Osvaldo, por exemplo, quando criança teve a oportunidade de ver e ouvir as apresentações das bandinhas nos coretos das praças, que aconteciam, com frequência, nos finais de semana. Não dispensava também as farras com os coleguinhas nos blocos de carnaval que aconteciam pelas ruas mais importantes da cidade. Seu Osvaldo era uma dessas crianças que gostava de participar do movimento cultural da cidade, mesmo que para isso houvesse necessidade de transgredir regras impostas pelos adultos.

Para as meninas, a formação dos grandes centros urbanos, impulsionados pelo crescimento e desenvolvimento industrial, criou uma série de condutas por parte de suas famílias. O espaço urbano foi se tornando cada vez mais perigoso, chegando ao ponto de serem impedidas de transitar ou de até mesmo brincar nas ruas.

Mesmo assim, elas não deixavam de contemplar os bondinhos que cruzavam diariamente a cidade transportando passageiros e cargas. Eles representavam mais que um meio de transporte para as crianças era vistos como verdadeiras atrações, e, passear dentro deles, era um programa especial para elas. A modernização da cidade trouxe consigo uma série de normas que, aos poucos, ia se enquadrando no cotidiano dos moradores. Havia a necessidade de determinar e classificar os espaços de acordo com o poder aquisitivo. Esse aspecto muito bem arquitetado estava presente nos teatros, nos cinemas, nos meios de transporte, nos bares e cafés, enfim, cada vez mais a população menos favorecida era impedida de frequentar esses ambientes.

A educação foi um dos grandes desafios da sociedade da época, o grande movimento imigratório forçou o poder público a tomar muitas decisões nessa direção. A falta de escola e o aumento do número de crianças fora dela foi motivo de muitos debates para construir um programa que viesse ao encontro dos novos preceitos da sociedade que se almejava naquele momento. Assim, com o advento da República, o pensamento educacional brasileiro da época tentou romper com a velha idéia que se pautava em uma educação contemplativa onde toda a atenção era centrada no professor.

As narrativas revelaram que todo o foco estava voltado para os alunos, contudo, a escassez de escolas levava muitas vezes crianças a deixar de frequentá-las ou criar alternativas como, por exemplo, estudar em casa, sozinhas ou com o apoio da mãe.

O fato é que não se podia mudar uma nação sem antes mudar a visão sobre a educação das crianças, ela passou a ser condição essencial para o processo de mudança, porém pouco se avançava nesse debate. A falta de recursos públicos provocada pelo endividamento em decorrência do declínio da produção e comercialização da borracha, inviabilizava que a administração construísse novas escolas para atender a demanda que crescia a cada dia.

Um outro aspecto que merece destaque nesse campo foi a reafirmação da mulher no magistério levantando algumas hipóteses sobre o fenômeno, porém, todo o debate não impediu que elas ocupassem, definitivamente, um espaço que antes era, prioritariamente, de homens.

Muito interessante também nos enunciados narrativos dos sujeitos entrevistados era a questão relacionada à divisão de turmas por sexo, essa condição, comum na maioria das escolas, revelava o nível de organização e de qualidade de ensino. As narrativas deixavam transparecer que a escola que adotava a separação de turmas por sexo, que era a maioria, tinha organização e qualidade, estas funcionavam de forma harmoniosa e sem bagunça. No entanto, o que realmente estava em jogo era a questão da igualdade de direitos entre os seres humanos, que vinha sendo, há algum tempo, provocada por vários fatores ligados às concepções da sociedade moderna.

A trajetória das crianças na família e no mundo do trabalho foi constantemente abordada nas narrativas. No que se refere à constituição familiar, podemos perceber que no período estudado, o poder público começa a incentivar a estrutura monogâmica de família, muito embora houvesse uma diversidade de realidades.

O cuidado, o zelo e a disciplina foram condutas verificadas nas memórias dos que viveram a infância no início do século XX. Ficou evidenciado nas narrativas de Dona Rosa, Dona Corila e Dona Glória que havia exigências constantes no que se refere aos trabalhos domésticos. Para os pais, uma boa formação era aquela em que a criança começava a exercer as várias atividades domésticas desde cedo. Evidentemente que o

Poder Público compactuava e incentivava essa conduta. Além disso, a prática do trabalho infantil ancorava-se na disciplina, na organização e no controle da família.

No caso específico de Dona Rosa, suas revelações em relação à família e ao trabalho permitiram entrar em algumas realidades sombrias de muitas crianças que viveram sob a égide de instituições de assistência pelo Brasil afora.

Eram rotinas desgastantes enfrentadas pela menina Rosa, não havia muito tempo para ser criança. As instituições funcionavam como verdadeiros centros de adestramento e tinham como princípios a ordem e a disciplina, que eram exercidos desde o amanhecer até a hora de dormir. O Estado via nesses espaços a possibilidade de afastar das ruas futuros delinquentes que viessem a perturbar a ordem pública. As políticas de assistência nessa área foram cada vez mais reforçadas e as crianças pobres foram obrigadas a conviver com essa dura realidade por muito tempo. Tudo era em nome da ordem e do bom funcionamento da sociedade.

A história de Dona Rosa trouxe à tona uma realidade que aparentemente representava uma eficaz política por parte do Poder Público em relação às crianças desamparadas. Porém, seus depoimentos comprovaram que apesar de ter um espaço de sobrevivência, não havia ali, um sentimento de família e as relações eram pautadas pelo medo e conseqüentemente pela subserviência.

Infelizmente, o trabalho infantil é uma realidade que sempre esteve presente na vida de muitas crianças desde a tenra idade. No decorrer dos anos foi assumindo feições diferentes, porém, sempre foi alvo de críticas e inquietações que ainda hoje não se tem muito avanço no que diz respeito à sua erradicação. Se, por um lado, a sociedade capitalista começa a reconhecer a criança como sujeito de direitos, por outro, revelou sua incapacidade em garantir políticas que impedissem que elas fossem levadas ao mundo do trabalho e da exploração.

A relação da criança com o lazer foi um fator pouco mencionado, a meu ver, pelos entrevistados. Criei a expectativa de que muitas histórias sobre brincadeiras, jogos, brinquedos fossem revelados, no entanto pouco se falou sobre esse aspecto. No entanto, ficou evidenciado que não eram oferecidas às crianças do início do século XX muitas opções de lazer e diversão.

Em algumas passagens narradas, o lazer esteve relacionado à Festa do Círio de Nazaré, todo o ritual, incluindo o arraial, foi alvo de observação dos entrevistados. Para as crianças da época, esse momento representava um momento de lazer, pois olhar os brinquedos, as peças infantis, os filmes no Largo de Nazaré era muito prazeroso. Nessa época a cidade vivia um intenso movimento artístico e cultural e as programações eram direcionadas também para o público infantil.

Em suas narrativas, Dona Rosa revelou com intensidade, muitos momentos interessantes em que ela, juntamente com as meninas internas do Asilo Dom Macedo Costa, brincavam mesmo que, às vezes, tivessem que transgredir as normas impostas pela direção da instituição. Apesar do aspecto institucionalizado em que era montada, a pastorinha assumia feições de lazer para as crianças da época, esse momento era vivenciado com muito prazer, pelo menos para Dona Rosa, que revelou sentir muita emoção toda vez que vem em suas lembranças.

A intenção da pesquisa foi conhecer um pouco da história de crianças que viveram na cidade de Belém, na primeira metade do século XX, partindo das memórias de pessoas que tiveram demarcadas suas infâncias, exatamente, naquele período. Em nenhum momento, tive a pretensão de estabelecer com isso generalizações que viessem a comprometer os resultados ou, até mesmo, empobrecer a complexidade das relações humanas dentro do contexto estudado. Procurei conhecer as múltiplas facetas da vida das crianças que conduziram, através das memórias, a muitos lugares, a muitas injustiças, a muitas decepções, mas, sobretudo, a muitos sonhos.

Ao final desta pesquisa fico com a sensação de ter cumprido um importante papel, o de ter testemunhado e revelado muitas histórias, através de memórias de velhos, que foram negadas e silenciadas e que representaram a história de várias crianças que ajudaram a construir este país que, ainda hoje, apresenta tanta desigualdade e exclusão social.

Essa pesquisa fez-me perceber que precisamos ouvir mais as próprias crianças, que diante de tanta insensatez, elas conseguem ver e dizer aquilo que não conseguimos enxergar. O mundo, certamente, seria melhor, se déssemos chance às crianças que, insistentemente, sobrevivem e acompanham atentas à história da humanidade.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Martha. **Meninas perdidas**. In: DEL PRIORE, Mary. (Org.) História das crianças no Brasil. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2007.
- ADORNO, Theodor W. **Textos escolhidos – Adorno vida e obra - Conceito de iluminismo**. Coleção os pensadores. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999.
- ARIÉS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3.ed.- Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.
- ALVES FILHO, Armando; SOUA JÚNIOR, José Alves de; BEZERRA NETO, José Maria. **Pontos de história da Amazônia**. 2. ed. rev. Ampl. Belém: Paka-Tatu, 2000.
- ANDRADE, Paulo de Tarso. **Belém e suas histórias de Veneza Paraense: A Belle Époque**. 2. ed. rev. reed. Belém, 2004.
- ARANHA, M. L. de Arruda. **História da Educação**. São Paulo: Ed. Moderna, 1989.
- CASTRO, Ribamar. **Atos dos governadores – 1891 a 1930**. V. 1. Belém: Imprensa Oficial, 2002.
- BEZERRA NETO, José Maia; GUZMÁN, Décio de Alencar (orgs.) **Terra Matura: Historiografia e História Social da Amazônia**. Belém: Paka-Tatu, 2002.
- BOGDAN, Roberto C. e BIKLEN, Sani Knopp. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto Editora Ltda, 1994.
- BONAZZI, chantal. **Arquivos: propostas metodológicas**. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (orgs). Usos e abusos da História oral. 2. ed. – Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: Lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BROCKMEIER, Jens; HARRÉ Rom. Narrativa: Problemas e promessas de um paradigma alternativo. **Psicologia: Reflexões e crítica**, Porto Alegre, v. 16, n. 3, p. 525-535, 2003.
- CÂMARA, Sônia. A constituição dos saberes escolares e as representações de infância na Reforma Fernando de Azevedo de 1927 a 1930. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, nº 8, p. 159-180, jul./dez/ 2004.
- CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **Reformas da instrução pública**. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de; e, VEIGA, Cynthia Greive. (Orgs.) 500 anos de educação no Brasil. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 1994.

CORRÊA, Ângela Tereza de Oliveira. **Músicos e poetas na Belém do início do século xx: incursionando na história da cultura popular**. 2002.119 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento- PLADES, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, UFPA, 2002.

CORRÊA, Carlos Humberto P. **História oral: Considerações sobre suas razões e objetivos**. In: MEIHY, José C. S. B. (Org). (Re) introduzindo a história oral no Brasil. São Paulo: Xamã, 1996.

CRUZ, Ernesto. **Ruas de Belém**. 2. ed. Belém: CEJUP, 1992.

CUNHA, Marcos Vinícius da. **A escola contra a família**. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VEIGA, Cynthia Greive. (Orgs.) 500 anos de educação no Brasil. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. **Crianças como agentes do processo de alfabetização no final do século XIX e início do XX**. In: MONARCHA, C. (Org.) Educação da infância brasileira 1875 – 1983. Campinas: Autores Associados, 2001.

FARIAS, Mabel. **Infância e educação no Brasil nascente**. In: VASCONCELLOS, Vera Maria Ramos de. (Org.) Educação da Infância: história e política. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (Orgs). **Usos e abusos da história oral**. 2 ed.- Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. **Memórias da infância na Amazônia**. In: DEL PRIORE, Mary. (Org.). História das crianças no Brasil. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2007.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2. ed. – Porto Alegre: Bookman, 2004.

FRANÇA, Maria do Perpétuo Socorro Gomes de Souza Avelino. **José Veríssimo (1857-1916) e a educação brasileira republicana: Raízes da renovação escolar conservadora**. 186 p. 2004. Tese (doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade de Campinas, Campinas, 2004.

FONTES, Edilza. **O paraíso chama-se Pará: O Álbum “Pará em 1900” e a propaganda para atrair imigrantes**. In: BEZERRA NETO, José Maia; GUZMÁN, Décio de Alencar. (Orgs.) Terra matura: historiografia e história social na Amazônia. Belém: Paka-Tatu, 2002.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 27 ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

FRANCOIS, Etienne. **A fecundidade da história oral**. In: AMADO, Janaína; e FERREIRA, Marieta de Moraes. (Orgs.) Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande e senzala**. São Paulo: Círculo do Livro S. A., 1933.

FREITAS, Marcos Cezar de. **História social da infância no Brasil**. (org.) 5 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HEYWOOD, Colin. **Uma história da infância: da Idade Média à época contemporânea no Ocidente**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

KRAMER, Sônia; LEITE, Izabel (Orgs.) **Infância: fios e desafios da pesquisa**. Campinas: Papirus, 1996.

_____. **A política do pré-escolar no Brasil - A arte do disfarce**. São Paulo: Cortez, 1992

KUHLMANN JÚNIOR, Moysés. **Infância e educação infantil: uma abordagem histórica**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

LACERDA, Franciane Gama. **Infância e imigração no Estado do Pará – final do século XIX, início do século XX**. In: BEZERRA NETO, José Maia; GUZMÁN, Décio de Alencar. (Orgs.) Terra matura: historiografia e história social da Amazônia. Belém: Paka-Tatu, 2002.

LOURO, Guacira Lopes. **Mulheres na sala de aula**. In: DEL PRIORE, Mary. (Org.) História das mulheres no Brasil. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. **Práticas e estilos de pesquisa na história oral**. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (Orgs). Usos e abusos da história oral. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História oral e memória: a cultura popular revisitada**. 5.ed.- São Paulo: Contexto, 2003.

MARCÍLIO, Maria Luiza. **A roda dos expostos e a criança abandonada na história do Brasil- 1726-1950**. In: FREITAS, Marcos Cezar de. (Org.) História social da infância no Brasil. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

MENDES, Armando Dias. **A cidade transitiva: rascunho de recordância e recorte de saudade da Belém do meio século**. Belém: Imprensa Oficial do Estado, 1998.

MIRANDA, Cybelle Salvador. **Cidade Velha e Feliz Lusitânia: cenários do patrimônio cultural em Belém**. 2006. 262 f. Tese de Doutorado – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2006.

GADOTTI, Moacir. **História da idéias pedagógicas**. São Paulo: Ática, 1993.

NAGLE, Jorge. **Educação e sociedade na primeira república**. São Paulo: EPU, 1974.

NASCIMENTO, Terezinha A. Quaiotti Ribeiro do. **Pedagogia liberal modernizadora: Rui Barbosa e os fundamentos da educação brasileira republicana**. Campinas: Autores Associados- FE/Unicamp, 1997.

O ESPAÇO AMAZÔNICO: SOCIEDADE E MEIO AMBIENTE/ Alcidema Monteiro [et. al.] – Belém : UFPA/ NPI, 1997.

PÁDUA, Elisabete Matallo Marchesini. **Metodologia da pesquisa: Abordagem teórico-prática**. 6. ed. Campinas: Papirus, 2000.

PASSETTI, Edson. **Crianças carentes e políticas públicas**. In: DEL PRIORE, Mary. História das crianças no Brasil. 6. ed. São Paulo. Contexto. 2007.

PAULINO, Lúcia Helena Cavasin Zabotto. **A brincadeira, o jogo, a criação: crianças e adultos filosofam**. In: KOHAN, Walter (Org.). Ensino de filosofia – perspectivas. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

PARÁ. Governo do Estado. **Atos dos Governadores**. Belém: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

RIBEIRO, De Campos. **Gostosa Belém de outrora...** Belém: Secult, 2005.

RIZZINI, Irene. **O século perdido: raízes históricas das políticas públicas para a infância no Brasil**. 2.ed.rev. São Paulo: Cortez, 2008.

RIZZINI, Irma. **Pequenos trabalhadores do Brasil**. In: DEL PRIORE, Mary. (Org.) História das crianças no Brasil. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

SALLES, Vicente. **Épocas do teatro no Grão-Pará: ou, apresentação do teatro de época**. Belém: UFPA, 1994.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. **As culturas negadas e silenciadas no currículo**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.) Alienígenas da sala de aula: Uma introdução aos estudos culturais em educação. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

SARGES, Maria de Nazaré. **Belém: riquezas produzindo a belle- époque (1870-1912)**. Belém: Paka-Tatu, 2002a.

_____. **Memórias do “Velho Intendente”. (1969-1973)**. Belém: Paka-tatu, 2002b.

STEARNS, Peter N. **A infância**. São Paulo: Contexto, 2006.

SOIBET, Rachel. **Mulheres pobres e violência no Brasil urbano**. In: DEL PRIORE, Mary. (Org.) História das mulheres no Brasil. 8 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. **Infância, escola e pobreza: Ficção e realidade**. Campinas: Autores Associados, 2002.

VALLE, Lílían do. **A escola e a nação**. São Paulo: Editora Letras e Letras, 1997.

VALENTE, José. **A história nas Ruas de Belém: Cidade Velha**. Belém: CEJUP, 1993.

VIDAL, Diana Gonçalves. **Escola Nova e processo educativo**. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIAS FILHO, Luciano Mendes; e VEIGA, Cynthia Greive. (Orgs.) 500 anos de educação no Brasil. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

VILLELA, Heloisa de O. S. **O mestre-escola e a professora**. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIAS FILHO, Luciano Mendes; e VEIGA, Cynthia Greive.(Orgs.) 500 anos de educação no Brasil. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

ENTREVISTAS CONCEDIDAS

Oswaldo Sá Vieitas, 81 anos. Entrevista concedida em setembro de 2007.

Maria da Glória Melo da Silva, 96 anos. Entrevista concedida em setembro de 2007.

Corila Ferreira Barros, 93 anos. Entrevista concedida em outubro de 2007.

Rosa Ferreira do Carmo, 80 anos. Entrevista concedida em outubro de 2007.

JORNAIS CONSULTADOS

Folha do Norte: Janeiro a dezembro de 1930.

Folha do Norte: Outubro a dezembro de 1935.

O Linguarudo. Jornal estudantil Independente – Paladino defensor da liberdade. Belém, 1951.

ÁLBUNS DE FOTOGRAFIAS CONSULTADOS

O Pará – 1908: Álbum do Estado do Pará

Álbum de Belém do Pará – Nov. de 1902.

Álbum Belém da Saudade: A memória de Belém do início do século em cartões postais - 1998.

REVISTAS CONSULTADAS

Revistas do Instituto Histórico e Geográfico do Pará – 1931, 1932, 1933.

“O ensino”. Revista mensal de pedagogia, literatura, artes e ofícios do Instituto Lauro Sodré, Belém, 1918-1919.

“Revista Acadêmica”. Acadêmicos de Direito do Pará, 1920.

“Terra Imatura”. Tipografia do Instituto Lauro Sodré, Belém, 1938-1939.

APÊNDICE A

ROTEIRO DAS ENTREVISTAS	
Identificação.	
Nome:	
Data de nascimento:	
Idade:	Sexo:
Profissão:	
EIXO: Infância e a cidade.	
Onde nasceu?	
Morava em que bairro?	
Viveu toda a infância na cidade de Belém?	
Como era a rua?	
EIXO: Infância e educação.	
Onde estudava?	
Como era a escola?	
O que era ensinado?	
Tinha muitas crianças estudando?	
EIXO: Infância e família.	
Como era a família?	
Tinha irmãos?	
Quem mandava mais o pai ou a mãe?	
EIXO: Infância e trabalho.	
Quem trabalhava em sua casa?	
Havia tarefas a serem executadas no dia-a-dia? Quais?	
EIXO: Infância e lazer.	
Quais eram as brincadeiras?	
Em que momento se brincava?	
Os meninos brincavam com as meninas?	
Quais eram os espaços de lazer da cidade?	

APÊNDICE B

**CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTOS ORAIS PARA A
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ**

I. Pelo presente documento,
..... situada à
....., órgão do Governo do Estado do Pará, registrado sob o
número de CNPJ cede e transfere neste ato, através de sua
chefia imediata, em caráter universal e definitivo à Universidade Federal do Pará a
totalidade dos seus direitos patrimoniais de autor sobre os depoimentos orais concedidos
pelos seguintes internos que se encontram sob sua tutela:

1:
2:
3:
4:

As entrevistas foram concedidas entre os meses de a
..... de 2007.

II. Na forma preconizada pela legislação nacional e pelas convenções internacionais de
que o Brasil é signatário, OS ENTREVISTADOS, proprietários originais dos
depoimentos de que trata este termo, terão, indefinidamente, o direito ao exercício pleno
dos seus direitos morais sobre os referidos depoimentos, de sorte que sempre terão seus
nomes citados por qualquer utilização.

III. Fica, pois, a Universidade Federal do Pará plenamente autorizada a utilizar os
referidos depoimentos, no todo ou em parte, editado ou integral, inclusive cedendo seus
direitos a terceiros, no Brasil e/ou no exterior.

Sendo esta a forma legítima e eficaz que representa legalmente os nossos interesses,
assinam o presente documento em 02 (duas) vias de igual teor e para um só efeito.

Belém, de de 2008.

Chefia imediata da Instituição

Testemunha